

**ÍCARO CARVALHO**

**IMAGENS DO ABISMO:**

**A miséria dos pobres de Londres e do Rio de Janeiro na virada para o Século XX**

**PORTO ALEGRE**

**2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA  
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, SOCIEDADE E HISTÓRIA DA  
LITERATURA**

**IMAGENS DO ABISMO:**

**A miséria dos pobres de Londres e do Rio de Janeiro na virada para o Século XX**

**ÍCARO CARVALHO**

**ORIENTADOR: PROF. DR. ANTÔNIO MARCOS VIEIRA SANSEVERINO**

Dissertação de Mestrado em Literatura apresentada ao Instituto de Letras como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

**PORTO ALEGRE**

**2020**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

Carvalho, Ícaro  
IMAGENS DO ABISMO: A miséria dos pobres de Londres  
e do Rio de Janeiro na virada para o Século XX / Ícaro  
Carvalho. -- 2020.  
128 f.  
Orientador: Antônio Marcos Vieira Sanseverino.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Rio de Janeiro. 2. Londres. 3. Literatura e  
sociedade. 4. História. 5. Classes Sociais. I. Vieira  
Sanseverino, Antônio Marcos, orient. II. Título.



**ATA PARA ASSINATURA N° 1241**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Instituto de Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras  
LETRAS - Mestrado Acadêmico  
Ata de defesa de Dissertação

Aluno: Ícaro Carvalho, com ingresso em 09/08/2018

Título: **IMAGENS DO ABISMO: A miséria dos pobres de Londres e do Rio de Janeiro na virada para o Século XX**

Orientador: Prof. Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino

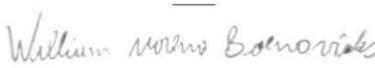
Data: 12/01/2021

Horário: 14:00

Local: Banca Virtual

<b>Banca Examinadora</b>	<b>Origem</b>
Homero José Vizeu Araújo	UFRGS
Sandra Sirangelo Maggio	UFRGS
William Moreno Boenavides	IFSUL

Porto Alegre, 12 de janeiro de 2021

<b>Membros</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Avaliação</b>
Homero José Vizeu Araújo		A
Sandra Sirangelo Maggio		A
William Moreno Boenavides		A

Conceito Geral da Banca: **(A)** Correções solicitadas: ( ) Sim ( ) Não

**Observação:** Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.



Aluno



Orientador

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por absolutamente todos os momentos nestes sete anos. Amadureci, fiz amigos e tive oportunidades únicas graças à universidade e às pessoas que nela trabalham. Despeço-me com uma saudade intolerável de poder uma vez mais caminhar pelo campus num fim de tarde.

À professora Regina Zilberman por ter-me acolhido de forma tão carinhosa e por ter-me ensinado desde a enviar emails sucintos, até a acreditar que era sim possível criar um curso de extensão do zero. Poucas pessoas significam tanto na minha vida e trajetória de estudos quanto Regina.

À professora Jane Tutikian pela cordialidade com que me tratou em todas as oportunidades e pelo entusiasmo com as minhas vitórias. À professora Elaine Indrusiak por ter-me apresentado estudos de narrativa completamente diferentes daqueles que estava acostumado. Agradeço também pelo carinho, pelas xícaras de chá no gabinete e pela paciência com todas as coisas que solicitei.

À professora Gínia Gomes pelos conselhos que não versavam apenas sobre literatura. Agradeço muito pelas aulas sobre o Grande Sertão. Há um Ícaro antes de atravessar as veredas e outro após a leitura. Ecoará para sempre a professora Gínia lendo em voz alta “Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto”.

Ao professor Homero Araújo por ter acreditado em mim no longínquo ano de 2015 e ter me dado a primeira chance de sentir o que era de fato pesquisar. Provavelmente não estaria apresentando este trabalho se não fosse pelo professor Homero, e, se eu estivesse aqui na mesma situação, o trabalho com certeza seria menos rico.

À professora Sandra Maggio por ajudar-me de formas que ela provavelmente nem imagina. Sentia-me em casa nas aulas da Sandra, sentia-me acolhido recebendo seus emails e agradeço por ter topado a ideia inusitada de pesquisarmos música para o meu trabalho de conclusão de curso. Será sempre uma das minhas pessoas preferidas no mundo.

À Isadora e por todas as fases da nossa amizade, por compartilhar o mesmo entusiasmo pelas mesmas coisas que eu. Ao Martin, à Brenda e ao Alfredo por sempre terem me acolhido de forma tão doce, e também por me fazerem rir com extrema facilidade. Ao amigo Antônio Barros pela companhia (virtual) e pelas conversas nesta interminável quarentena. Ao Lucas por ser o melhor companheiro de trabalho que existe, o nosso projeto jamais existiria sem o Lucas. Aos meus melhores amigos que fizeram da minha quarentena um lugar melhor. À Laura por enviar-me músicas, por conversar o dia todo, por escutar-me e por ser uma das melhores pessoas que já encontrei. Ao Bruno por ser uma das minhas maiores inspirações há mais de dez anos,

pelo respeito mútuo e pela amizade incondicional em todos os momentos. Ao Patrick por estar sempre lá o tempo todo, por ajudar-me inclusive nas coisas mais banais, por vender livros junto comigo e por, todos os dias, fazer de mim uma pessoa melhor. Não sei como agradecer, mas agradeço-te por tudo. Amizade tua, tu me dás. E amizade dada é amor.

À Marcela por ter sido a melhor parceria que eu poderia pedir num ano tão confuso quanto o de 2019. Obrigado por fazer de mim uma pessoa muito melhor do que antes de nos conhecermos. Obrigado por ter me dado apoio incondicional nos momentos mais conturbados, mas, acima de tudo, obrigado por ser a pessoa que mais acredita em mim. Por todas as discussões sobre o mundo, sobre a literatura, sobre qualquer assunto. Obrigado pelas confidências. Sem ti não sei o que seria.

Aos meus pais por me colocarem acima de qualquer outra prioridade da vida individual deles. Agradeço por sempre respeitarem meus constantes silêncios, por sempre me ouvirem sobre qualquer que seja o assunto e por me fazerem acreditar que de fato eu tenho os melhores pais do mundo. À minha mãe por privilegiar meus estudos em qualquer situação, por incentivar-me a leitura, por se orgulhar com qualquer mínima conquista e por acolher-me nas minhas tristezas. Ao meu pai por ser o homem mais inteligente, educado, respeitoso, cordial e generoso que eu já encontrei. Agradeço por entender-me com apenas um olhar. Agradeço também por ter indicado músicas desde que eu era criança e por, hoje, escutar as músicas que mostro. Se hoje estou aqui, é por causa de todo amor, respeito e de todos os ensinamentos que recebi.

Ao professor Antônio Marcos Vieira Sanseverino por absolutamente tudo. Desde o dia em que cheguei de muletas para discutirmos como seria a monitoria, desde nosso primeiro trabalho juntos e desde os primeiros conselhos para a vida. Pelo respeito com que sempre me tratou, por ter topado a pesquisa de mestrado, por todo o incentivo, por todos os abraços e todas as palavras de carinho. Obrigado por ser o melhor orientador que eu poderia pedir. É dilacerante saber que não teremos mais essa dinâmica. Encontrar com Antônio Marcos no corredor é o suficiente para que o resto do dia corra bem.

Obrigado.

*Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.*

João Guimarães Rosa em *Grande Sertão: veredas*.

## Resumo

Esta dissertação de mestrado pretende primordialmente analisar os contextos históricos e sociais das classes menos assalariadas das cidades do Rio de Janeiro e de Londres ao debater as obras *O Cortiço* (2012), escrita por Aluísio Azevedo, e *The people of the Abyss* (2008), escrita por Jack London. As duas obras literárias servem como ponto de partida para uma pesquisa que extrapolou suas duas obras principais, não se prendendo apenas ao âmbito literário, mas analisando história, sociedade, geografia e cultura daquilo que Jack London chama de “abismo”. A partir de diversos textos de apoio, como por exemplo, Engels, Chalhoub, Le Goff e Moretti, o estudo versa sobre o panorama nos quais tanto autores quanto obras estavam inseridos, debatendo o passado, o momento da escrita e os eventos futuros dessas classes trabalhadoras das duas cidades, ou, mais ainda, dos dois países: Brasil e Reino Unido. Ao longo da pesquisa, levantei dados sobre aqueles personagens retratados n’*O Cortiço* e em *The people of the Abyss* e tentei investigar seus dramas, suas reais condições de vida e, ao fim, dar voz a essas pessoas, sendo essa possivelmente a maior qualidade deste trabalho que se pretende ser uma fonte de pesquisa para outros investigadores, interessados ou curiosos.

**Palavras-chave:** Rio de Janeiro; Londres; literatura e sociedade; história; classes sociais.

### Abstract

This master's thesis intends primarily to analyze the historical and social contexts of the less fortunate classes in the cities of Rio de Janeiro and London when discussing the books *O Cortiço* (2012), written by Aluísio Azevedo, and *The people of the Abyss* (2008), written by Jack London. The two literary works serve as a starting point for a research that extrapolated its two main texts, not only focusing on the literary scope, but analyzing history, society, geography and culture of what Jack London calls “Abyss”. From several supporting texts, such as Engels, Chalhoub, Le Goff and Moretti, I verse on the panorama in which both authors and books were inserted, debating the past, the moment of writing and the future events of these two cities’ working classes, or even more so, from both countries: Brazil and United Kingdom. Throughout the research, I collected data about those characters portrayed in *O Cortiço* and in *The people of the Abyss* and investigated their dramas, their real living conditions and, in the end, gave voice to these people, which is possibly one of the greatest qualities of this work that is intended to be a source of research for other researchers, interested people or curious.

**Key-words:** Rio de Janeiro; London; literature and society; history; social classes.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>CAPÍTULO I - As duas cidades</b>	18
<b>1.1 Países, cidades e mapas</b>	19
<b>1.2 A História de Londres</b>	22
<b>1.3 A história do Rio de Janeiro</b>	27
<b>1.4 Geografia e arquitetura</b>	42
<b>CAPÍTULO II – Descida ao Abismo</b>	51
<b>2.1 <i>O Cortiço</i></b>	55
<b>2.2 <i>The People of The Abyss</i></b>	57
<b>2.3 As cidades que os protagonistas não visitam</b>	60
<b>2.4 Cultura e resistência nos abismos</b>	65
<b>CAPÍTULO III – No Abismo: ontem e hoje</b>	76
<b>3.1 Vida familiar e social</b>	76
<b>3.2 Implicações para o presente</b>	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	102
<b>Referências</b>	108
<b>Apêndice – Rio de Janeiro</b>	118
<b>Apêndice - Londres</b>	123

## INTRODUÇÃO

O trabalho se propõe a entender e analisar melhor como se dá a dinâmica de classes durante a virada do século XIX para o século XX no cenário brasileiro e britânico através dos dois textos principais: *O cortiço*, do escritor maranhense Aluísio Azevedo, (publicado originalmente em 1890) e *The people of the Abyss* (publicado originalmente em 1903), do estadunidense Jack London. Enquanto a obra brasileira retrata a vida dos inquilinos da habitação de João Romão, que, em sua maioria, são pertencentes às mais baixas classes de trabalhadores cariocas, London discorre em uma narrativa de imersão do próprio autor sobre as mazelas da *working class*<sup>1</sup> londrina e as suas batalhas diárias para conseguir não apenas alimento, mas também um local para dormir. Após alguns dias, London decidiu disfarçar-se como um operário inglês para poder reportar com veracidade a vida dos habitantes do *East End*<sup>2</sup> londrino.

Aproveitando-se do uso de Jack London da palavra “Abismo” (do inglês *Abyss*), pretendi aproximar e melhor entender essas obras que representam, mesmo que não com o mesmo intuito autoral, os abismos sociais existentes nas sociedades brasileira e britânica durante a virada para o século XX. Mesmo tendo em vista que a pesquisa requisitou dezenas de textos para suporte, duas obras foram inicialmente selecionadas e se mantiveram como principais escritos de apoio: o ensaio de Antonio Candido intitulado “De cortiço a cortiço” (1991) e o livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (2010) escrito pelo alemão Friedrich Engels. A escolha desses escritos visa atender a demanda de maiores informações acerca da obra e da sociedade à época, caso de “De cortiço a cortiço”, e sobre os antecedentes sócio históricos – livro de Engels – que levaram à situação narrada por London. Logo, a proposta principal da dissertação de mestrado é comparar e analisar não somente *O Cortiço* (2012) e *The people of the Abyss* (2008), mas também a dinâmica social envolvida nessas duas obras, de temáticas tão próximas, a partir do estudo de documentos ou textos que vieram a contribuir para a proposta.

---

<sup>1</sup> *Working class* é o termo em língua inglesa para referenciar-se às classes trabalhadoras britânicas e irlandesas que encontravam o sustento em grandes fábricas.

<sup>2</sup> Refere-se aos bairros, como Whitechapel, do lado leste londrino, local em que London visitou para efetuar sua pesquisa

Através da pesquisa em textos teóricos e documentos não-literários, busquei comparar e desvendar algumas das informações descritas pelos autores, como, por exemplo, trazer, em preços corrigidos, os valores de salários (ou de valores) mencionadas nas narrativas de London e Azevedo. Também investiguei contexto histórico e que fatos foram os principais, na minha visão, para que ambas sociedades chegassem ao ponto de possuírem os abismos descritos. Assim, foi possível termos um maior entendimento acerca da sociedade, ou das dificuldades enfrentadas, no início do século XX. As obras assemelham-se também na presença de contrastes entre ricos e pobres: n’*O cortiço*, Azevedo nos conta a história do Comendador Miranda, que possui um sobrado logo ao lado da estalagem de João Romão e seus inquilinos. Já em *The people of the Abyss*, o contraste narrado por Jack London chega a ser ainda mais chamativo: os sem-teto que dormiam no St. James Park em Londres, logo à frente do Palácio de Buckingham, um dos mais imponentes da aristocracia britânica. A pobreza extrema atinge picos próximo ao Rio Thames e decresce lentamente na direção dos subúrbios.

Ainda mais pontos poderiam ser aqui citados como os principais destinos desta pesquisa, mas, retomando, de todos ditos até então, o principal foi tentar entender melhor como se deu essa dinâmica acerca da engrenagem do mais forte. Ambas obras aparentemente apresentariam empecilhos à modernização e à urbanização. Acabam mostrando como a modernização se alimenta da desigualdade social acentuada e do trabalho mal remunerado dos pobres. Os pontos de vista dos autores se diferenciam principalmente no que tange à força do engajamento militante de Jack London em denunciar a exploração e a miséria dos trabalhadores retratados. Portanto, as duas sociedades são analisadas com o objetivo de não apenas olhar para a semelhança entre os temas (trabalhadores braçais, comunidades marginalizadas em grandes capitais) ou pela proximidade de datas (1890 a 1903), mas também por suas diferenças, sejam elas culturais, geográficas (a ensolarada Rio de Janeiro para a cinzenta Londres) ou de antecedentes (revolução industrial x abolição da escravatura) que levaram ao momento histórico escolhido.

O objetivo geral da pesquisa feita poderia ser resumido em comparar o modo como a classe trabalhadora, na sua condição material de vida, é apresentada por Jack London em *The people of the Abyss* e por Aluísio Azevedo n’*O cortiço*. Ao aproximá-las, saliento suas semelhanças e diferenças e o panorama sócio histórico que envolvia a construção dessas duas obras, podendo assim, visualizar como eram e como foram descritos esses abismos pelos dois

autores. É feita a análise, portanto, de diversas questões que envolvem a conjuntura social dessas duas obras, desde pontos geográficos e ambientais, até descrições de corpos físicos e estruturas, segregação, mestiçagem, animalização e valores morais à época.

N'*O Cortiço*, o narrador produzido por Aluísio Azevedo se dá em terceira pessoa e que sobre a obra tudo sabe. Dependemos dessa figura para descobrirmos, aos poucos, o desenrolar da história que nos está sendo contada. Ela funciona quase como em contraposição ao narrador de *The people of the Abyss* que da história parece saber tanto quanto nós leitores. O "marinheiro comerciante" criado por Jack London se dá em primeira pessoa e é um narrador que sai a desbravar o lado mais pobre de Londres e volta para contar o que descobriu no mundo recém descoberto por ele. Já o narrador de Aluísio Azevedo é capaz de orquestrar todo o jogo narrativo de forma que esse possa vir a surpreender o leitor. Ele sabe dos cortiços da cidade do Rio de Janeiro, enquanto o narrador que London propicia ao leitor é capaz de nos contar histórias sobre o novo e pobre mundo.

Erich Auerbach, em *Mimesis*, publicado originalmente em Berna em 1946, acabou sendo um dos maiores contribuintes para muitas das ideias presentes neste trabalho, sendo a principal delas a de a condição humana não ser fixa, assim, quando formos examiná-la, devemos sempre acompanhar suas transformações. O cotidiano e sua análise, para Auerbach (2013), parece ser de importância ímpar, justamente por ser a condição em que os indivíduos vivem e, conseqüentemente, local em que a condição humana parece assentar-se. Assim, o filólogo alemão, de certa forma, buscava compreender como a imagem (ou representação) humana se dava através das obras literárias em diversos espaços e épocas. Buscando aqui executar uma pesquisa minimamente próxima da ideia central de Auerbach, ao levar em conta a investigação acerca de como os humanos entendiam-se e viam-se em determinada data por meio de obras literárias, pretende-se compreender a situação (ou conjuntura) em que as camadas menos privilegiadas se encontravam na virada do século XIX para o XX.

Na minha reprodução do incidente, omiti até agora o conteúdo de toda uma série de versos, que o interrompem pelo meio. São mais de setenta – enquanto que o processo em si compreende cerca de quarenta versos antes e quarenta depois da interrupção. A interrupção, que ocorre justamente no momento em que a governanta reconhece a cicatriz, isto é, no momento da crise, descreve a origem da cicatriz, um acidente de caça dos tempos da juventude de Ulisses, durante uma caça ao javali, em ocasião de uma visita ao seu avô Autólico. (AUERBACH, 2013).

Há aqui uma ideia de interrupção simples no momento em que a narrativa "volta para trás", mas a linha de ação permanece homogênea, diferenciando-se da Bíblia, onde há diversos

"momentos de não-dizer". Auerbach contribui com este trabalho também por propiciar um método de seleção de cenas como acontece, como já dito, na cena da "Cicatriz de Ulisses" (AUERBACH, 2013, p. 1-20) e de qual maneira essa cena é capaz de constituir um todo para a obra. A análise da cena recortada se irradia para o resto da obra. Essa ideia é a inspiração para o método a ser utilizado aqui: recortar cenas de *O Cortiço* (2012) e *The people of the Abyss* (2008), removendo-as de seu fluxo narrativo, interrompendo-o e buscando que essa seleção interrompida, ou recorte, seja capaz de mostrar aspectos que estejam fraturados e deslocados na obra (FREITAS, 2019). Assim, ao interromper o fluxo narrativo da obra, deixamos de ser reféns do narrador, e somos capazes de perceber características que provavelmente viriam a passar despercebidas.

Um dos textos válidos a ser mencionado aqui é o trecho "Documento/Monumento" do historiador francês Jacques Le Goff (1990). Nele, o autor discorre principalmente sobre as diferenças entre documentos e monumentos históricos e como a arte pode eventualmente servir para preservação de grandes acontecimentos ou, em contraposição, como forma de memória para os oprimidos. Enquanto documentos são fatos ocorridos ao longo da história da humanidade, monumentos seriam produtos feitos a partir desses marcos históricos, ou seja, podendo ser escultura, pintura ou livro que retrate um momento específico na história. Esse texto será melhor explorado na última seção deste trabalho, onde trataremos especificamente sobre como este escrito também se propõe a preservar histórias que geralmente não estão no centro da discussão ou do jogo sociopolítico.

Por último, na entrevista impressa no primeiro capítulo de *Microfísica do Poder* (1984), as palavras de Michel Foucault reforçam os pressupostos da presente pesquisa, já que estamos partindo de histórias dos submissos, quase paralelas, que exemplificam um período bem específico no recorte temporal. Foucault diz:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. [...] é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas "ideológicas") (FOUCAULT, 1984, p. 12-13, grifo meu).

Justamente por ter consciência da forma com que a verdade é construída e recontada, tendo por base as falas de Foucault, é que a ideia inicial desta pesquisa optou por dar voz a duas narrativas que geralmente não ocupam o centro da discussão quando se fala em história brasileira e britânica. Obviamente se tem consciência que Aluísio Azevedo e Jack London ocupavam posições sociais mais favorecidas do que daqueles personagens narrados em seus livros, mas, da mesma forma, ambos autores possuem em si a força necessária e o alcance de público necessário para que tais personagens sejam vistos por classes que não estão acostumadas a visualizar a história por outro ângulo. Ironicamente, neste trabalho se pretende primeiramente discorrer concisamente sobre quais acontecimentos históricos, contados a partir da verdade de seus governantes, para que então se apresente as histórias geralmente não contadas, presentes n'*O Cortiço* e em *The people of the Abyss*. Portanto, valeremo-nos justamente da história contada pelas elites, que acontecem nos altos escalões governamentais, para mostrar como, na maioria das vezes, essa narrativa histórica escolhe por não mostrar as classes mais pobres em seus panoramas, por mais que guerras por territórios ou disputas de poder acarretar suas consequências de forma imediata aos mais pobres.

Assim, por entender que a história contada até aqui seja incapaz de abarcar a voz das periferias inglesas e brasileiras, se pretendeu analisar a literatura de Azevedo e London ao extrair trechos, ou recortes, de seu fluxo narrativo para uma melhor inferência sobre seu conteúdo e, a partir disso, mostrar como moradores do Rio de Janeiro e de Londres sofriam com a opressão oriunda de camadas mais favorecidas. Essa análise está sempre ciente das evidentes diferenças entre um narrador e outro, bem como entre o possível intuito por trás de uma obra e outra, por conta disso, ao levar em conta ainda literaturas de denúncia, o texto de Le Goff é de grande valia para tentar maximizar o estudo sobre a arte enquanto mantenedora de sentidos já estabelecidos ou, pelo contrário, indo contra a história estatizada pelo opressor, conforme comenta Foucault. Independentemente de suas intenções, Azevedo e London contribuem diretamente para uma nova visão sobre dois contextos muito específicos nos quais não se costuma dar voz justamente às camadas que acabavam por serem as forças motrizes de um império e de uma recém-república.

Tanto por conta das obras em si quanto pelo meu próprio desejo de pesquisa, este trabalho extrapola – e muito – os limites de análises literárias ou de narrativa. A intenção nunca foi estar confinado apenas ao que está escrito n'*O Cortiço* ou em *The people of the Abyss*, pelo contrário, estes foram utilizados primordialmente como ponto de partida para toda esta pesquisa. Não quero dizer que as pesquisas devam sempre extrapolar os próprios livros, longe

disso, penso que esta forma seria ainda mais desafiadora, no entanto, para que eu pudesse entender o contexto que me dispus a analisar, era necessário trazer toda essa bagagem teórica sobre história, sociedade e cultura. Portanto, nas páginas seguintes, irei delimitar rapidamente o recorte histórico que eu penso ser adequado para que a minha argumentação pareça válida. Ao selecionar tal evento histórico a aparecer aqui, ao invés de outro qualquer, estou mostrando quais momentos penso serem definidores para que os dois Abismos existam na virada do século XIX para o XX, como a revolução industrial ou a exploração da Corte Portuguesa. Ainda, antes de adentrar as obras em si, discorro sobre como as duas tão distintas geografias influenciam diretamente as personagens narradas tanto por Aluísio Azevedo quanto por Jack London. Já no capítulo II, exploro principalmente os protagonistas e coadjuvantes das duas obras ao tentar entender quem eram de fato estas pessoas, não apenas vê-las através das narrações dos livros, mas, novamente, extrapolar a literatura. No último capítulo volto as atenções mais propriamente para os excertos e trechos para validar então a pesquisa feita até aqui. A pretensão foi angariar o máximo de informações antes de cairmos nas linhas escritas por Azevedo ou por Jack London, para que, quando assim o fizéssemos, tivéssemos toda a perícia ao tratar do panorama prévio e no qual os autores estavam inseridos. Termino este escrito debatendo que algumas coisas permanecem imutáveis desde a escrita das duas obras, assim como o papel reflexivo que devemos ter quando cuidamos para não sermos mais um dos participantes dos fatídicos "turismos de favela".

## CAPÍTULO I - As duas cidades

Com 9272 quilômetros de separação entre as duas cidades, no hemisfério sul, Rio de Janeiro, apresenta semelhanças surpreendentes quando comparada à capital inglesa, localizada no topo do hemisfério norte. É impensável, ignorando os nove anos de diferença entre as publicações, conceber um encontro, por exemplo, de Brás Cubas com o capoeira Firmo. É possível até que Brás tenha passado sua vida inteira sem nem mesmo saber da existência de pessoas como Firmo. Assim, durante a virada do século XIX para o XX, Aluísio Azevedo e Jack London trataram de descrever os abismos sociais muito pouco explorados até então nessas duas cidades. Como duas obras (*O cortiço* e *The people of the Abyss*), com poucos anos de diferença entre suas publicações, retratam as classes trabalhadoras das sociedades brasileiras e inglesas? Ainda, como essas classes, vistas em seus "abismos", são descritas e que fatores (geográficos, físicos, sociais) contribuem para a manutenção de tais abismos?

As duas cidades, por mais que pudessem ser comparadas lá no início do século XX, cresceram de forma desigual por conta de diversos fatores. Um dos principais motivos da diferença em condições presentes no Rio de Janeiro e em Londres é sem dúvida o fato de uma ter sido colonizada e outra colonizadora. A história do Brasil, e por consequência da então capital federal, se encontra recheada de períodos em que a democracia não ocupava um lugar de centro no jogo social ali disposto. O domínio da Coroa portuguesa foi, durante séculos, a principal força, atuando principalmente de modo a dificultar avanços comerciais, tecnológicos e sociais (ENDERS, 2015), seja com altas taxas sobre indústrias locais ou com leis que disponibilizavam muito pouco espaço para manifestações daqueles que residiam no Brasil. A tomada da nação para os seus próprios residentes foi, antes de tudo, conturbada, fazendo com que eleições democráticas fossem raridade até mesmo durante o próprio século XX. A cidade do Rio de Janeiro, de um certo ponto em diante, deixou de ser apenas uma fortaleza com baía privilegiada e local em que o sol se punha de frente, para estar no centro da Corte portuguesa.

O mesmo já não ocorreu para com a cidade de Londres onde, pelo contrário, por mais ingênua que essa frase possa parecer, o poder sempre esteve nas mãos dos londrinos. As políticas dispostas na Câmara dos Comuns podem ser compreendidas como algo moderno para os tempos mais conturbados, ainda mais quando comparado à história brasileira. O Reino Unido não precisou prestar contas ao colonizador, as nações do império em que o sol nunca se punha eram aquelas que enviavam valores astronômicos para que a vida nas ilhas britânicas se tornasse confortável com o passar dos anos. Londres quase sempre fora o centro de seu país e,

posteriormente, veio a estar no centro da política econômica global, concentrando a maior parte de seu capital nas estreitas ruas da *City of London*.

### 1.1 Países, cidades e mapas

A relação entre nações, espaços urbanos e escritos literários já foi tema de diversos trabalhos que analisavam justamente o modo como cidades e nacionalidades estavam representadas dentro do âmbito da ficção literária. O já citado Franco Moretti dedica um livro inteiro ao assunto. Em *Atlas do romance europeu 1800-1900* (2003) temos, em livros considerados clássicos, os percursos de personagens nas suas cidades ou países, como os escritos de Jane Austen e as movimentações de suas personagens pelo sul da Grã-Bretanha. Moretti apresenta os típicos mapas das cidades e efetua marcações para demonstrar como transcorrem os romances em questão, fazendo da cidade real o plano de fundo para acontecimentos fictícios.

Em contrapartida a esse movimento de análise literária quase geográfico, há a dissertação de mestrado de Denise de Quintana Estácio, intitulada *Mapeamento literário no romance machadiano: pressupostos para leitura de Quincas Borba* (2019), em que a dinâmica de análise de espaços urbanos apresentados na literatura parte de outro método de análise. Enquanto a cidade real está presente como um todo nos escritos de Moretti, aqui, para Estácio, a cidade real não teria vez para a análise literária, e sim apenas a apresentada na obra. Em outras palavras, Estácio nos mostra que o mapa da cidade Rio de Janeiro presente em *Quincas Borba* traz apenas alguns lugares e não a cidade como um todo. A partir disso, a visualização fica muito mais objetiva e muito se difere dos mapas característicos de cidade. Não há pontos para demarcar em que locais os personagens estiveram, pois, justamente pela forma de analisar as cidades, o espaço urbano apresentado por Estácio é todo aquele em que em algum momento a narrativa transcorreu.

Portanto, seguindo os preceitos dispostos tanto por Estácio quanto por Moretti, nos interessa aqui o Rio de Janeiro apresentado por Aluísio Azevedo n'*O Cortiço*, em que o centro do mapa seria a venda de João Romão e o sobrado de Miranda enquanto os habitantes do cortiço ficam relegados à periferia. De forma similar, a Londres apresentada por Jack London não está centrada em Westminster ou na rica *West End*. Se pudéssemos imaginar ou desenhar o mapa de Jack London, o centro seria justamente a *East End* com a Whitechapel Road em seu centro e de onde tudo aflora. As partes centrais do mapa habitual estariam longínquas de onde ocorre o centro das ações e Buckingham estaria numa distante zona oeste de poucos passos na narrativa.

O centro deste trabalho não é o centro corriqueiro; aqui os abismos tomam parte da personagem principal capaz de nos contar uma história diferente daquela com a qual o cânone literário está habituado.

Tendo declarado isso, fica um tanto quanto mais simples prosseguir a análise. Cabe ainda recorrer a Estácio uma vez mais, lembrando as transformações pelas quais passavam os aglomerados urbanos durante os séculos XIX e XX e como seus ideais influenciavam diretamente no modo de perceber e escrever sobre as cidades. Isso pode ser visto no trecho selecionado especificamente sobre a capital carioca:

O desejo de modernidade, introduzido pelos discursos de normalidade burguesa que sustentavam o colonialismo, é alimentado por uma elite em permanente contato com a Europa. Paris, paradigma de cidade moderna, torna-se o ideal de civilização almejado. Aqui, no entanto, o desvio não é parte constituinte do sujeito autônomo como no velho mundo, mas encontra-se no outro, no escravo africano, sem o qual o senhor não se constitui como sujeito. O país, cuja onipresença africana marcava não só a vida rural como a urbana, busca na negação de seu elemento constitutivo a porta de entrada para o progresso. (ESTÁCIO, 2019, p. 16).

A grande cidade brasileira buscava ser o mais semelhante possível com a capital francesa (ENDERS, 2015), desde suas avenidas largas até a pompa da *belle époque*, mas falhava justamente em propiciar a "égalité" almejada pela centenária Revolução Francesa de 1789. Era possível sentir "solidão no meio da multidão" (ESTÁCIO, 2019) e mais possível ainda ser segregado no meio de um suposto mundo de oportunidades. Assim, aproveitando para ligar com o próximo tópico, se aqui se pretende dispor os abismos como centro de um imaginário mapa sobre cidades literárias, nada mais adequado para melhor compreensão do que trazer histórias que eventualmente seriam postas de lado para que sejam o centro da exposição aqui prevista; seja a tão negada escravidão no contexto brasileiro, ou a revolução industrial capaz de deixar marcas físicas (ENGELS, 2010) nos trabalhadores retratados por Jack London.

A literatura aparece aqui na figura de Dickens, que contribuiu e ainda contribui com a representação da cidade e de suas multidões, seja com certa esperança ou com uma descrição de caos total. Em *Sketches by Boz* (2009), Dickens se aproxima bastante da linguagem que Jack London utiliza sobre a sujeira e os amontoados pelas ruas da capital inglesa, como podemos ver em:

O estrangeiro que se encontra em 'The Dials' pela primeira vez, [...] verá o suficiente ao seu redor para manter sua curiosidade e atenção acesas por tempo mais do que considerável. Da esquina irregular em que ele mergulhou, as ruas e os tribunais correm em todas as direções, até se perderem na fumaça prejudicial que paira sobre os topos das casas, tornando sua perspectiva suja incerta e confinada; e descansando em cada

esquina, como se tivessem chegado lá para tomar alguns suspiros do ar fresco, até então encontrado, mas já está muito exausto, para poder forçar-se a entrar nos becos estreitos ao redor, há grupos de pessoas, cuja aparência e habitações encheriam qualquer mente, exceto um londrino comum de espanto. (DICKENS, 2009)

Dickens se refere a "Seven Dials" como "The Dials", espaço localizado no bairro de Camden Town, próximo à região central da cidade. Camden Town é conhecido por ser um dos mais antigos bairros boêmios e, antes da ascensão do artístico Shoreditch, era o local preferido dos londrinos para uma ida ao *pub* depois do expediente de trabalho. Desde a descrição de um terreno irregular e, possivelmente, mal gerido, Dickens passa diretamente ao espanto de qualquer estrangeiro – palavra empregada no sentido de alguém que não vivencia aquelas condições frequentemente – ao presenciar as aparências do local e das pessoas, sem deixar de lembrar que as habitações estariam no mesmo estado ou em ainda piores condições. A questão se desenvolve, no mesmo *Sketches of Boz*, até o trecho:

A aparência apresentada pelas ruas de Londres, uma hora antes do nascer do sol, em uma manhã de verão, é impressionante até para as poucas pessoas cujas buscas infelizes de prazer, ou, dificilmente, menos infelizes buscas por negócios, fazem com que elas se familiarizem com a cena. Há um ar frio e solitário de desolação sobre as ruas silenciosas em que costumamos ver amontoados de gente que, em outros momentos, estaria ocupada e ansiosa. Os prédios silenciosos e fechados, que, ao longo do dia, estarão repletos de vida e agitação. Isso é muito impressionante. (DICKENS, 2009).

Essa descrição do personagem do narrador de Boz, faz com que percebamos a cidade quase como um organismo vivo que, ao acordar, ainda não se movia no habitual ritmo frenético. Os trabalhadores, como vemos também em London, deveriam sair de casa antes do nascer do sol para buscar empregos diários, principalmente nas docas à beira do Rio Thames, e essa horda se diferenciava daqueles que passavam pela cidade em outros horários. O narrador se impressiona por ver os prédios comerciais ainda fechados e imagina como a cidade se tornará efervescente em poucas horas, com as pessoas se aglomerando cada vez mais e movendo a cidade cada vez mais rápido conforme o dia fosse nascendo.

Já em *David Copperfield* (2014), retomamos a imposição física que Londres apresenta aos seus habitantes:

Desembarquei em Londres numa noite de outono invernal. Estava escuro e chovendo e vi mais fog<sup>3</sup> e lama em um minuto do que tinha visto em um ano. Fui da alfândega

---

<sup>3</sup> Típica neblina de Londres.

ao Monumento até encontrar uma diligência; e embora as fachadas das casas olhando para as sarjetas inchadas fossem como velhos amigos para mim, não podia deixar de admitir que eram amigos bem esqueléticos. (DICKENS, 2014, p. 1604).

Assim, Dickens revive os comentários sobre o clima característico da cidade e como ele ajuda a moldar o sentimento daquele que retorna à cidade. É possível que esse seria o sentimento oposto daquele descrito por Tom Jobim em "Samba do Avião", em que a possibilidade de visualizar as belezas naturais do Rio de Janeiro era um afago para o eu-lírico. É interessante notar como as duas cidades diferem muito entre si quanto aos temas que lhes são abordadas, acontecendo algo parecido n'*O Cortiço* e em *The people of the Abyss*. Nas obras, o calor carioca é exaltado em diversos momentos, sendo o sol tropical capaz até de promover a primeira menstruação de Pombinha. Por outro lado, Londres, de clima muito mais ameno e frio por diversos meses, não se mostra presente pelos encantos naturais, a não ser pelos dias cinzentos característicos, a umidade e a cidade cosmopolita que começou a se desenhar tanto no século XVII quanto XIX.

## 1.2 A História de Londres

Antes de mais nada, é necessário lembrar que há uma característica que define, delimita e marca o passado, o presente e o futuro das duas cidades: a colonização. Londres, Inglaterra e Reino Unido, seja qual for a alcunha adotada em algum período histórico, foi desde Guilherme, o Conquistador, uma nação capaz de colonizar outros territórios. O oposto da capital carioca, que é fundada justamente por colonizadores e por disputas entre alguns países europeus, que buscavam o controle da poderosa Baía de Guanabara. Para que se chegasse à situação calamitosa do Rio de Janeiro d'*O Cortiço* e à Londres de *The people of the Abyss*, alguns importantes passos históricos foram dados, geralmente dotados de omissão dos poderes públicos, políticas racistas ou xenófobas, investimentos públicos mal geridos e tantos outros fatores que levaram dois povos, separados pelo Oceano Atlântico, a morarem em cortiços e *slums*<sup>4</sup>.

O momento histórico em que o Reino Unido alcança a capacidade de expandir seu império a ponto de o sol nunca se pôr em suas terras acontece justamente após o fim das guerras napoleônicas. Napoleão acaba por ser derrotado em mais de uma oportunidade (em especial em Waterloo)<sup>5</sup> e é afastado do poder francês, iniciando assim um período chamado de "Pax

<sup>4</sup> Termo em inglês para designar as moradias de péssima qualidade da população menos favorecida.

<sup>5</sup> A batalha de Waterloo é um dos grandes marcos para a derrocada de Napoleão, junto da invasão à Rússia. Em 18 de junho de 1815, as tropas inglesas e aliadas derrotaram o exército de Napoleão em terras belgas.

Britannica" (HOBSON, 2004), literalmente, do latim, "paz britânica". O termo fora cunhado a partir de "Pax Romana", que denominava o longo período em que o império romano permaneceu em relativa paz devido às suas múltiplas conquistas de territórios. Assim, após Napoleão encerrar suas tentativas campais, o mapa da Europa volta de certa forma a manter os territórios de outrora e, ao mesmo tempo, o Império Britânico move suas peças para conquistar, ou manter, territórios ultramarinos conquistados. O império obtém sucesso através de uma forte tropa naval, controlando a maior parte das rotas comerciais marítimas, e do recolhimento de tributos e matérias-primas para a Coroa inglesa.

A *Royal Navy* foi responsável por controlar grande parte do tráfego de navios britânicos e estrangeiros em águas internacionais, dado que o Império estava disposto em tamanha extensão que, na maior parte do controle marítimo, havia um país próximo sob ordens desta Coroa. Segundo Friedrich Engels, o enriquecimento da Marinha Real Britânica só acontece por conta dos camponeses e sua crescente arrecadação com o comércio de lãs. Uma vez que crescia o comércio no final do século XVIII, crescia concomitantemente a fortuna armazenada pela marinha e pelas frotas comerciais. O enriquecimento inglês cresceu a ponto de ser capaz de monitorar quase a totalidade do mercado chinês logo após a Guerra do Ópio (1839 - 1860). Não demora muito para que as condições financeiras se tornem extremamente favoráveis às regências dos monarcas britânicos, em especial Rei William IV e Rainha Victoria I. Mesmo que a Revolução Industrial tenha se iniciado na metade do século XVIII, foi durante as primeiras décadas do século XIX que os melhores frutos foram colhidos pelo país, nem que isso tivesse custado uma completa mudança do paradigma social visto até então. Engels, no seu *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (2010), nos mostra de que forma se iniciaram essas mudanças:

A história da classe operária na Inglaterra inicia-se na segunda metade do século passado, com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas a processar o algodão. Tais invenções, como se sabe, desencadearam uma revolução industrial que, simultaneamente, transformou a sociedade burguesa em seu conjunto – revolução cujo significado histórico só agora começa a ser reconhecido.

A Inglaterra constitui o terreno clássico dessa revolução, que foi tanto mais grandiosa quanto mais silenciosamente se realizou. É por isso que a Inglaterra é também o país clássico para o desenvolvimento do principal resultado dessa revolução: o proletariado. Somente na Inglaterra o proletariado pode ser estudado em todos os seus aspectos e relações. (ENGELS, p. 45).

Como já dito, a situação na qual estava inserida a Inglaterra durante os séculos XVIII e XIX fez com que fosse extremamente propício ao país desenvolver novas tecnologias a ponto de produzir duas revoluções industriais: a primeira sendo baseada no uso do carvão como força

motriz das fábricas e a segunda, do século XIX até os anos da Segunda Guerra Mundial, se valendo majoritariamente de produtos químicos e elétricos. Por mais que seja virtualmente impossível afirmar a quem pertence a paternidade do termo "Revolução Industrial", muitas pesquisas indicam que Engels seja um dos primeiros, se não o primeiro, a utilizar esse termo para referir-se ao período iniciado em 1760. Como já dito, a vida dos camponeses mudou de forma considerável a partir dessa data, como pode ser atestado, ainda em Engels:

Antes da introdução das máquinas, a fição e a tecelagem das matérias-primas tinham lugar na casa do trabalhador. A mulher e os filhos fiavam e, com o fio, o homem tecia – quando o chefe da família não o fazia, o fio era vendido. Essas famílias tecelãs viviam em geral nos campos vizinhos às cidades e o que ganhavam assegurava perfeitamente sua existência porque o mercado interno – quase o único mercado – era ainda decisivo para a demanda de tecidos e porque o poder esmagador da concorrência, que se desenvolveu mais tarde com a conquista de mercados externos e com o alargamento do comércio, não incidia sensivelmente sobre o salário. [...] Por outra parte, o tecelão às vezes podia economizar e arrendar um pequeno pedaço de terra, que cultivava nas horas livres, escolhidas segundo sua vontade, posto que ele mesmo determinava o tempo e a duração de seu trabalho. É verdade que era um pobre camponês, que lavrava a terra com pouco cuidado e sem grande proveito; mas não era um proletário: tinha – como dizem os ingleses – um pé na sua terra pátria, possuía uma habitação e situava-se num escalão social acima do moderno operário inglês. [...] De fato, não eram verdadeiramente seres humanos: eram máquinas de trabalho a serviço dos poucos aristocratas que até então haviam dirigido a história; a revolução industrial apenas levou tudo isso às suas consequências extremas, completando a transformação dos trabalhadores em puras e simples máquinas e arrancando-lhes das mãos os últimos restos de atividade autônoma – mas, precisamente por isso, incitando-os a pensar e a exigir uma condição humana. (ENGELS, 2010, p. 45-47).

Esse longo trecho dos escritos de Engels é vital – e cruel – para que se possa chegar na análise propriamente dita das condições de trabalho em *The people of the Abyss*. O autor usa termos de má conotação ao longo de toda sua obra, principalmente quando se destina a falar dos irlandeses, e aqui não é diferente ao dizer que "não eram homens de verdade". Como um todo, o excerto defende que, mesmo que os camponeses britânicos (e irlandeses) vivessem tentando sobreviver um mês por vez, ainda assim possuíam liberdade e que esta, segundo o autor, seria cortada ao passo que as fábricas lhes convocavam para o trabalho manual. O pensamento de futuramente ser capaz de arrendar sua própria terra e nela cultivar a maior parte dos alimentos é completamente cortado pela raiz, com o perdão pela broma. A revolução industrial chega no século XVIII para remodelar o padrão de vida da maior parte dos habitantes das ilhas britânicas.

De camponeses, teórica e juridicamente livres, esses cidadãos são convocados a irem à cidade sob promessa de melhora em seus rendimentos e qualidade de vida. Engels se espanta com as cidades de Liverpool e Manchester, que juntas totalizavam 700 mil habitantes já nas

primeiras décadas do século XIX, onde geralmente dois terços da população faziam parte da classe trabalhadora. As hordas, tão presentes nos escritos de Jack London, talvez tenham se iniciado nesse momento em que as cidades inglesas, especialmente as industriais, começaram a receber imigrantes, dobrando, triplicando, ou até mais, suas populações. A multidão de pessoas faz com que Engels, em Londres, discorra sobre o que foi perdido para que a industrialização inglesa transcorresse a todo vapor, literalmente. Atestando em:

Mas os sacrifícios que tudo isso custou [a industrialização de Londres], nós só os descobrimos mais tarde. Depois de pisarmos, por uns quantos dias, as pedras das ruas principais, depois de passar a custo pela multidão, entre as filas intermináveis de veículos e carroças, depois de visitar os “bairros de má fama” desta metrópole – só então começamos a notar que esses londrinos tiveram de sacrificar a melhor parte de sua condição de homens para realizar todos esses milagres da civilização de que é pródiga a cidade, só então começamos a notar que mil forças neles latentes permaneceram inativas e foram asfixiadas para que só algumas pudessem desenvolver-se mais e multiplicar-se mediante a união com as de outros. Até mesmo a multidão que se movimenta pelas ruas tem qualquer coisa de repugnante, que revolta a natureza humana. Esses milhares de indivíduos, de todos os lugares e de todas as classes, que se apressam e se empurram, não serão todos eles seres humanos com as mesmas qualidades e capacidades e com o mesmo desejo de serem felizes? (ENGELS, 2010, p. 67-68).

A sensação de estar em meio a uma multidão, que parece agir da mesma forma como em cardume, é evidente e capaz de ser passada ao leitor através das palavras de Engels. A seguir, o filósofo alemão discorre sobre a mercantilização da força de trabalho sendo representada no próprio corpo humano, em que, num sistema imposto e de poder extremamente concentrado, exploram-se as camadas menos favorecidas e essas próprias camadas, provavelmente sem opções, acabam por explorar a si mesmas.

A desagregação da humanidade em mônadas, cada qual com um princípio de vida particular e com um objetivo igualmente particular, essa atomização do mundo, é aqui levada às suas extremas consequências. É por isso que a guerra social, a guerra de todos contra todos, é aqui explicitamente declarada. Tal como o amigo Stirner<sup>6</sup>, os homens só se consideram reciprocamente como objetos utilizáveis: cada um explora o outro e o resultado é que o mais forte pisa no mais fraco e os poucos fortes, isto é, os capitalistas, se apropriam de tudo, enquanto aos muitos fracos, aos pobres, mal lhes resta apenas a vida. (ENGELS, 2010, p. 68).

Assim, em uma forte sentença final, Engels tenta alertar ao interlocutor de que a vida é retirada aos poucos, através dos trabalhos massivos e sufocantes nas grandes fábricas. Este era o cenário encontrado pelos trabalhadores que deixavam os campos britânicos e irlandeses em busca de uma chance na cidade grande. A capacidade de ascensão social era mínima, se não

---

<sup>6</sup> Max Stirner, filósofo alemão contemporâneo a Engels.

inexistente, para os antigos camponeses, que, segundo Engels, antes ainda possuíam sua liberdade individual por mais pobres de cultura e dinheiro que fossem. A vida na cidade grande era capaz de propiciar aos seus habitantes mais dívidas do que benefícios, deteriorando saúdes mental e física em prol de movimentar o império em que o sol nunca se punha.

Décadas mais tarde dos relatos de Engels sobre a Inglaterra, terra que o escritor eventualmente adotaria como lar, a segunda revolução industrial se inicia, trazendo novas mudanças na vida dos ingleses e no panorama geopolítico. O reconhecimento do povo inglês como reservado e introvertido o acompanha a partir dos tempos vitorianos, sendo justamente durante a Segunda Revolução Industrial que se nota claramente essa mudança de comportamento. Experimentada durante o período de comando do Rei George III, os ingleses viveram, talvez, a última sensação rural antes da inundação industrial em suas próprias casas, que acompanhou a Rainha Vitória durante o seu reinado. Se antes, durante o período regencial, por exemplo, a ambientação britânica apresentava panoramas floridos, casas ventiladas e campos abertos, como vemos em *Pride and Prejudice* (2003), de Jane Austen, agora, durante os primeiros anos da segunda revolução industrial, as pessoas começam a ser capazes de frequentar e viver em ambientes fechados cada vez mais. Na época vitoriana, as famílias puderam fechar-se em suas casas, muito por conta da possibilidade de se aquecerem com carvão oriundo das fábricas, e passaram a ter o sentimento de tentar transparecer seriedade, ou uma estabilidade familiar, algo que pode ser visto como estereótipo até os dias de hoje.

Em conjunto com as mudanças familiares, até mesmo para aqueles que viviam nos "abismos" descritos por London e que perambulavam em busca de um quarto aquecido para si e sua família, houve também o crescimento econômico de outras nações na metade final do século XIX, ocasionando diretamente o declínio do Império Britânico. Com três anos de duração, a Guerra da Crimeia foi um dos importantes momentos históricos que contribuíram para a instituição de diversos Estados-nações, pois, após o conflito, diversos povos assinaram o Tratado de Paris em 1858, propiciando uma certa reorganização no mapa europeu. A partir disso, Itália e Alemanha buscaram suas unificações, transformando a antiga Prússia em uma nação capaz de enfrentar a dominação comercial e econômica do Império Britânico. As tecnologias desenvolvidas durante as duas revoluções industriais foram difundidas não apenas na Europa, mas também mundialmente, fazendo com que três países em especial atingissem grande sucesso comercial e político: Alemanha, Estados Unidos e Japão.

A partir de 1853, o Império Japonês reabriu seus portos para a chegada de tecnologia estrangeira e começou a se utilizar dos novos meios de produção para acelerar seu crescimento,

que, em contrapartida, acelerou também o desejo de conquista das nações próximas (*Know Your Enemy*, 1945). Enquanto os japoneses, que há pouco tempo viviam de forma semifeudal, se movimentavam em busca de conquistar territórios, os estadunidenses se industrializavam tão rapidamente quanto. Mesmo que em 1877 a Rainha Victoria fosse também proclamada Imperatriz da Índia, fazendo com que o Império Britânico atingisse seu apogeu, a competitividade com os três outros países se acirrava a cada ano, fazendo com que o clímax britânico estivesse por um fio no momento da chegada de Jack London em Londres, 1902.

Incapaz de levar boas condições de vida a todos os residentes, os ingleses optavam por favorecer aos seus, causando revoltas nem tão silenciosas, principalmente na vizinha Irlanda. Ainda sob o controle britânico, os irlandeses parecem ter esperado o momento mais oportuno para atacar os ingleses e essa oportunidade foi justamente após a Primeira Guerra Mundial. O primeiro grande conflito do século XX trouxe atrasos nas indústrias e na economia inglesa, enfraquecendo o grande império com o passar dos anos em batalha. Mesmo que o saldo de mortes inglesas na guerra não tenha sido astronômico, a brecha para os irlandeses parecia se mostrar naquele momento. Irlandeses declararam guerra contra a Coroa inglesa em 1918, se declararam independentes em 1919 e foram reconhecidos como estado livres em 1922. A República da Irlanda estava formada e uma grande nação fora perdida pelo poderoso Império Britânico que, por sua vez, já demonstrava sinais claros de que não seria capaz de acompanhar os largos passos dos Estados Unidos da América.

A Segunda Guerra Mundial apenas constatou a situação que já estava clara, o Reino Unido, agora sem Irlanda, não era mais o império mais poderoso do mundo, apesar de o sol ainda nunca se pôr em suas terras. Tendo atuação decisiva nesta segunda guerra, os Estados Unidos ajudaram, de forma contestável, os países europeus a se reerguerem após a destruição causada pelas batalhas e ainda se afirmaram como principal concorrente capitalista ao comunismo soviético. Como cartada final ao Império Britânico, a Índia declara sua independência em 1947 e é seguida por diversas colônias britânicas que preferiram a independência a permanecer sob domínio da Coroa, como Paquistão, Palestina, Sudão, Gana e tantos outros. O protagonismo britânico de outrora, e de sua família real, cede lugar aos presidentes americanos Truman, Eisenhower e Kennedy durante a longa Guerra Fria.

### **1.3 A história do Rio de Janeiro**

Já do outro lado do atlântico, a história brasileira e, em especial, carioca tem a colonização como um dos marcos definidores de sua narrativa. Se Guilherme, o Conquistador,

constrói a fortaleza que daria origem à cidade de Londres no século XI, no mesmo período, a região litorânea do hoje estado do Rio de Janeiro estava sob controle da comunidade indígena de origem tupi (BUENO, 2003), que eventualmente perde seu domínio para o grupo Tamoio no século XVI, momento da chegada dos colonizadores portugueses. Localizados ao redor da Baía de Guanabara, o grupo indígena avista as caravelas de Gaspar de Lemos no ano de 1502, dando início ao domínio português que perdurou, mesmo com alguns solavancos, até tempos após o grito de independência. Neste ponto, cabe retomar Le Goff e Foucault: a história contada aqui é a selecionada pelos que detém o poder para que esta siga a ser disseminada como verdade, assim fazendo com que não haja espaço para debates políticos ou ideológicos. Contar a história a partir da chegada dos navios portugueses é também compactuar, até certo ponto, com o modo de ver extermínio como batalhas, invasão como conquista de terra e diversos outros pontos que, por existirem, fazem com que se crie uma situação baseada desde o primeiro momento no insustentável. Essa opressão é característica do processo de colonização, principalmente sul-americano, e implica em consequências graves a curto prazo, como escravidão e extermínio da população local, mas também possui características que se dão a longo prazo, principalmente por impedir o desenvolvimento econômico da nação colonizada e por impor condições trabalhistas muito aquém daquelas praticadas na nação colonizadora.

Assim, para poder dialogar e analisar as condições de moradia e trabalho no Rio de Janeiro do século XIX, é necessário entender quais foram os momentos históricos que levaram a cidade a sair de entreposto secundário, ascendendo à capital do Império Português e se mantendo como centro cultural brasileiro até os dias de hoje. Logo após a invasão portuguesa, o Rio de Janeiro leva um período considerável de tempo para atingir o patamar de importante pouso para os navios portugueses (ENDERS, 2015), fazendo com que Portugal não detivesse instrumentos suficientes para garantir sua soberania. Por consequência, navios franceses tomam controle especificamente sobre a Baía da Guanabara em 1555. Após se alinharem com o grupo indígena Tupinambá e formarem uma forte aliança, os franceses só viriam a deixar a baía em 1567, após aliança dos portugueses com o grupo Termiminó (COARACY, 1965).

A relação entre indígenas e europeus se dava geralmente de forma hierárquica, justamente por um dos grupos trazer consigo armas inovadoras e doenças devastadoras para os habitantes da América do Sul. Europeus e indígenas rapidamente procriaram, muitas vezes de forma não consensual, formando gerações miscigenadas já no século XVI. A partir disso, é possível que muitas das tradições brasileiras tenham começado a se assentar por conta da interação de duas regiões do planeta e de seus descendentes, que habitavam uma terra de

constantes conflitos. Gilberto Freyre, em *Casa-Grande e Senzala* (2006), discorre sobre as primeiras gerações e os hábitos que viriam a fazer parte e moldar a cultura brasileira, como vemos em:

Mas é só a partir do meado do século XVI que pode considerar-se formada, diz Basílio de Magalhães, "a primeira geração de mamelucos"; os mestiços de portugueses com índios, com definido valor demogênico e social. Os formados pelos primeiros coitos não oferecem senão o interesse, que já destacamos, de terem servido de calço ou de forro para a grande sociedade híbrida que ia constituir-se. [...] Da cunhã é que nos veio o melhor da cultura indígena. O asseio pessoal. A higiene do corpo. O milho. O caju. O mingau. O brasileiro de hoje, amante do banho e sempre de pente e espelinho no bolso, o cabelo brilhante de loção ou de óleo de coco, reflete a influência de tão remotas avós. (FREYRE, 2006, p.162 - 163).

Não há como interpretar o jeito de expor as "cunhãs" e os benefícios de sua presença para o desenvolvimento da cultura brasileira de forma tão ingênua. Aqui, pelo que se nota, há relativização de uma miscigenação que na realidade se mostrou violenta e implacável contra, primeiramente, as mulheres indígenas e, secundamente, as mulheres negras africanas ou suas descendentes diretas. A relação entre nativos e europeus se mostra mais conturbada no seguinte parágrafo:

O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual. O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho. (FREYRE, 2006, p. 161).

Em contrapartida a esse excerto, partiremos de dois estudos publicados nos anos 1980 para trazer mais elementos para a discussão do princípio da miscigenação brasileira entre europeus, indígenas e africanos, que, para Freyre, era tão benéfica para o país. Primeiramente temos Audre Lorde, escritora e teórica caribenha-americana, em *Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference* (1984):

A literatura das mulheres negras está cheia da dor de abusos frequentes, não apenas por conta de um patriarcado racista, mas também por homens negros. No entanto, a necessidade e a história da batalha compartilhada nos tornaram, mulheres negras, particularmente vulneráveis à falsa acusação de que o anti-sexista é anti-preto. Enquanto isso, o ódio contra as mulheres como recurso dos impotentes está minando a força das comunidades negras e de nossas próprias vidas. O estupro está aumentando, relatado e não relatado, e o estupro não é uma sexualidade agressiva, é uma agressão sexualizada. Como Kalamu ya Salaam, um escritor negro, ressalta: "Enquanto existir a dominação masculina, o estupro existe. Somente mulheres revoltadas e homens conscientizados de sua responsabilidade de combater o sexismo podem coletivamente impedir o estupro". (LORDE, 1984).

Como segundo aspecto para debate, trago aqui um excerto de Angela Davis em *Women, Race and Class* (1983):

Uma das principais características históricas do racismo sempre foi a suposição de que os homens brancos – especialmente aqueles que exercem poder econômico – possuem um direito incontestável de acesso aos corpos das mulheres negras. A escravidão dependia tanto do rotineiro abuso sexual quanto do chicote. Os impulsos sexuais excessivos, quer existissem entre homens brancos individuais ou não, nada tinham a ver com essa institucionalização virtual do estupro. A coerção sexual era, antes, uma dimensão essencial das relações sociais entre mestre e escravo. Em outras palavras, o direito reivindicado pelos proprietários de escravos e seus agentes sobre os corpos de escravas era uma expressão direta de seus supostos direitos de propriedade sobre os negros como um todo. A licença para estuprar emanou e facilitou o domínio econômico implacável que era a marca horrível da escravidão (DAVIS, 1983, p.102)

Por mais que Freyre, de certa forma, tenha ido contra a onda de supremacia racial de sua época, justamente por tratar a miscigenação como algo benéfico, principalmente no contexto brasileiro, e tecendo comentários que elaboravam a mescla como um movimento capaz de fazer com que a cultura brasileira fosse mais rica, forte e inteligente, até hoje seus estudos sofrem com críticas justamente neste ponto. Em alguns momentos, Freyre parece incapaz de notar que, por mais que europeus e indígenas estivessem se relacionando comercialmente e até sexualmente, a dinâmica de poder envolvida estava longe de ser benéfica para ambos os lados.

Lorde e Davis nos mostram justamente a literatura do outro lado da moeda daquela narrada por Freyre. A relação sexual entre portugueses e indígenas demarcava as relações de poder de forma brutal e contribuía diretamente para a manutenção de poder, fazendo com que os corpos das mulheres nativas funcionassem quase como uma metáfora para a posse da terra recentemente usurpada. Não há mais espaço para frases como "As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses" (FREYRE, 2006, p. 161) e Davis e Lorde nos ajudam a entender o motivo. O racismo é fundamentado basicamente no domínio de uma etnia sobre a outra com emprego de força. Assim, os europeus "fundam" o que viria a ser o Brasil se baseando no livre acesso às terras e aos corpos indígenas em tempos em que a dominação masculina era ainda mais presente e voraz. Como diz Davis, a escravidão é fundamentada em abusos rotineiros em que o estupro é normalizado, transformado em algo tão banal e cotidiano a ponto de que facilmente seja possível ser enganado e levado a pensar que a relação indígena-portuguesa era de fato consensual.

Tendo em vista como as relações sociais e sexuais se desenvolvem desde os primórdios da história europeia no Brasil, notamos como as histórias inglesa e brasileira já se diferenciam sonoramente. Assim, podemos seguir em frente e visualizar, após a expulsão francesa, Estevão de Sá fixando-se no alto do hoje inexistente Morro do Castelo, atual centro da cidade, dando início à expansão do Rio de Janeiro a partir desse ponto estratégico que muito contribuía a vigiar embarcações que poderiam vir a navegar pela baía. A cidade é nomeada em função da chegada em 1502 se dar no mês de janeiro e, à época, não haver a atual distinção entre rios, lagoas ou baías. Com um desenrolar lento quando comparado às cidades nordestinas, o Rio só viria a alcançar importância considerável a partir da construção do Paço – hoje centro cultural – e das ruelas que se desenvolviam a partir do local, quase duzentos e cinquenta anos após a chegada de Gaspar Lemos. Com um comércio local ascendente e engenhos que movimentavam o mercado de açúcar no país, a cidade serviu de principal posto marítimo para as procuras por ouro no estado de Minas Gerais, sendo assim elevada à capital do Brasil em 1763 (COARACY, 1965), superando Salvador em importância comercial, militar e política.

A sorte do Rio de Janeiro continua a depender da dinâmica colonial portuguesa e dos conflitos entre potências europeias. Ao longo do século XVIII, o centro de gravidade da América Portuguesa desvia-se do Nordeste para o Sudeste, e o Rio de Janeiro se impõe, pela vontade real, como principal cidade brasileira. Seu progresso se deve à sua função militar, pois é a partir do Rio que os portugueses colonizam o sul do Brasil e dirigem as hostilidades contra os espanhóis do rio da Prata. Ele repousa também sobre a descoberta do ouro em Minas Gerais. (ENDERS, 2015, p.57).

Durante o século XIX, o Rio de Janeiro alcança a marca de segunda cidade mais populosa, ficando atrás da mineira Vila Rica. Após o declínio da corrida pelo ouro em Minas Gerais, o Rio rapidamente chega ao topo de número de habitantes, marca que só viria a modificar-se com a ascensão de São Paulo em 1950. Certa quantia dessa população era formada por africanos escravizados que, muito por conta da posição estratégica da Baía de Guanabara, desembarcavam na cidade desde os primórdios da colonização. Inicialmente sendo-lhes imposto o trabalho nas plantações de canas de açúcar, a população negra cresceu rapidamente enquanto a população indígena teve o destino contrário. Grande parte do aumento considerável das pessoas africanas escravizadas em território carioca aconteceu por decorrência do endurecimento do Reino Unido contra os mercadores de escravos. Assim, no melhor estilo "para inglês ver", os navios repletos de escravos rapidamente aportavam no Rio fazendo com que se criasse um mercado de estoque na cidade (ENDERS, 2015, p. 142). Os números chegaram aos impressionantes 45,6% de toda a população da cidade formada por escravos em 1821. Além de proporcionar o aumento da população africana no país, esse "mercado de

estoque" fez com que os preços se mantivessem relativamente baixos, propiciando a qualquer cidadão de classe média a oportunidade de ter para si um ser humano.

Os escravos que chegavam ao Rio de Janeiro eram, em sua maior parte, oriundos das cidades de Benguela, Cabinda e Luanda – localizadas nos países hoje conhecidos como Angola e Congo – e traziam consigo suas próprias bagagens culturais, que eram arbitrariamente deturpadas pelos seus senhores que inicialmente não reconheciam as diferenças entre moçambicanos, angolanos ou aqueles oriundos da Costa da Mina. A situação toma outros rumos no início do século XIX, já havendo a distinção entre "africanos" e "crioulos", sendo os primeiros originários na África e os seguintes com nascimento em solo brasileiro. Ao receberem nomes cristãos, geralmente ligados aos personagens bíblicos, os negros tendiam a receber sua "nação" como uma espécie de sobrenome (por exemplo: Lucas Congo). Assim, mesmo que de forma ainda brutal, a população escravizada se agarrava a essas "nações" como forma de restabelecer o mínimo vínculo e manter certas tradições com a terra de onde fora arrancada.

As guerras napoleônicas, por sua vez, exercem importantes mudanças na Inglaterra, como já discutido, e também em território brasileiro, uma vez que a família real portuguesa deixa Lisboa às pressas e desembarca na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1808, transferindo a capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves para as terras tupiniquins. Em poucas palavras, o príncipe regente Dom João de Bragança deveria escolher fechar seus portos a navios ingleses ou ir à guerra contra as tropas francesas de Napoleão. Para deixar a situação ainda mais complexa, em nenhuma das escolhas possíveis havia a menor certeza de não sofrer invasões tanto britânicas quanto napoleônicas. Assim, em vias de serem capturados por Napoleão Bonaparte, os nobres portugueses decidem partir para o Rio de Janeiro, mas antes de as embarcações estarem à disposição de Dom João, as tropas francesas já haviam penetrado em terras lusitanas no dia 26 de novembro de 1807. Três dias após a invasão, Dom João, a corte, os nobres e os servos partem em direção à cidade carioca, desembarcando no dia 8 de março de 1808.

Com a chegada da Corte real portuguesa, a cidade do Rio de Janeiro começa a passar por mudanças que durariam longos anos, sempre buscando moldar a cidade da forma mais europeia possível, mesmo estando sob o sol tropical. Esse movimento de modificação da cidade é retratado em *Uma Paris dos trópicos* (2014), de Vinicius Gagliardo:

A partir do início do século XIX, o Rio de Janeiro tornou-se palco privilegiado das mudanças que se fizeram sentir no cotidiano do brasileiro depois do desembarque de Dom João e seu séquito, em 1808. Malgrado ter surgido o esboço de uma preocupação urbanizadora e sanitária com a urbe no final do Setecentos, principalmente com a

transferência da capital do Brasil e o estabelecimento da sede do vice-reinado para os domínios fluminenses, a São Sebastião encontrada pelo monarca português e por sua corte ainda sustentava as marcas de um território essencialmente colonial e bastante inóspito. Isso porque as medidas de urbanização da cidade adotadas pelos vice-reis foram bem acanhadas, ainda mais se comparadas àquelas planejadas após a chegada dos Bragança aos trópicos. (GAGLIARDO, 2014, p. 241).

Uma das primeiras mudanças com a chegada da Corte ao Brasil foi o rápido crescimento populacional na cidade do Rio de Janeiro, saltando de 137 mil pessoas em 1838 para mais de um milhão no início do século XX. Uma das primeiras e mais importantes medidas tomadas pela família real logo após sua chegada foi, sem dúvidas, a abertura dos portos brasileiros às "nações amigas". A carta régia foi a primeira a ser proclamada pelo príncipe regente e beneficiou não apenas Brasil e Portugal, como também a Inglaterra, principal parceira comercial de Dom João (COSTA & PEDREIRA, 2008). A movimentação portuária de mercadorias se alavancou no país, fazendo com que muitos dos decretos coloniais sucumbissem ao novo regime que parecia disposto a fazer do Rio de Janeiro a sua nova capital, mesmo que ultramarina.

Dom João se torna João VI após a morte da Rainha Dona Maria, não sem antes já ter investido grande esforço em instituições nacionais, centros culturais, reformas e implementação de serviços públicos, imprensa e integração de brasileiros à máquina pública, que antes detinha-se em contratar apenas portugueses. Neste mesmo período, as Guerras Napoleônicas se extinguíram e o mapa europeu foi revitalizado pelo Congresso de Viena, fazendo com que a estadia de João VI no Brasil não tivesse mais o mesmo embasamento de outrora, uma vez que seu trono não estava mais ameaçado. Com isso, o Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves passou a sofrer pressões tanto do lado das elites brasileiras, que desejavam manter a capital do Império em solo tupiniquim, quanto dos seus conterrâneos portugueses, que defendiam o regresso da Corte a Lisboa. A Corte de João IV, após ter permanecido por treze anos no Brasil, inicia a trajetória de retorno à Europa no ano de 1821, mas a comitiva havia deixado um importante membro no Rio de Janeiro: Pedro, filho de João VI.

Enquanto o Rei, em Portugal, jurava lealdade à constituição portuguesa recém-criada, muito por consequência da Revolução Liberal do Porto, Pedro via a crescente insatisfação de políticos e oficiais brasileiros com a partida de João VI para Portugal. Em 26 de outubro de 1821, no mesmo dia em que houve a eleição da nova e única Junta Governativa de Pernambuco, membros do exército português foram expulsos das terras pernambucanas. A revolta pode ser tida como o primeiro momento de independência brasileira de Portugal, o que acabou por

influenciar, talvez diretamente, o famoso "Dia do Fico" de Dom Pedro. Constantemente requerido pelos políticos em Portugal para que deixasse de vez as terras brasileiras, o príncipe Pedro decide por ficar em definitivo no Brasil e recusa o "Pacto Comercial" oferecido por Portugal (ENDERS, 2015, p. 113), assinando a carta de separação em 2 de setembro de 1822 e bradando a independência em 7 de setembro do mesmo ano. Historicamente, Pedro I do Brasil fora responsável por ideais mais liberais do que absolutistas, auxiliando o comércio brasileiro e suas relações com o exterior. No entanto, com a morte de seu pai, João VI, Pedro deixa o Brasil, abdicando de seu trono futuramente em favor de seu filho Pedro II, e rumo para a Europa com uma quantia relevante de poderio militar para retomar o trono português.

Assim que sagrado Imperador do Brasil, a independência clamada por Pedro I acentua a rivalidade entre brasileiros natos e portugueses e seus descendentes diretos que ainda viviam no país. Essa rixa e sua gana são descritas por Antonio Candido no ensaio, justamente sobre uma das obras aqui analisadas, "De cortiço a cortiço":

No fim do século XIX era corrente no Rio de Janeiro, como dito humorístico, uma variante mais brutal ainda: "Para português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar". [...]

O pau é admissível quando aplicado ao animal, mas, graças às extensões precedentes, reflui sobre o negro e dele sobre o português. Resulta uma equiparação dos três, refletida estruturalmente na confusão fônica da paronomásia (pão, pano, pau), que por assim dizer consagra no plano sonoro (semantizado) a confusão econômica e social visada pelo enunciado, cujos sujeitos, uma vez nivelados, entram por meio dela na atmosfera ambígua dos jogos verbais, liberando várias séries de combinações possíveis: português-pão, negro-pano, burro-pau; português-pau, negro-pão, burro-pano e assim por diante. (CANDIDO, 1991, p. 114)

Grande parte da rejeição do povo brasileiro ao povo português vinha dos tempos coloniais e das restrições impostas pelo governo de Portugal à economia brasileira, mas, nesse contexto, Antonio Candido atenta para uma outra possível motivação. Enquanto os descendentes de africanos permaneceriam escravos e, mesmo quando libertos, condenados às classes sociais mais baixas por conta da cor de sua pele, o português era capaz de ascender socialmente, superando o brasileiro nato. Candido diz que o trabalho era uma forma de nivelar-se por baixo, muito por conta de ser associado às pessoas escravizadas, fazendo com que a aristocracia brasileira nata evitasse de toda forma trabalhar, principalmente de forma manual. Exemplo dessa classe é o personagem machadiano Brás Cubas, do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2014), que, por possuir heranças e não precisar trabalhar, é completamente avesso a qualquer esforço laboral, permanecendo à espera de sua ideia genial para a produção de um elixir. Assim, a monarquia brasileira era repleta de tipos que evitavam o ofício e por isso

desprezavam os portugueses que, não poucas vezes, "trabalhavam como burros", acumulando capital e ascendendo a camadas superiores às dos brasileiros natos. Essa situação está presente na alegoria d'*O Cortiço*, que nos mostra o português João Romão, inicialmente alinhado aos trejeitos da negra Bertoleza, e sua busca pelo *status* nobre de comendador ou visconde, apesar de já ter acumulado economias consideráveis.

A disputa de portugueses contra brasileiros culminaria por acelerar a saída de Pedro I do trono brasileiro, que obviamente não transcorreu na velocidade descrita no último parágrafo, tendo sua importância para esse escrito basicamente por declarar a independência, promover mudanças liberais nas estruturas brasileiras e partir, deixando o jovem Pedro II como futuro mantenedor do Império Brasileiro. Pedro II nasceu em terras brasileiras, especificamente no Paço de São Cristóvão, e, aos cinco anos, recebeu de seu pai o posto de Imperador, vindo a assumir apenas dez anos depois.

De acordo com Armelle Enders, no momento em que Pedro II é sagrado imperador do Brasil, 1841, a escravidão passa a ser vista como uma herança indesejada e antiquada de Portugal, mas ainda assim necessária para o comércio e a indústria brasileira. É apenas nos anos 1860 que as lutas abolicionistas se intensificam e rumam para a abolição definitiva de 1888. A situação da escravidão em solo brasileiro era tão cruel e única que chegou a chamar a atenção até mesmo de Charles Darwin nas primeiras décadas do século XIX, durante sua passagem pelo Brasil a bordo do famoso Beagle. Como pode ser visto em:

Perto do Rio de Janeiro, morei em frente a uma velha senhora que guardava tarraxas para esmagar os dedos de suas escravas. Fiquei em uma casa onde um jovem mulato era diariamente e a cada hora maltratado, espancado e atormentado, de um modo suficiente para aniquilar o espírito do animal mais miserável. Vi um garotinho de seis ou sete anos de idade ser atingido três vezes na cabeça por um chicote de açoitar cavalos (antes que eu pudesse interferir) simplesmente por ter me alcançado um copo de água que não estava bem limpo. Vi seu pai tremer apenas com um relance do olhar de seu mestre. [...] Os que possuem um olhar benevolente para os senhores e um olhar frio para os escravos nunca se viram na posição dos últimos. Que perspectiva desanimadora, desprovida de qualquer esperança de mudança! Imagine a probabilidade, sempre pairando sobre você, de sua esposa e seus pequenos filhos – coisas que pelo comando da natureza até mesmo os escravos clamam possuir – sendo separados de você e vendidos como animais ao primeiro comprador! Esses atos são praticados e mitigados por homens que professam amar o próximo como a si mesmos, acreditar em Deus e rezar para que Sua vontade seja feita na terra! Faz o sangue ferver e o coração palpitar pensar que nós ingleses, e nossos descendentes americanos com seu orgulhoso grito de liberdade, foram e são tão culpados em relação a esta hediondez. Mas é um consolo pensar que nós pelo menos fizemos o maior sacrifício já feito por qualquer nação a fim de expiar nosso pecado. (DARWIN, 2008)<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Tradução de Pedro Gonzaga.

O biólogo britânico demonstra um certo choque cultural ao chegar à capital carioca e profunda preocupação com a crueldade vinda dos senhores e vivenciada na pele pelos escravos. Darwin, no seu primeiro volume de *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*, debate castigos a crianças, torturas recorrentes e, talvez mais assustador ainda, a falta de esperança em qualquer futuro diferente daquele. O autor induz o leitor a pensar sobre como se sentiria sabendo da probabilidade de se separar dos seus e desta estar sempre pairando sua mente, ao mesmo tempo em que constituir família e ascender socialmente são opções negadas para si e para as futuras gerações. Ainda, Darwin toca num ponto muito interessante sobre a religiosidade brasileira não mudar de forma considerável com o passar dos séculos. Para Darwin, parece incoerente que as mesmas pessoas que se postam como servas de Deus e pregam o amor ao próximo, tal qual o Novo Testamento, são as responsáveis por vilmente estraçalharem corpos e sonhos africanos.

Avançando rapidamente na linha temporal, temos Sérgio Buarque de Holanda e o seu *Homem Cordial* (2012), no qual a noção de religiosidade, no mínimo estranha a outros povos, é novamente citada:

O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. [...] Um negociante de Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo. Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. [...] É o que também ocorreu com o nosso Menino Jesus, companheiro de brinquedo das crianças e que faz pensar menos no Jesus dos evangelhos canônicos do que no de certos apócrifos, principalmente as diversas redações do Evangelho da Infância. Os que assistiram às festas Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo. (HOLANDA, 2012).

O que chama atenção, sem dúvidas, é a proximidade com a qual a sociedade brasileira trata os santos. A instituição máxima do poder angelical, se é que podemos tratar dessa forma, é convertida em seres de fácil alcance e muito condescendentes com os pecados brasileiros e seus humildes servos. A intimidade com a qual os brasileiros se referem aos santos católicos, desde os tempos coloniais, e a sua incessante necessidade de demonstrar capacidade de desejar amor ao próximo é inversamente proporcional a de fato fazer o bem àqueles que ocupam posições hierárquicas menos favorecidas, como pode ser visto nos escritos de Darwin. O conservadorismo em abolir a escravidão não era capaz de afetar a fé católica e afetava muito menos a visão da classe intermediária brasileira sobre si própria, equação essa que Darwin

pensava tão complicada de resolver e a qual Sérgio Buarque de Holanda acrescentou maiores informações. Aqui, ao que parece após a leitura dos dois trechos, a fé era moldada pelo próprio indivíduo e servia a ele, e não o contrário como era o esperado. Era possível ser católico, seguir os preceitos de Cristo e mesmo assim possuir e tratar cruelmente outros seres humanos, já que as regras papais, ao que tudo indica, estavam a livre interpretação para a classe brasileira mais abastada. A questão religiosa brasileira daria um capítulo à parte em qualquer instância, mas aqui cabe ainda mencionar como a questão continua forte até o presente momento da escrita desta dissertação, uma vez que o cristianismo conservador se mantém profundamente amparado pela sociedade do Brasil e até mesmo pelos seus governantes.

Pedro II instaura diversas instituições culturais e passa a ser reconhecido como um dos grandes incentivadores da pesquisa científica em solo brasileiro. Fazendo investimentos na educação básica, como o Colégio Dom Pedro II, nas pesquisas geográficas, com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e no desenvolvimento das artes em geral, é sob o comando de Pedro II que o Brasil experiencia um grande progresso científico e cultural. Os esforços de Pedro II resultam na exposição do primeiro quadro brasileiro em terras parisienses. De autoria de Vitor Meireles, a *Primeira missa no Brasil* (1861) retorna ao país tupiniquim e alavanca seu autor à condição de semi-herói nacional. É ainda em meados do século XIX que, mesmo de forma extremamente polêmica, os estudiosos revivem o interesse pela cultura indígena, possivelmente apagada desde os primeiros cem anos da história portuguesa no Brasil. Em contrapartida, os ideais positivistas de Auguste Comte também encontram espaço entre os círculos intelectuais fortemente encorajados por Pedro II.

Tais movimentações intelectuais levam diretamente ao primeiro censo demográfico brasileiro intitulado "Censo demográfico do Brasil de 1872", que ostentou a expressiva marca de traçar a situação de todos os estados brasileiros. Os resultados são alarmantes, principalmente quando vistos com os olhos de hoje em dia. O censo indicava que o estado do Rio de Janeiro apresentava mais de um terço de sua população ainda vivendo de forma escravizada, fazendo com que quaisquer tentativas de ascensão social e intelectual fossem muito custosas, se não impossíveis. Esse é o jogo social no qual é preciso inserir-se para entender como funcionava a capital do Brasil em momentos que beiravam a entrada da *Belle Epoque* em território nacional. Ainda de acordo com o estudo de 1872, a capital fluminense possuía aproximadamente 100 mil pessoas tidas como alfabetizadas – apenas 329 escravos integravam esses números –, enquanto outras 126 mil cariocas eram incapazes de ler e escrever. Os números ficam ainda mais alarmantes quando notamos que estamos falando da capital

brasileira, isto é, o local em que os números de alfabetização provavelmente se mostravam melhores. Ou seja, menos de 50% dos cariocas eram alfabetizados e, com absoluta certeza, menor ainda seria a porcentagem daqueles em condições financeiras de comprar livros de ficção por simples prazer de leitura.

O panorama político e de eleições brasileiras se apresentava ainda mais excludente, uma vez que diferentes leis ditavam a capacidade de votar e de concorrer a algum cargo. Essas leis exigiam um certo valor como renda mínima anual para o cidadão brasileiro ter o direito ao voto e um valor ainda menos atraente para que se pudesse concorrer a algum cargo político. Em outras palavras, aos integrantes da classe mais baixa não se permitia o direito ao voto. Alguns membros de uma dita classe média eram dotados de renda suficiente para escolher, mesmo que não de forma direta, seus candidatos, enquanto a classe mais privilegiada era justamente a origem dos candidatos a cargos políticos, efetuando assim uma grande engrenagem de manutenção de poder.

O sentimento republicano e abolicionista se aflorava conforme o século XIX se encaminhava para seu desfecho. A justificativa da escravidão se torna cada vez mais insustentável, principalmente aos olhos de outras nações (ENDERS, 2015, p. 175), e recebe grande incentivo vindo de uma narrativa, de certo mau gosto, em que a personagem é uma escrava de pele "cor de marfim". O romance *A escrava Isaura* – publicado originalmente em 1875 –, de Bernardo Guimarães, é ironicamente um dos grandes responsáveis por mover a comoção popular em torno da abolição da escravatura. Não poderia haver outra análise aqui que não a de grande parte das classes privilegiadas e brancas tomarem para si a luta no único momento em que se veem representados por uma escrava branca. Foi necessário visualizar a si mesmo ou outros de sua etnia, sofrendo tamanhas crueldades para que se pudesse libertar das amarras ideológicas da escravidão. Por entre ameaças sobre a segurança pública, a derrocada da economia brasileira e indenizações aos grandes fazendeiros, a princesa Isabel assina a lei em lugar de seu pai, que estava em terras europeias.

Não sem grande festa, o país recebe a notícia da abolição da escravatura em terras brasileiras. Durante 8 dias, conforme alguns relatos, a cidade do Rio de Janeiro comemora a liberdade de todos seus moradores, fazendo com que diversas fábricas e escritórios se esvaziem durante os períodos de comemoração. Apesar do importante e atrasado marco na história brasileira, não houve muitas mudanças na forma de visualizar os ex-escravos perante a lei brasileira, já que esta fazia grande distinção entre "alforriados" e "cidadão brasileiros". A abolição resulta em mais de um milhão de pessoas encaminhadas às ruas sem empregos nem

moradias asseguradas pelo Estado ou por seus antigos senhores. As consequências são sentidas até os dias de hoje, visto que é inegável que muitas dessas distintas formas de lidar com negros e brancos estão presentes até hoje na sociedade brasileira.

Talvez por ações tomadas e incentivadas pelo próprio Imperador brasileiro, o positivismo toma de assalto os pensamentos nas terras de Pedro II, fazendo com que até mesmo militares formem seu próprio grupo de ditos intelectuais. Liderados por Manuel Deodoro da Fonseca, que, por sua vez, era fortemente amparado por Benjamin Constant e seus iguais, o movimento militar não se mostrava simpatizante dos ideais republicanos, mas sim do compromisso de fazer com que Pedro II deixasse o comando do país. As elites brasileiras não se mostravam favoráveis a um monarca estrangeiro, visto que o país estava em vias de ser governado pelo francês Conde D'Eu, o mesmo que seria dono do cortiço “Cabeça de Porco”, esposo de Isabel, filha de Pedro II. Convencidos de que seriam presos a mando de Dom Pedro II no dia 15 de setembro de 1889, Marechal Deodoro e os militares sob sua ordem se reúnem no Campo de Santana – centro da cidade do Rio de Janeiro –, onde marcham até o Paço Imperial para ocupar o Ministério da Guerra e dispensar seus ocupantes. A república é proclamada na Câmara Municipal enquanto se reverenciava uma infame bandeira dos Estados Unidos da América pintada das cores brasileiras (ENDERS, 2015). Dom Pedro II regressa de Petrópolis, mas, ao visualizar a situação na capital, acaba optando por não oferecer resistência, fazendo com que a família real busque exílio na Europa nos dias seguintes à proclamação.

Os dois primeiros governos que sucederam à república brasileira foram sob comando dos militares Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, fazendo com que o primeiro governo democrático brasileiro fosse na realidade uma ditadura (MARTINHO, 2006). Esse momento em específico ficou conhecido pelo desalinhado apelido de “República da Espada”, sendo capaz de representar os movimentos políticos brasileiros da melhor maneira possível: uma república ainda baseada na força bruta militar. É justamente em meio a essa agitação política que Aluísio Azevedo publica *O Cortiço* em 1890. A primeira das três ditaduras brasileiras se encerra cinco anos mais tarde, não que sem antes seus opositores fossem perseguidos, exilados e assassinados por um governo que buscou representar seu poder em todas as capacidades possíveis, chegando a trocar o nome da capital catarinense para Florianópolis, em homenagem ao próprio Floriano Peixoto. No fim de seu governo, o Marechal perdeu espaço aos cafeicultores republicanos paulistas e aos pecuaristas mineiros, fazendo com que, por consequência, as eleições de 1894 elessem Prudente de Moraes como presidente do Brasil, em uma agora consolidada república que só viria a se desfazer em 1930 com a Ditadura Vargas.

Apesar da modernização carioca ter-se iniciado com a chegada da Corte ao país, contribuindo assim com a segregação racial e econômica, há dois prefeitos que são notáveis pelas suas contribuições para com as condições desumanas e lamentáveis nas quais os habitantes das classes baixas são obrigados a existir. O primeiro é Barata Ribeiro, no momento em que o Distrito Federal (Rio de Janeiro) passa a ter um prefeito em período republicano que, mesmo permanecendo por pouco mais de um ano, foi capaz de mudanças consideráveis no panorama carioca. Ribeiro, hoje nome de rua no bairro de Copacabana, decide fazer obras em prol da higiene da cidade e, com isso, derrubar o maior cortiço do centro do Rio: o Cabeça de Porco. Mesmo sem ser citado diretamente na obra de Azevedo, o cortiço poderia ser tanto o de propriedade de João Romão, como quanto o vizinho “Cabeça de Gato”. A disputa está presente no excerto:

Agora, na mesma rua, germinava outro cortiço ali perto, o “Cabeça de Gato”. Figurava como seu dono um português que também tinha venda, mas o legítimo proprietário era um abastado conselheiro, homem de gravata lavada, a quem não convinha, por decoro social, aparecer em semelhante gênero de especulações. E João Romão, estalando de raiva, viu que aquela nova república da miséria prometia ir adiante e ameaçava fazer-lhe à sua perigosa concorrência. Pôs-se logo em campo, disposto à luta, e começou a perseguir o rival por todos os modos, peitando os fiscais e guardas municipais, para que o não deixassem respirar um instante com multas e exigências vexatórias; (AZEVEDO, 2012, p. 241)

O Cabeça de Porco, que serviu de inspiração a Aluísio Azevedo, era supostamente de propriedade do Conde D'eu, esposo de Isabel I, fazendo com que possamos partir do pressuposto de que deveria ser no mínimo muito rentável ser dono de habitações de péssimo estado. Também era o lar de diversas famílias, que acabaram despejadas do dia para a noite. Sem alternativas, essas famílias se direcionaram ao Morro da Providência, localizado no coração da cidade carioca, passaram a ocupá-lo e se fixaram por completo ao construírem suas novas casas. Adjunto aos ex-moradores do Cabeça de Porco e de outros cortiços destruídos por Barata Ribeiro, os soldados regressados da Guerra dos Canudos não encontram acordo com o governo para a construção de suas casas prometidas e também se direcionam ao Morro da Providência, fazendo com que o local seja o berço da primeira favela carioca. Com o passar dos anos, o morro passa a ser conhecido como Morro da Favela e volta a ser Morro da Providência após outras favelas se instaurarem na cidade, principalmente por conta da política urbanística do próximo prefeito a ser debatido aqui: Francisco Pereira Passos.

Já em 1903, dando procedência na escalada higienista de Barata Ribeiro, Francisco Pereira Passos, nomeado prefeito pelo presidente Rodrigues Alves, lidera uma empreitada que

entraria para a história e ficaria conhecida como "Bota-Abaixo". Essa movimentação tinha por foco tornar a cidade menos insalubre e mais moderna a partir de ideais urbanos, higienistas e no mínimo questionáveis. Com Pereira Passos, mais e mais cortiços eram derrubados em regiões centrais da cidade, dando espaço a largas avenidas, que aumentavam a circulação de ar no centro da cidade. O prefeito optou por exterminar a existência de cortiços no centro-sul da cidade, ocasionando diretamente a ocupação dos morros do Rio de Janeiro que viriam a formar novas favelas na capital. Enquanto Pereira Passos modernizava a cidade ao estilo europeu, Oswaldo Cruz, diretor-geral de saúde pública, trabalhava para erradicar doenças decorrentes principalmente das más condições sanitárias. Ambos foram condecorados durante a Exposição Nacional de 1908, na qual a cidade recebe o apelido de Cidade Maravilhosa, que perdura até os dias de hoje.

Sidney Chalhoub, no seu *Cidade febril* (1996), narra as “modernizações” pelas quais passava a cidade do Rio de Janeiro exatamente durante o recorte histórico que foi aqui abordado. Chalhoub descreve a destruição do Cabeça de Porco, um dos principais cortiços à época, situado especificamente na Rua Barão São Félix, a mando do prefeito Barata Ribeiro. É notável na análise de Chalhoub que, partindo também dos princípios higienistas, os cortiços cariocas eram vistos como aglomerações de desordeiros, escravos e doenças. Ao trazer o Cabeça de Porco abaixo, no entanto, muito por consequência dessa “purificação” da cidade, varrendo o “mundo da imundície” de acordo com os ideais higienistas, acabou por criar-se as primeiras favelas nas encostas dos morros com os moradores despejados desses cortiços recém destruídos. Chalhoub argumenta também que o episódio da destruição do maior cortiço carioca se transforma em um dos marcos iniciais na maneira de conceber a coordenação das diferenças sociais no Brasil.

Assim, perpassando os marcos históricos que aqui se entendem como definidores para que as situações narradas por Azevedo e London sejam condizentes com a realidade vivida pelas populações de Rio de Janeiro e Londres, é interessante notar como, por mais que as classes mais baixas estivessem em situação de semelhança, os acontecimentos precedentes ao momento em questão são muito distintos. Conforme frisado desde o início deste escrito, a maior diferença se dá no fato de o Reino Unido ser uma nação colonizadora, retirando benefícios de outros Estados, enquanto o Brasil é marcado por ter muitos de seus bens culturais e pecuniários removidos por Portugal, que também lhe impedia de um crescimento econômico natural e livre.

A condição racial é outro fator que distingue ambas cidades e seus respectivos países. Por mais que a imigração e a globalização hoje sejam parte mais frequente da Londres moderna

(FLEABAG, 2016), é no continente sul americano que nativos indígenas, europeus e africanos um dia conviveram em situações hierárquicas brutais e desiguais. O efeito disso é visto na estratificação social que atinge os descendentes africanos, fazendo com que qualquer menção a uma ascensão econômica seja virtualmente impossível quando disposta no jogo social opressor em que o Brasil está inserido. Obviamente há racismo também no Reino Unido, mas sua atuação no jogo político não está tão impregnada em suas estruturas a ponto de diferenciar pessoas como "alforriados" e "cidadãos natos", como estava presente há pouco mais de cem anos no código brasileiro. Além disso, há muitas outras diferenças, como a questão religiosa de um catolicismo fervoroso que não segue os preceitos presentes no evangelho de Cristo (DARWIN, 2008; HOLANDA, 2012), ou, como já vimos e será em seguida retomada, a necessidade de ter um teto sobre si para não congelar com as madrugadas nebulosas londrinas.

#### 1.4 Geografia e arquitetura

Conforme as nomenclaturas definidas pela Classificação Climática de Köppen-Geiger, a capital carioca é dotada de um clima tropical savânico – ou semiúmido –, que está presente também em grande parte da África central e em alguns locais do Caribe e Índia, por exemplo, fazendo da cidade um local geralmente quente e de pouca amplitude térmica devido à proximidade marítima. Londres, em contrapartida, possui um clima oceânico temperado, dotado de verões não intensos e invernos frios. Outros locais com o clima parecido com o de Londres são boa parte da França, Alemanha, Nova Zelândia, partes da América do Sul e até a região metropolitana de Curitiba. Essa diferença climática, alinhada à exorbitante diferença de latitude, faz com que as temperaturas médias anuais sejam definidoras da forma com que as duas cidades convivem por entre as estações. Como exemplo, com dados do Instituto Nacional de Meteorologia<sup>8</sup>, a temperatura mínima recorde da cidade do Rio de Janeiro se deu em 28 de junho de 1994 com 6,7 °C registrados nos termômetros. Em comparação, temperatura muito próxima a essa é justamente a temperatura média enfrentada pelos londrinos durante os meses de novembro a março, de acordo com o MetOffice<sup>9</sup>. Ou seja, durante cinco meses, os moradores de Londres convivem com o frio experimentado apenas em dias extremos na capital carioca.

---

<sup>8</sup> BDMEP - Série Histórica - Dados Diários - Precipitação (mm) - Alto da Boa Vista. Banco de Dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa. Instituto Nacional de Meteorologia. Disponível em: <https://bdmep.inmet.gov.br/>. Consultado em 30 de abril de 2020.

<sup>9</sup> UKAnnual Temperature. Disponível em: <https://www.metoffice.gov.uk/research/climate/maps-and-data/uk-climate-averages>. Acesso em 30 de abril de 2020.

Em *The people of the Abyss*, Jack London (2008) explicita o frio no trecho<sup>10</sup>:

"Certa vez, ganhei uma coroa no pico de Stratford", disse uma nova voz. O silêncio caiu no instante, e todos ouviram a história maravilhosa. "Havia três de nós quebrando pedras. No inverno, o frio era cruel. Os outros dois disseram que seriam abençoados se o fizessem, e não o fizeram; mas eu continuei usando o meu para aquecer, você sabe." (LONDON, 2008., p. 105).

E, de forma oposta, aparece o calor tropical em Azevedo (2012):

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbados de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. (Ibid., p. 115).

É no mínimo interessante notar como os dois trechos mostram trabalhadores de pedreiras, mas em condições distintas, já que, enquanto aqueles narrados por London devem se aquecer ao manter o corpo trabalhando, os outros são castigados pelo calor, pelo sol, pelo suor e por uma possível insolação. O estigma do sol carioca será abordado também em um momento próximo, visto que este representa quase um ser capaz de reger as ações das personagens de Azevedo. A mesma diferença climática está presente nos dois próximos trechos, que evidenciam ainda mais as diferentes condições de sobrevivências nos dois lados do atlântico. Primeiramente em London:

Eu encontrei uma condição crônica de miséria constituída que nunca é exterminada, mesmo nos períodos de maior prosperidade. Após o verão em questão, veio um inverno difícil. Um grande número de desempregados formava procissões, até uma dúzia de cada vez, e marchava diariamente pelas ruas de Londres clamando por pão. (LONDON, 2008).

E o oposto em Azevedo (2012):

A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros. (Ibid., p.170-171).

---

<sup>10</sup> Tradução própria.

Azevedo opta por alinhar o pensamento proposto no livro com os ideais do naturalismo. Aluísio Azevedo narra as influências do calor tropical, muito superior às personagens, e como ele impacta diretamente a evolução de Jerônimo, neste caso. O caráter português de homem rígido, de ser um homem de poucos prazeres, econômico e mantenedor do ciclo familiar, dão espaço às manias cariocas, à preguiça, ao prazer instantâneo que sempre evita guardar o melhor para depois. As "imposições do sol" se dão por conta de seu "espírito revoltado" e influenciam diretamente a vida daqueles que estão sob seu reinado. A Jerônimo não havia opção que não se resignar, tomar alguns banhos por dia, sempre lavar-se e entregar-se aos molejos brasileiros.

Em um outro momento, o poderio do sol carioca é novamente exaltado na narrativa de Azevedo, determinando um dos arcos presentes do livro: a demora na menstruação de Pombinha. A personagem ainda não havia tido seu primeiro ciclo menstrual, fazendo com que seu casamento estivesse em espera, atordoando, por consequência, a sua mãe, a viúva Dona Isabel, que pensava nos benefícios econômicos que teria com o matrimônio da filha. Começamos com:

O calor tirava do capim um cheiro sensual.  
A moça fechou as pálpebras, vencida pelo seu delicioso entorpecimento, e estendeu-se de todo no chão, de barriga para o ar, braços e pernas abertas.  
Adormeceu. (AZEVEDO, 2012, p. 227).

Nesse primeiro momento em que Pombinha sai de casa e é acometida por uma imensa vontade de ficar sozinha, temos na natureza um elemento sedutor para a personagem. Vagando pelas terras do cortiço de João Romão, Pombinha não havia decidido onde iria repousar, até o instante em que é convocada pela mãe-natureza a deitar-se embaixo de uma árvore específica, donde o capim exalava um cheiro sensual, fazendo com que a menina ficasse entorpecida e em uma posição que contribui ainda mais para a sua condição. Pombinha parece ser seduzida a deitar-se ali, sob o sol e sobre a grama. Algumas linhas a seguir, temos o vívido sonho tido pela personagem:

[...] E viu-se nua, toda nua, exposta ao céu, sob a tépida luz de um sol embriagador, que lhe batia de chapa sobre os seios.  
Mas, pouco a pouco, seus olhos, posto que bem abertos, nada mais enxergavam do que uma grande claridade palpitante, onde o sol, feito de uma só mancha reluzente, oscilava como um pêndulo fantástico. (AZEVEDO, 2012, p. 227-228).

Aqui temos o principal elemento desse recorte narrativo: o sol e o calor que este proporciona aos habitantes da região tropical. Nas palavras de Azevedo, o sol era "embriagador", e com isso podemos captar, sem muito esforço, o quanto o sol propiciava as

mesmas sensações ébrias do álcool. Aqui, Pombinha não está sóbria, está embriagada pelos poderes divinos da entidade solar e, nua, quer deixar-se invadir por aquele calor abrasador, sedutor, fazendo com que o trecho seja dotado de cunho sexual para a menina ainda virgem. Continuamos com:

[...] E, suspirando, espreguiçou-se toda num enleio de volúpia ascética. Lá do alto o sol a fitava obstinadamente, enamorado das suas mimosas formas de menina. Ela sorriu para ele, requebrando os olhos, e então o feroso astro tremeu e agitou-se, e, desdobrando-se, abriu-se de par em par em duas asas e principiou a fremir, atraído e perplexo. (AZEVEDO, 2012, p. 228).

O sol definitivamente passa a ser o amante de Pombinha em seu sonho, que, mesmo distante, postado no céu, dispunha de imenso desejo pelas delicadas curvas da menina. Já Pombinha, dotada de uma espécie de comichão, se deixa entrar no irresistível jogo de sedução proposto pelo astro-mor. Não há como ser ingênuo o suficiente para que não se note como o sonho de Pombinha é um sonho erótico, em que seu inconsciente (FREUD, 2006) deseja a relação sexual e deseja menstruar. O anseio e o imediato aumento da libido fazem com que Pombinha esteja esperando por algum amante de carne e osso, pelo gozo, pela liberação, e esta vem logo no próximo trecho, em que uma "onda vermelha e quente" invade o corpo de Pombinha e por ele é expelida.

E a rosa, que a tinha ao colo, é que parecia falar e não ela. De cada vez que a borboleta se avizinhava com as suas negaças, a flor arregaçava-se toda, dilatando as pétalas, abrindo o seu pistilo vermelho e ávido daquele contato com a luz.

– Não fujas! Não fujas! Pousa um instante!

A borboleta não pousou; mas, num delírio, convulsa de amor, sacudiu as asas com mais ímpeto e uma nuvem de poeira dourada desprende-se sobre a rosa, fazendo a donzela soltar gemidos e suspiros, tonta de gosto sob aquele eflúvio luminoso e fecundante.

Nisto, Pombinha soltou um ai formidável e despertou sobressaltada, levando logo ambas as mãos ao meio do corpo. E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir e a chorar, sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente.

A natureza sorriu-se comovida. Um sino, ao longe, batia alegre as doze badaladas do meio-dia. O sol, vitorioso, estava a pino e, por entre a copagem negra da mangueira, um dos seus raios descia em fio de ouro sobre o ventre da rapariga, abençoando a nova mulher que se formava para o mundo. (AZEVEDO, 2012, p. 229).

Retomando o argumento de não ser ingênuo ao fazer a leitura do sonho da menina Pombinha, tudo fica ainda mais explícito na primeira metade desse trecho. O sol envia uma borboleta à Pombinha, que bate suas asas muito próxima das pernas da menina e a borboleta, por estar quente, seria bem recebida pela personagem caso pousasse em seu corpo. Por sua vez,

Pombinha passa a ser representada por uma rosa em seu sonho, enquanto a borboleta dourada se aproximava da flor para germiná-la. O sol, interpretado pela borboleta, sacode-se e jorra sobre a flor de Pombinha uma poeira dourada, fazendo com que o gozo chegue à Pombinha, que acorda por entre gemidos e descobre que havia menstruado. Ao finalizar o trecho, Azevedo escolhe por terminar também o capítulo de número 11 d'*O Cortiço*, em que Pombinha começa como menina, tem o desejo de ficar só, sonha com uma relação sexual e, ao fim, torna-se mulher. Pombinha não volta para a casa de Dona Isabel a mesma pessoa; volta pronta para o casamento, com o Sol sendo o responsável por essa mudança e "abençoando a nova mulher que se formava para o mundo".

O sol carioca é capaz de mudar os trejeitos de Jerônimo e enamorar Pombinha com o seu calor, a fazendo menstruar pela primeira vez. O mesmo, podemos dizer, não aconteceria se o romance se passasse na cinzenta capital inglesa. A certa altura, Jack London diz:

Recém tínhamos passado alguns minutos após as cinco da tarde, mas já havia uma longa e melancólica fila, que se estendia pela esquina do prédio e desaparecia. Era uma imagem lamentável, homens e mulheres esperando no final do dia cinzento e frio por um abrigo destinado a mendigos, e confesso que isso quase me enervou. (LONDON, 2008, p. 66-67).

A influência do meio sobre o indivíduo, como podemos notar, não ocorre da mesma forma em *The people of the Abyss*, já que aqui a cidade e suas características físicas, por mais que sejam importantes, não são capazes de influenciar os protagonistas de London de forma direta. A cidade faz com que os londrinos menos favorecidos devam buscar abrigo à noite, encarar filas em busca de emprego nos dias cinzas e frios, lidar com a umidade e as constantes chuvas, mas em momento algum durante a narrativa de Jack London o meio natural influi no indivíduo a ponto de fazer com que agucem seus sentidos, como Jerônimo, ou até mesmo menstruem, como Pombinha. A vida dos trabalhadores britânicos retratada por London é condicionada pelo meio em que estão inseridos seus trabalhos braçais e, por consequência, suas fracas condições de moradia e alimentação. Justamente por a capital inglesa possuir em torno de apenas 1600 horas de luz solar durante o ano<sup>11</sup> enquanto o Rio de Janeiro mantém uma média de ao menos 12 horas de sol por dia<sup>12</sup>, em Londres não é o sol ou o calor que viria a influenciar seus habitantes. O que o faz é a jornada de trabalho repetitiva, como podemos ver em um trecho

---

<sup>11</sup> Dados do MetOffice. Disponível em: <https://www.metoffice.gov.uk/research/climate/maps-and-data/uk-climate-averages>. Acesso em 30 de abril de 2020.

<sup>12</sup> Fonte: Weather Spark. Disponível em: <https://pt.weatherspark.com/y/30563/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Rio-de-Janeiro-Brasil-durante-o-ano>. Acesso em 30 de abril de 2020.

em que Engels (2010) narra as visíveis consequências do emprego em fábricas ao corpo humano, que deixam marcas na maior parte de seus empregados:

Poucas vezes andei por Manchester sem cruzar com três ou quatro aleijados, acometidos dessa deformação da coluna e das pernas que pude observar inúmeras vezes; conheço pessoalmente um estropiado, portador das características descritas pelo doutor Hey, que foi mutilado em Pendleton, na fábrica do senhor Douglas, industrial que ainda hoje desfruta, entre os operários, de reputação pouco invejável por impor jornadas de trabalho extremamente longas, que atravessavam noites inteiras. Não é difícil identificar de imediato, entre os aleijados, aqueles que foram estropiados dessa maneira – todos têm o mesmo aspecto: os joelhos curvados para dentro e para trás, os pés voltados para dentro, as articulações deformadas e grossas e, frequentemente, a coluna desviada para a frente ou para o lado. (ENGELS, 2010, p. 191).

Friedrich Engels dedica a totalidade de seu livro *A situação classe trabalhadora na Inglaterra* (2010) a denunciar os malefícios e as consequências diretas aos empregados de uma revolução industrial. Jack London, com sete décadas de diferença, utiliza o mesmo termo de Engels para se referir aos trabalhadores de Londres, e as consequências da industrialização sobre os corpos dos trabalhadores ingleses ainda se fazem presente em *The people of the Abyss*. Por uma dúzia de vezes, Jack London se refere à classe como *creatures*, do inglês e com mesmo efeito de sentido de "criaturas", que vagam em busca de emprego, alimento e um local para passar a noite. A humanidade é abstraída dos corpos desengonçados, bisonhos e não-naturais, fazendo com que grandes aglomerações sejam chamadas de "hordas" por London, cuja jornada de trabalho de mais de doze horas diárias é a principal responsável pela animalização na obra, por mais que não haja o sol tropical para transformá-los.

Caberia ainda dizer que as duas cidades se diferenciam também em seus terrenos, em que a cidade de Londres tem seu terreno estritamente plano, dotada de pouca elevação a partir do Rio Thames. Se posicionando como oposto, há diversos acidentes geográficos da capital carioca, em que a presença de terrenos elevados favorece a formação de favelas. No Rio de Janeiro, temos o Morro da Providência, local da primeira favela carioca, o famoso Dois Irmãos, que pode ser visto das praias de Leblon e Ipanema e que abriga nos seus arredores o complexo do Vidigal, a favela da Rocinha e suas respectivas comunidades. Na cidade, ainda teríamos a Pedra da Gávea, o Corcovado, o Pão de Açúcar e tantas outras inclinações que vêm a servir ou não de refúgio para as classes menos favorecidas. Em Londres, a situação se mostra completamente diferente, já que a cidade se mantém sob um terreno tão plano que o prédio The

Shard, o mais alto da Europa Ocidental, pode ser visto de basicamente qualquer posição dentro da intitulada Zona 1<sup>13</sup>.

Assim sendo, não há espaços elevados para abrigar as casas das classes trabalhadoras, mas isso não significa que estas não sejam geograficamente oprimidas, já que ambas cidades possuem o mesmo movimento intitulado "arquitetura hostil", consistindo basicamente em elementos de construção de pontos públicos da cidade que contribuam com a opressão, principalmente contra os que não possuem local para descansar ou dormir. Uma das maiores figuras dessa arquitetura anti-indigentes é o "Banco de Camden", se referindo justamente o supracitado bairro de Camden Town. O *design* do banco é produzido de forma com que se torne impossível alguém deitar-se nele, impossibilitando que pessoas em situação de rua possam usá-lo como ponto de repouso. Outros clássicos exemplos de arquitetura hostil são assentos grandes separados por alguma divisória em sua metade, transformando-os em dois pequenos bancos e impedindo que alguém venha e se deitar. Há ainda o uso de grandes pedras em degraus ou calçadas, dissolução de qualquer encosto e uso de grades em frente a empresas. A seguir, podemos ver quatro exemplos; os dois primeiros estão localizados na Inglaterra e os dois seguintes na cidade do Rio de Janeiro:

Banco em Camden



Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/Camden\\_bench.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/Camden_bench.jpg)

Igreja em Norwich

---

<sup>13</sup> A cidade de Londres é dividida por zonas do sistema metroviário, sendo a Zona 1 a região central da cidade, compreendendo os bairros mais próximos a Westminster e The City.



Fonte:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/98/Flint\\_anti\\_urination\\_device%2C\\_St\\_Gregory%27s%2C\\_Norwich.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/98/Flint_anti_urination_device%2C_St_Gregory%27s%2C_Norwich.jpg)

Banco com divisórias no Rio de Janeiro



Fonte: <https://projetocolabora.com.br/ods11/a-arquitetura-hostil-das-cidades/>

Banco no Rio de Janeiro



Fonte: <https://projetocolabora.com.br/ods11/a-arquitetura-hostil-das-cidades/>

## CAPÍTULO II – Descida ao Abismo

Jack London usa letra maiúscula em todas as vezes que se refere ao termo "*Abys*". Em Londres, haveria *O Abismo*, em que o americano entrou por opção própria, para surpresa de vários londrinos, e do qual fez o local específico de sua narrativa. Esse Abismo possuía nome e sobrenome: *East End*, e estava localizado na zona leste de Londres, bem distante das casas do parlamento, do Palácio de Buckingham, do Hyde Park e dos olhos da Scotland Yard. Ao contrário do que acontece no Rio de Janeiro, onde os cortiços deram origem às favelas, o *East End* hoje em dia é refúgio de artistas e boêmios que aproveitam a importante cena noturna instalada em Shoreditch. Por mais que o Abismo não exista hoje na mesma condição daquela vivenciada por London, é importante ressaltar que os arredores de Whitechapel formam o berço para uma população de imigrantes, principalmente árabes, ocasionando na existência de uma clara distinção social e racial entre os dois lados de Londres: oeste majoritariamente europeu rico e leste ocupado por pessoas ainda em situações não tão vantajosas financeiramente.

Em Londres, os pobres não sobem os morros, mas também sofrem exclusão geográfica ao serem afastados do centro da cidade. Além de dificultar, quase impossibilitar, o descanso aos que não possuem moradia, o Estado ainda se mostra capaz de organizar a formação dos Abismos de modo muito peculiar. Ambas arquiteturas descritas na seção anterior parecem muito semelhantes, com as casas dos mais pobres de Londres e do Rio de Janeiro sendo dispostas “ombros a ombros” e próximas até demais uma das outras. Com isso, se mantém uma arquitetura extremamente hostil até mesmo para os "privilegiados" que teriam um teto sob suas cabeças. Tanto Jack London quanto Aluísio Azevedo retratam edificações de casas ou de fábricas que parecem funcionar para oprimir e manter a lógica social de forma conservada. O mesmo vale para as descrições de Engels sobre as casas inglesas e o discurso do deputado Everardo Backheuser, transcrito por Sidney Chalhoub em *Cidade Febril* (2017), como podemos ver no trecho:

O texto de Backheuser foi publicado pela primeira vez em 1905. Era o tempo do bota-abixo do prefeito Pereira Passos, e a campanha contra os cortiços, portanto, já tinha alcançado grande parte de seus objetivos. Backheuser define estalagem com um leve toque de humor, e outro de preconceito:

"Pequenas casinhas de porta e janela, alinhadas, contornando o pátio, são habitações separadas, tendo a sua sala da frente ornada de registros de santos e anúncios de cores gritantes, sala onde se recebem visitas, onde se come, onde se engoma, onde se costura, onde se maldiz dos vizinhos, tendo também a sua alcova quente e entaipada, separada da sala por vim tabique de madeira, tendo mais um outro quartinho escuro e quente onde o fogão ajuda a consumir o oxigênio, envenenando o ambiente. Dorme-se em todos os aposentos". (CHALHOUB, 2017, p. 44-45).

Everardo Backheuser foi um político, engenheiro, geógrafo e geólogo que alcançou reconhecimento por comandar as reformas da cidade do Rio de Janeiro sob comando do já citado prefeito Pereira Passos. Backheuser não foi o pioneiro na empreitada higienista, mas fora um dos grandes responsáveis por noticiar em quais condições as casas menos favorecidas do Rio de Janeiro estavam dispostas. Ainda de acordo com Chalhoub, José Pereira Rego se estabelece como principal nome do movimento higienista no Brasil, formando a "Junta da Higiene". Esse grupo voltou suas atenções diretamente aos cortiços por estes serem, justamente, os locais com mais focos de contágio das doenças que a Corte desejava livrar-se a todo custo. Tendo seus planos inicialmente atrasados durante a monarquia, devido às questões que versavam sobre propriedades privadas, a "Junta de Higiene" tem seu alcance ampliado nos primeiros governos da república e, ao ser capaz de aplicar o regulamento sanitário de 1890, passa a ter na figura do inspetor geral da higiene o seu representante máximo, dotado do poder de fechar estabelecimentos cariocas em prol de manter a higiene da cidade. Assim, não demorou muito para que os cortiços passassem a ser fechados devido ao eventual perigo de contágio geral a partir de seus focos de infecções. Curiosamente, é também neste momento em que as classes mais baixas, moradoras desse Abismo, são denominadas como "classes perigosas" pelos higienistas (CHALHOUB, 2018).

Classificar a classe socioeconômica como uma classe perigosa faz com que os habitantes dos cortiços cariocas passem a ser vistos não apenas como indivíduos capazes de transmitir doenças às classes superiores – e por isso rechaçados –, mas também como "focos de moléstias e de todos os vícios" nos cortiços (CHALHOUB, 2017, p. 62-63). A sentença "todos os vícios" abarcava também, além de doenças, prostituição, roubos, proibidas capoeiras e tantas outras atividades das quais as elites cariocas se pretendiam distantes. Assim, os Abismos passaram a ser locais a serem evitados a todo custo, se desejava ficar o mais longe dessas "classes perigosas". A atuação do Estado se dava de forma muito semelhante na cidade de Londres, onde, muito por conta da negligência pública, as ruas próximas à Whitechapel Road da *East End*, abrigavam grande parte da prostituição (RULE, 2010), da *working class* e dos crimes hediondos da cidade. Não é de se surpreender que o infame Jack, o Estripador, tenha atuado justamente no *East End* e que todas as suas vítimas estivessem inseridas em Whitechapel. A ineficiência da Scotland Yard em encontrar o assassino de cinco vítimas se deu muito mais por conta da localização geográfica e, por consequência, da baixa atuação policial no bairro, do que pelas artimanhas ou pela perspicácia de Jack. As classes do *East End* também eram consideradas "classes perigosas", estando fadadas ao esquecimento dos órgãos públicos e

de *West End*, que preferiram continuar por ignorar a existência justamente daqueles que representavam a força bruta para mover a máquina industrial inglesa.

Esses bairros nos quais os Abismos estavam localizados eram tão distantes do centro da cidade que a classe média sequer os via. Em seu dia a dia, a existência de tal camada passava despercebida por cidadãos britânicos que se moviam pelos bairros do oeste ou pela *City*. Essas localidades eram necessárias para abrigar os trabalhadores e manter a lógica de mercado, mas isso não significa que a burguesia deveria vê-los, pelo contrário, pareciam ser invisíveis aos moradores de Chelsea, Hyde Park ou Knightsbridge<sup>14</sup>. Valendo-se do texto de apoio, Engels chama essa opressão de “assassinato social” (ENGELS, 2010, p. 69) que, basicamente, remete às mortes indiretas causadas por essa dominação. Engels diz:

Muito mais numerosas foram as mortes causadas indiretamente pela fome, porque a sistemática falta de alimentação provoca doenças mortais: as vítimas viam-se tão enfraquecidas que enfermidades que, em outras circunstâncias, poderiam evoluir favoravelmente, nesses casos determinaram a gravidade que levou à morte. A isso chamam os operários ingleses de assassinato social e acusam nossa sociedade de praticá-lo continuamente. Estarão errados? (Ibid., grifo meu).

E essa mesma ideia, de que os Abismos são de fato capazes de assassinar seus habitantes, também está presente no livro de Jack London, como podemos ver em:

É incontestável que as crianças cresçam e se tornem adultos estragados, sem virilidade ou resistência, uma raça apática, de peito estreito e apático, que se desmancha e desce na bruta luta pela vida com as hordas invasoras do país. [...] Então, somos forçados a concluir que o Abismo é literalmente uma enorme máquina de matar homens, [...]. (LONDON, 2008, p. 47).

---

<sup>14</sup> A partir dessa perspectiva, seria possível ler a abertura de *Esau e Jacó* (1904), em que Natividade e Piedade sobem o Morro do Castelo para consultar a cabocla. Vale retomar a abertura do romance Machado de Assis:

Era a primeira vez que as duas iam ao Morro do Castelo. Começaram de subir pelo lado da Rua do Carmo. Muita gente há no Rio de Janeiro que nunca lá foi, muita haverá morrido, muita mais nascerá e morrerá sem lá pôr os pés. Nem todos podem dizer que conhecem uma cidade inteira. Um velho inglês, que aliás andara terras e terras, confiava-me há muitos anos em Londres que de Londres só conhecia bem o seu clube, e era o que lhe bastava da metrópole e do mundo.

Natividade e Perpétua conheciam outras partes, além de Botafogo, mas o Morro do Castelo, por mais que ouvissem falar dele e da cabocla que lá reinava em 1871, era-lhes tão estranho e remoto como o clube. O íngreme, o desigual, o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas. (Ibid., grifo nosso)

Note-se o ponto de vista da elite, que se restringe a conhecer da cidade o pequeno clube de que faz parte. A elite se volta para as classes baixas, para os trabalhadores, como se fossem as “classes perigosas”. Moram na mesma cidade, separados por um fosso entre os espaços da elite e dos pobres. Estes últimos vão para a cidade trabalhar, mas a elite não apenas desconhece como considera o lugar em que as “classes perigosas” habita um Abismo ameaçador.

João do Rio, em “Crianças que matam”, de *Cinematógrafo*, apresenta um jornalista que é guiado pelo interlocutor para o Bairro Rubro. Pela primeira vez, ele irá conhecer algumas partes de sua própria cidade, assim como aconteceria com os leitores de Sherlock Holmes ao navegarem para o leste do rio Thames.

Doenças, suicídios e fome são algumas das mortes relacionadas à teoria de Engels. As saídas visualizadas pelas personagens narradas em *O cortiço* e *The people from the Abyss* se referem ao alcoolismo, que será futuramente aprofundado, e às personagens cederem perante o meio em que se encontram, que acaba por dominar o indivíduo nas duas obras. A força de exploração e hierarquia era imposta diretamente contra os habitantes dos Abismos brasileiros e ingleses, fazendo com que sob eles recaíssem muitas consequências diretas oriundas da forma de oprimir. No caso de Londres, a longa jornada de trabalho deformava os corpos, suprimia as horas de sono e empobrecia a nutrição, fazendo com que os trabalhadores fossem afetados e consequentemente assassinados pela nem tão invisível força de seus empregadores. Já no Rio de Janeiro de Azevedo, as doenças se deflagram nos cortiços e atuam a favor daqueles que não instalam as mesmas condições sanitárias de outros bairros da capital carioca. As "classes perigosas", referenciadas por Sidney Chalhoub, acabam por ser justamente as mais expostas às más condições de moradia e trabalho. Se para a elite carioca passou a ser amedrontador frequentar os locais insalubres da cidade, viver nos Abismos podia ser fatal para os menos favorecidos.

## 2.1 As duas obras

A partir do exposto acima, a separação inicial se deu pelo mapeamento histórico das duas cidades e suas consequências para as classes mais pobres, mostrando quais fatores possivelmente influenciaram na criação e na manutenção dos cortiços e do *East End*. Aqui para falar das duas obras, trago um panorama geral da publicação e de recepção, baseado principalmente em escritos sobre os livros de Azevedo e London. Além dos milhares de quilômetros já citados, há também treze anos de diferença entre as duas publicações, o que, no meu entender, é muito pouco quando comparamos a extensão da história da literatura. Podemos dizer que são obras contemporâneas uma a outra e a principal fagulha para essa pesquisa foi justamente a existência de duas narrativas sobre questões tão semelhantes em contextos, a princípio, tão diferentes.

Após toda a análise disposta até aqui, podemos notar que a potência inglesa foi capaz de colonizar tantos espaços geográficos a ponto de o sol no império nunca se pôr, se consagrando, por consequência, como maior força bélica e econômica mundial. Enquanto isso, a terra de Azevedo recém se instaurava enquanto república e lidava com dívidas, rebeliões e suas repressões estatais, longe de possuir alguma influência direta no panorama político

internacional. Ao juntarmos todas as diferenças debatidas até aqui, até as geográficas, vemos que, no entanto, ambas nações dependiam sua economia no trabalho geralmente braçal de pessoas as quais lhes eram negados os direitos mais básicos de existir em sociedade. Seja imigrantes irlandeses, homens livres ou alforriados, ambas situações apresentam semelhanças no modo de segregação e no modo de produzir consequências extremamente adversas às figuras que não possuem escolha a não ser obter empregos insalubres e que são justamente as responsáveis por continuar movendo a economia dos dois países. Nem os empresários da revolução industrial, nem os donos de pedreiras e menos ainda os fazendeiros cafeicultores brasileiros eram os responsáveis por operarem máquinas semiautomatizadas ou quebrarem pedras sob o sol tropical. Assim, as mãos que movem os dois sistemas econômicos eram justamente as mãos daqueles que morrem por decorrência dessa exploração.

## 2.1 O Cortiço

*O Cortiço* é um romance brasileiro publicado em 1890 que narra, em terceira pessoa, a vida dos habitantes da estalagem de propriedade do português João Romão. Escrito por Aluísio Azevedo, figura que viria a abandonar a escrita ao tornar-se diplomata, a obra revela as condições desses moradores nos anos finais do século XIX na cidade do Rio de Janeiro que, para terem o sustento necessário, trabalhavam em pedreiras, fábricas, lavando roupas e até mesmo se prostituindo. A narrativa trata da ascensão econômica e social de João Romão e de seus inquilinos, bem como suas respectivas ascendências oriundas de diversas partes do globo terrestre. Na habitação popular, temos descendentes de africanos e europeus praticamente dividindo a mesma classe econômica, com diferença apenas para a capacidade de ascensão devido à cor de pele, como discutimos anteriormente. Essa miscigenação, além de um bom exemplo de retrato brasileiro num microcosmo, chama a atenção pelo conjunto de personagens construído e o modo como ele se ordena, como nos diz Alfredo Bosi no seu *História concisa da Literatura Brasileira* (2015):

Só em *O Cortiço* Aluísio atinou de fato com a fórmula que se ajustava ao seu talento: desistindo de montar um enredo em função de pessoas, ateu-se à sequência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista. Existe o quadro: dele derivam as figuras. (BOSI, 2015).

As cenas coletivas, conforme diz Bosi, são justamente aquelas em que os diferentes habitantes do mesmo cortiço socializam e como o romance os separa em dois grupos distintos, narrando a “vida dos que já venceram [...] e a labuta dos humildes que se exaurem na faina da

própria sobrevivência” (BOSI, 2015). O primeiro grupo é formado pelo português João Romão, proprietário do cortiço e da pedreira, respectivamente onde as pessoas moram e trabalham. Já o segundo grupo é integrado por aqueles que formam o cortiço como um personagem naturalista: os portugueses imigrantes, os alforriados, os homens livres e de baixa renda, as lavadeiras e tantos outros tipos que se encaixam na habitação de João Romão.

*O Cortiço* acabou por tornar-se um dos livros mais reconhecidos e estudados na literatura brasileira, desde as aulas sobre naturalismo nas escolas até as teses que denotam as influências de *L'Assommoir* (1992[1877]) na obra, já que o texto do escritor francês Émile Zola também narra a vida de trabalhadores pobres e amontoados em um espaço pequeno. A crítica inicial à obra foi muito benéfica, mesmo que não unânime. Desde o primeiro momento, *O Cortiço* parece já ter se tornado um grande marco na literatura nacional, principalmente pelo caráter naturalista de análise, investigação e crítica social sobre uma parte da sociedade fluminense que não estava habituada a ser retratada em textos literários. Essa questão é corroborada pela pesquisadora Amanda Servidoni Jodas em sua dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na qual buscamos informações sobre as primeiras impressões da obra de Aluísio Azevedo.

Consagrada como a obra de maior importância e maturidade produzida por Aluísio Azevedo, *O Cortiço* conquistou um lugar de destaque entre os clássicos da literatura brasileira e o posto de principal romance naturalista do país. [...] Poucos dias após o lançamento do romance *O Cortiço*, importantes jornalistas e literatos já deixavam registrados na imprensa carioca seus pareceres a respeito da nova obra de Aluísio Azevedo. Elogios não foram poupados ao trabalho realizado pelo escritor e à dedicação deste em buscar diretamente na realidade do Rio de Janeiro os elementos fundamentais para a construção de seus personagens e de sua narrativa. (JODAS, 2016, p. 48).

Em "De cortiço a cortiço", Antonio Candido, logo na terceira página, deixa claro que a dinâmica das personagens narradas está pautada de forma que "o enriquecimento é feito à custa da exploração brutal do trabalho servil, da renda imobiliária arrancada do pobre" (CANDIDO, 1991, p. 113). Por consequência, isso faz com que as relações se deem de forma estritamente hierárquica e agressiva. Candido é claro ao dizer que o enriquecimento de João Romão, bem como o de Miranda, é baseado estritamente em explorar o trabalho e a condição na qual seus inquilinos estão inseridos. Grande parte desse pensamento parte da rima dos Três Pês – citados anteriormente aqui, que abrangem pau, pano e pão para portugueses, africanos e burros – e o sentimento antilusitano que Azevedo parecia compartilhar; afinal, João Romão, na visão da obra, parece ter desembarcado no Brasil disposto a usurpar as riquezas e oprimir os brasileiros natos. Se antagonista ou anti-herói, a força de leitura e a opinião do leitor irão dizer, mas é caso

que João Romão se encaixa justamente em uma categoria em que o estrangeiro chega ao alheio e conquista ao vencer o meio. Já Jerônimo, o personagem português que passa por transformações corpóreas sob o sol carioca, seria o estrangeiro que chega e é vencido pelo meio, se dobrando às condições impostas, enquanto os brasileiros do romance são explorados, mas adaptados às condições de vivência no local.

Apesar das intenções de Azevedo, *O Cortiço* revela bastante sobre a sociedade na qual se inseria; onde o trabalho manual ainda é mal visto pelos habitantes locais e a ascensão do estrangeiro, por mais que contra a estrutura social imposta, ainda é pautada na exploração ao próximo. A violência social presente no romance de Aluísio Azevedo não é implícita, longe disso, mas se torna ainda mais chamativa quando analisada, já que as personagens pisam umas por cima das outras em busca da mínima condição de sobrevivência. De outro lado, aqueles que já acumularam capital agora desejam ascenderem socialmente, ocasionando na aproximação de João Romão a Comendador Miranda, para que pudesse se desvencilhar daquele sentimento de estar sempre com as mãos sujas de trabalho, o cheiro que impregnaria as casas mais abastadas. O resultado é uma sucessão de abusos de Miranda a Romão, de Romão a alguns inquilinos e destes a outros habitantes do cortiço, culminando na cruel cena em que Bertoleza, de forma nem tão metafórica assim, abre o próprio ventre como costumava fazer com os peixes.

## **2.2 *The People of The Abyss***

Jack London, batizado John Griffith Chaney, foi um renomado escritor e jornalista estadunidense que nasceu e residiu boa parte de sua vida na chamada *Bay Area*<sup>15</sup>. Tem nos seus *O chamado selvagem* (2015a, publicado em 1903), *Lobo do mar* (2015b, publicado em 1904) e *Caninos Brancos* (2012, publicado em 1906) as obras de maior destaque e repercussão para os leitores brasileiros, tendo inclusive versões traduzidas por Monteiro Lobato. A mesma fama não parece ter se abatido sobre o livro aqui analisado, *The people of the Abyss*, já que, ao consultarmos o repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)<sup>16</sup>, há apenas um trabalho desenvolvido sobre a obra. O trabalho é um escrito de conclusão do curso de jornalismo, publicado em 2006 por Carlos Augusto Hentges de Souza, sob orientação do professor Paulo Seben. Com exceção a este, há ainda no mesmo portal alguns poucos trabalhos que citam a obra de London como um marco, mas não se detêm a analisá-la, se valendo dela

---

<sup>15</sup> Populosa região situada no estado da Califórnia, Estados Unidos, que se desenvolve ao redor da Baía de São Francisco. Possui grandes cidades como São Francisco, Oakland, San Jose e Berkeley e também a Golden Gate Bridge como cartão postal.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/>. Acesso em 15 de junho de 2020.

como preceito para os escritos de George Orwell, *Na pior em Paris e Londres* (2006, publicada originalmente em 1933) ou para análises sobre métodos de jornalismo a até cinematográficas. Entre essas obras, cabe destacar a dissertação de mestrado intitulada *Jack London: uma precoce prática etnográfica em O povo do abismo e O cruzeiro do Snark* (2015), de autoria do pesquisador Marcos Mantovani, afiliado à época à Universidade de Caxias do Sul (UCS), em que novamente a análise se dá de cunho jornalístico.

*The people of the Abyss*, escrito por London em 1902 e publicado no ano seguinte, relata a vida dos operários das fábricas de Londres, mais precisamente do *East End* londrino, bairro de Whitechapel. A narrativa cobre meses da então capital do maior império do mundo e mostra que a *Belle Époque* não atingia as camadas mais desprivilegiadas da sociedade, ou, como o autor mesmo diz, o Abismo. Jack London descreve, em tom de denúncia e biografia, seus dias disfarçado de membro da pobre classe trabalhadora inglesa, narrando desde seus desafios e temores até as estruturas físicas das pessoas e de suas habitações, cujas existências parecem ter sido esquecidas pelo restante da sociedade londrina.

Ao contrário do que acontece com *O Cortiço* por ser amplamente estudado e debatido nos escritos acadêmicos brasileiros e internacionais, com *The People of the Abyss*, achar algum trabalho complementar é extremamente desafiador. Uma das críticas mais conhecidas sobre esse específico livro de London é do editor B. Fletcher Robinson, no britânico *Daily Express* em 1904, jornal que permanece na ativa até os dias de hoje. Robinson escreve:

Seria difícil encontrar um volume mais deprimente. Ele [Jack London] nos mostra os fracassos, o naturalmente incompetente, o alienígena abjeto, o bêbado, o criminoso reunido em locais corruptos, arrastando-se por calçadas viscosas, rolando pelas ruas berrantes e iluminadas por lâmpadas. Entre eles, há pessoas honestas que, por desventura ou destino maligno, caíram na cova e jazem ali em desespero desamparado. De tais são as pessoas do abismo. (ROBINSON<sup>17</sup>, 1904).

A visão de Robinson se apresenta como muito mais voltada aos personagens ali presentes do que para os métodos de construção de Jack London. Incapaz talvez de perceber à época que viver nos Abismos dependia muito mais da opressão cometida contra os trabalhadores do que de alguma "desventura ou destino maligno", Robinson tece seu comentário elencando os – piores – tipos que estavam presentes no *East End* de Londres como se fossem exceção à regra, ao invés de encarar o livro de London como uma denúncia de que era justamente naquelas condições em que centenas de milhares de pessoas estavam inseridas

---

<sup>17</sup> Tradução própria.

e de que a partir delas se desenvolvia a máquina industrial inglesa. A obra de Jack London visou acima de tudo, ao que a pesquisa indicou, a denunciar as condições de trabalho aplicadas às classes mais baixas da Inglaterra.

A obra de London deixa clara a sua intenção desde o título, traduzido como "*As pessoas do Abismo*", em que o Abismo está sempre escrito com letra maiúscula, seja na capa ou no corpo do texto. Compreendi, numa primeira leitura, como se Jack London estivesse demarcando O Abismo. Nos dizendo que o real abismo estava presente no esquecido lado leste da cidade de Londres, valendo-se da letra maiúscula para renomear o local e ressignificar a palavra. Ao interlocutor ele está dizendo: aqui, neste local específico, temos O Abismo. Posteriormente, passei a analisar a palavra "Abismo" como sendo dotada de uma certa conotação bíblica ao referir-se justamente ao ponto mais baixo na escala do livro cristão: o inferno. Há várias passagens em que o abismo é mencionado e trago aqui algumas delas em sequência, com grifos próprios:

E perguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: a Legião; porque tinham entrado nele muitos demônios.  
E rogavam-lhe que não os mandasse ir para **o abismo**. (BÍBLIA, Lucas, 8: 30-31, 2016).

Mas a justiça que é pela a fé diz assim: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu (isto é, para trazer do alto a Cristo)?  
Ou, quem descerá **ao abismo** (isto é, para tornar a trazer dos mortos a Cristo)? (BÍBLIA, Romanos, 10: 6-7, 2016).

E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço **do abismo**.  
E abriu o poço do **abismo**, e subiu fumaça do poço, como a fumaça de uma grande fornalha, e com a fumaça do poço escureceram-se o sol e o ar.  
E da fumaça saíram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra.  
E foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a coisa verde alguma, nem a árvore alguma, senão somente aos homens que não têm na sua testa o selo de Deus (BÍBLIA, Apocalipse, 9: 1-4, 2016).

Nos trechos selecionados, todos incluídos no Novo Testamento, temos várias referências que indicam que a palavra "abismo" realmente deva de fato designar o inferno bíblico. O primeiro excerto se refere ao famoso exorcismo do demônio Legião, apontado como um dos milagres de Cristo. Jesus acaba por justamente enviar-lhe ao local que este lhe clamava que não o fizesse: o abismo, lugar que o demônio já parecia conhecer e saber dos infortúnios. No segundo trecho, livro dos Romanos, há o claro contraponto existente entre os céus – ponto mais alto e onde se encontra Cristo – e o abismo, pontualmente o local em que estão localizados

os mortos, se aproximando da cultura grega com o submundo do deus Hades. Já no terceiro e último trecho, alguns representantes das pragas são libertados de um local abaixo da terra dotado de forte fumaça, capaz de escurecer o sol e o ar, e que se assemelhava a uma fornalha devido ao seu calor. Para deixar claro às audiências contemporâneas de que as pragas dos gafanhotos eram habitantes do inferno só faltou com que o versículo mencionasse o odor de enxofre.

Podemos fazer uma associação extremamente simplória ao pensar que o experienciado pelas classes pobres inglesas implicava com que aquele fosse um dos piores locais das ilhas britânicas para se estar, senão o pior, fazendo com que o *East End* seja o Abismo daquela sociedade. Assim, o local menos agradável para os cristãos acaba por ser o abismo daquela cultura, neste caso a localidade mais distante de Cristo e dos santos: o inferno. Claramente não há como afirmar aqui com propriedade absoluta que o Abismo sempre em letra maiúscula de Jack London estivesse se referindo diretamente ao inferno bíblico e suas mazelas, por mais curioso que fosse o uso da letra maiúscula na obra e por mais que o capítulo sexto de *The people of the Abyss* seja intitulado "FRYING-PAN ALLEY AND A GLIMPSE OF INFERNO"<sup>18</sup>. Podemos fazer essa suposição se partirmos do pressuposto de que London via aquelas pessoas como se estivessem em punição ou em sofrimentos constantes e, ao mesmo tempo, acreditar que o abismo bíblico seja mesmo o antagonista aos céus de Cristo.<sup>19</sup>

### 2.3 As cidades que os protagonistas não visitam

Distante da Londres que ficou famosa a partir das releituras de Sir Arthur Conan Doyle, existia uma cidade muito diferente daquela descrita pelos autores contemporâneos a esse escritor. Nessa Londres, não havia riqueza produzida magicamente no exterior por gerações anteriores e herdadas aos personagens – como o Capitão Wentworth, em *Persuasão* (2018[1817]) de Jane Austen, ou Mr. Rochester, em *Jane Eyre* (2018[1847]) de Charlotte Brontë, por exemplo. No seu *Atlas do romance europeu* (2003), Franco Moretti discorre algumas linhas sobre essa sucessão hereditária de fortunas nunca explicadas muito bem, em que a família dos cavalheiros ingleses fez sua fortuna nas colônias britânicas, mas não sabemos como, onde e muito menos quando esse dinheiro foi capitalizado. Podemos ver em:

---

<sup>18</sup> Podendo ser traduzido para "Beco de Frying-Pan e um vislumbre do inferno". A localidade próxima de Whitechapel hoje é uma viela moderna recheada de lojas, cafés e academias.

<sup>19</sup> A partir da relação com o Novo Testamento, é possível recordar outra imagem do Abismo, tal como Dante construiu o Inferno, em cuja entrada está a famosa sentença: “deixai toda esperança, vós que entraís!”.

[...] a geografia mítica – *pecunia ex machina* – de uma riqueza que não é realmente produzida (nunca se diz nada sobre o trabalho nas colônias), mas magicamente "encontrada" no exterior sempre que um romance precisa. E assim, entre outras coisas, a ligação entre a riqueza da elite e a "multidão de pobres trabalhadores" da Inglaterra contemporânea pode ser facilmente cortada: a elite é absolvida, inocente. O que é maravilhoso saber, para as heroínas que querem casas e ascender a ela – e muito melhor, naturalmente, nas décadas da mais dura luta de classes da história britânica moderna. (MORETTI<sup>20</sup>, 2003, p. 39).

O impactante parágrafo de Moretti revela um tanto de coisas sobre o protagonismo nas histórias inglesas durante o Período Regencial e Era Vitoriana. Primeiramente é muito interessante notar como os autores deste recorte histórico faziam o possível para impor uma neblina – quase londrina – sob o passado de seus personagens para distanciarem-se das constantes lutas de classes, como as retratadas por Friedrich Engels em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (2010). Com esse movimento, os elegantes protagonistas não eram atrelados diretamente às más condições vividas pelas classes trabalhadoras, uma vez que, a princípio, nada teriam em comum com as explorações entre patrões e empregados, já que suas fortunas se acumularam no exterior. Ao que tudo indica, camuflar o passado da riqueza de seus protagonistas foi o suficiente para que as obras viessem a ser bem recebidas pelo público, mas isso revela o tipo de pensamento contido nesse recorte histórico peculiar: explorar as colônias não era malvisto. A história de retornar ao seu lar já foi recontada incontáveis vezes desde a passagem bíblica do filho pródigo (BÍBLIA, Lucas 15: 11-32) e, aqui, neste caso, podemos adaptá-la ao inglês que sai de sua terra, conquista no exterior e retorna rico às ilhas. Descrito ingenuamente dessa forma não há problemas, mas, aprofundando, notamos como o ato de explorar os escravos na colônia não representava, em nenhum patamar próximo, a exploração dos trabalhadores britânicos. Assim, ao termos esse herói polido e rico, temos também uma história de fundo de opressão aos seus submissos, que provavelmente trabalhavam em plantações de açúcar sob sistemas escravocratas. No entanto, isso não aparentava ser um problema, já que, ao menos, ao explorar o outro, não estaria explorando a um dos ingleses.

É justamente nesse tipo de história, abarrotada por luxos de origens misteriosas, que os principais protagonistas da literatura inglesa do período vitoriano vivem, transitam e executam as ações da narrativa: em locais muito distantes daqueles retratados por London. Se os autores eram precavidos em não incitar mais diferenças entre pobres e ricos, como nos mostrou Moretti, o mesmo não acontecia quando a questão era a visibilidade das áreas periféricas de Londres.

---

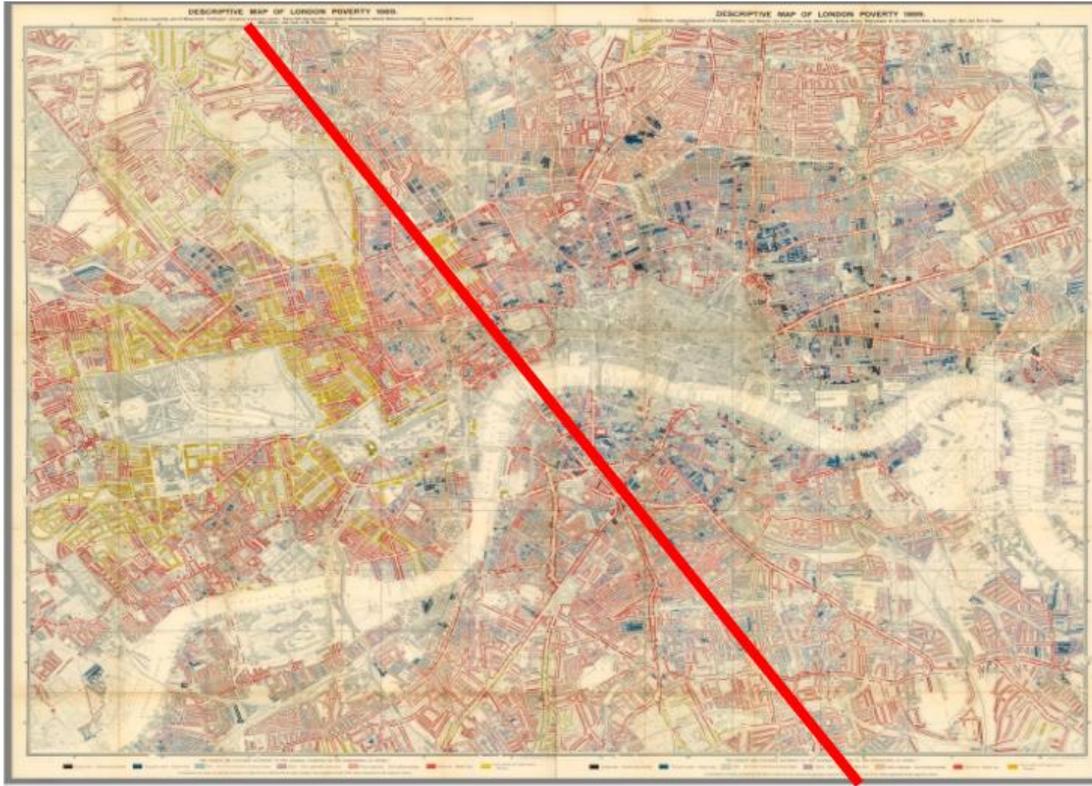
<sup>20</sup> Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos

Para pensar nisso, podemos dizer que a Londres de *The people of the Abyss* é uma Londres em que o detetive mais famoso do mundo não ousou pisar. Sherlock Holmes raramente põe seus pés ao leste da capital britânica, ou melhor, ao leste da Regent Street (MORETTI, 2003, p. 93), contribuindo para que as histórias literárias no *East End* sejam poucas ou nulas. A rua citada, além de ser uma das mais charmosas da capital britânica, com suas curvas por entre prédios milimetricamente iguais dos dois lados, também podia ser vista como uma separação entre as Londres existentes, visto que, conforme Gareth Stedman Jones no seu *Outcast London* (1984), “um imenso golfo geográfico crescera entre ricos e pobres de Londres”. A oeste estava o *West End* de palácios e heranças infindáveis, já a leste estava o *East End*, mais precisamente a Whitechapel dos trabalhadores braçais (nem tão) assalariados, local em que os romances não chegavam a descrever.

Apresento, para exemplificar essa questão em específico, uma imagem do mapa de Londres de acordo com o Google Maps, em que tracei uma linha vermelha exatamente em cima da Regent Street, separando a cidade em dois: oeste e leste. Vemos em:



A seguir, apresento a mesma linha no mesmo local, mas, ao invés de sobrepor o mapa atual, agora sobrepondo os mapas de Charles Booth em *Life and labour of the people of London* (1902). Debateremos a questão a seguir, mas deixo claro que Booth separou as áreas em dourado como as mais abastadas, as vermelhas como classes medianas e as escuras como as residências das classes menos favorecidas de Londres. A imagem segue:



A partir dos mapas de Charles Booth, podemos notar como o lado oeste londrino se impõe de forma brutal, a partir de seus dourados, ao *East End*. Concentrando em sua maioria apenas prédios comerciais, Charles Booth faz com que a City fique sem cores para seu estudo, mas que sirva como um bom termômetro entre *West End* e *East End*, tal qual a Regent Street. Enquanto os arredores do Hyde Park são iluminados pelo ouro da tinta de Booth, heranças mantidas até os dias de hoje, a Whitechapel Road se bifurca num vermelho que direciona diretamente às áreas mais azuis e escuras do mapa. O estudo de Booth revela mais detalhes sem deixar de qualificar a atroz desigualdade social investigada por Jack London na cidade presente dentro do seu Abismo semibíblico, onde a classe média no *East End* se caracteriza por estar espalhada pelas ruas principais de Whitechapel, justamente onde London se instala com sua máquina de escrever para aliviar-se do estresse de viver como um trabalhador inglês.

Começa a ficar ainda mais claro o tipo de ambientação que acontecia nos romances ingleses, já que a maioria dessas narrativas estavam orquestradas a oeste do marco aqui para esta pesquisa: a Regent Street. A situação fica no mínimo mais curiosa no momento em que investigamos o supracitado detetive Sherlock Holmes e suas aventuras pela capital britânica.

Antes de qualquer análise, apresento o site Sherlock Holmes: Maps<sup>21</sup>, cujo autor faz um levantamento de boa parte das localidades citadas nas histórias do detetive de Sir Arthur Conan Doyle. Vemos o resultado abaixo.



O maior detetive do mundo não vai de fato aos locais mais perigosos e suscetíveis a crimes violentos da cidade. Sherlock Holmes e o Doutor John Watson se concentram primordialmente no *West End*, algumas vezes na financeira City e míseras quatro aparições nos arredores de Whitechapel. São elas nos contos: "The Adventure of the Cardboard Box", "The Adventure of Black Peter", "The Adventure of the Creeping Man" e "The Adventure of the Six Napoleons". Sem dúvidas, somente desse aspecto conseguimos tirar boas teorias e suposições tanto sobre a audiência de Doyle, quanto sobre a literatura praticada no final do século XIX. Quando Jack, o Estripador, começa a atuar em Whitechapel no ano de 1888, a maior força para que seus assassinatos continuassem impunes foi a falta de presença policial aliada à incapacidade da Scotland Yard (RULE, 2010) de agir em uma área tão pouco patrulhada e pouco conhecida pelos oficiais.

Sabendo disso, ainda de acordo com Fiona Rule, a criminalidade no *East End* crescia ao passo que o local parecia estar sendo esquecido pelo resto da cidade. Assim, por mais que seja surpreendente notar que Sherlock Holmes não se deslocava até o local em que os crimes reais estavam, essa dinâmica de Doyle é compreensível. Com intrigas fictícias geralmente envolvendo as altas classes londrinas, Holmes e Watson faziam sucesso entre as classes que

<sup>21</sup> Disponível em: [https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1W\\_dmSvogCIDk14N-SheGRNkJhdM&msa=0&dg=feature&ll=51.511500121627385%2C-0.1084458615089261&z=13](https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1W_dmSvogCIDk14N-SheGRNkJhdM&msa=0&dg=feature&ll=51.511500121627385%2C-0.1084458615089261&z=13)

tinham condições financeiras de ter momentos de ócio para ler ao mostrar justamente localidades com as quais essas pessoas estavam habituadas a conviver. A história seria muito melhor aceita – e vendida – se Doyle escrevesse sobre o Hyde Park ou sobre a Piccadilly Circus do que se de fato retratasse as misérias e os crimes brutais pelos quais o *East End* passava na virada do século. As elites possivelmente não estariam interessadas em ler sobre um detetive nem tão elegante assim investigando a violência contra prostitutas, as invasões de albergues, o excesso nos preços cobrados pelos *landlords* ou a ascensão de gangues formadas por adolescentes. Pelo contrário, para a elite seria muito mais interessante um detetive trajado de sobretudo e cartola, aliado ao médico com estresse pós-traumático resolvendo crimes sobre heranças, visitas a locais históricos ou misteriosas cartas deixadas por recém falecidos. Assim, temos o maior detetive do mundo incapaz de ir a certos locais dentro de sua própria cidade, nos dizendo diretamente que o *East End* não faz parte da Londres de Holmes.

#### 2.4 Cultura e resistência nos abismos

A partir da percepção do personagem Firmo, no livro de Azevedo, ser um dos responsáveis pela malandragem ou transgressão social, muito por conta da cultura da capoeira, pesquisei quais outras culturas afluíam no abismo além da citada. Investiguei se a arte auxiliava de alguma forma a aliviar as dinâmicas de classes vigentes, neste caso, no Brasil. O personagem Firmo é descrito no seguinte trecho, n'*O Cortiço*:

Firmo, o atual amante de Rita Baiana, era um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio de marca, pernóstico, só de maçadas, e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira. Teria seus trinta e tantos anos, mas não parecia ter mais de vinte e poucos. Pernas e braços finos, pescoço estreito, porém forte; não tinha músculos, tinha nervos. A respeito de barba, nada mais que um bigodinho crespo, petulante, onde reluzia cheirosa a brilhantina do barbeiro; [...] (AZEVEDO, 2012, p. 136).

Já em um primeiro momento podemos notar que a capoeira deve de fato fazer bem ao corpo, já que as características descritas de Firmo só fazem com que o personagem pareça bem apessoado e saudável. Dotado de características do naturalismo, Azevedo descreve o arquimigo de Jerônimo a partir de características animais, que fazem com que Firmo pareça com um perigoso felino esguio de temperamento explosivo; "não tinha músculos, tinha nervos". Essa condição de periculosidade vai além das classes perigosas referenciadas por Chalhoub, e trata de forma mais estrita com o fato de Firmo ser um praticante da capoeira e como isso causa com que ele seja ainda mais malvisto pela sociedade branca. A certa altura, em uma luta individual, Firmo parte de sua habilidade e fere Jerônimo, fazendo com que o português,

incapaz de superar o capoeira em uma luta justa, necessite de reforços para sua almejada vingança.

As rodas de capoeira se tornam frequentes no Rio de Janeiro conforme as mudanças propostas pela Corte portuguesa avançam na capital e o mercado de escravos concentra grandes populações de africanos em centros urbanos. Os negros e pardos caminhavam pela cidade e faziam com que as elites notassem que havia algo capaz de juntá-los em uma espécie de roda para praticarem algo em específico, como fica evidente em:

Em março de 1874, houve uma briga entre a malta de capoeiras da Lapa e a de São José, segundo o delegado, ou da Lapa e de Santa Rita, segundo uma das testemunhas. Nemésio da Costa, que estava no local do conflito, disse que viu “sujeitos crioulos, mulatos e brancos em número superior a vinte pessoas” trocando garrafadas próximo a uma venda e fazendo “grande rolo”. (CHALHOUB, 1990).

Novamente trazendo Sidney Chalhoub para a discussão, agora em *Visões da liberdade, uma história das últimas décadas da escravidão na Corte* (1990), temos um excerto que descreve com precisão o momento em que duas gangues de capoeiras batalham nas ruas cariocas. Mesmo que o texto de Chalhoub ainda venha a nos informar que nem todos os presentes são escravos, tendo portugueses e alforriados na luta, a capoeira passa a ser estigmatizada e marginalizada assim como os africanos. A repressão estatal chega a ponto de culminar no Decreto de Lei nº 847, de 1890<sup>22</sup>, protocolado pelo "generalíssimo" Deodoro da Fonseca, com o texto que segue:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal: Pena - de prisão cellular por dous a seis mezes.

A proibição vem justamente no ano de publicação d'*O cortiço* e faz com que diversos capoeiras passem a praticar a luta escondidos das autoridades. A lei levava em conta não apenas o perigo que um alforriado representava para as classes superiores e uma eventual luta de classes, mas também precavia os policiais cariocas que se demonstravam em desvantagem às habilidades de um capoeira. Mesmo com a extinção dos grupos de capoeira, conhecidos como ‘maltas’, a prática da capoeira permaneceu presente uma vez que o desemprego e as faltas de

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 08 de maio de 2020.

oportunidades aos alforriados faziam com que muitos de seus praticantes passassem a utilizar suas habilidades marciais para trabalharem como capangas ou seguranças na capital carioca.

As diversas maltas cariocas passam em certo momento, ao final do século XIX, a constituir apenas duas: os Nagoas e os Guaiamuns. Diferenciando-se principalmente pelo modo de vestir seus chapéus e pela cor da cinta – Nagoas de branco e Guaiamuns de vermelho – (REIS, 1993, p. 225), as figuras dos capoeiras passa por dois momentos importantes na história brasileira. O primeiro é a já citada proibição protocolada por Deodoro e, principalmente, a crescente insatisfação pública com os capoeiras habitando os mesmos locais que as famílias de classe média. Pouco antes da publicação d'*O Cortiço*, em 1878, o responsável pela polícia carioca deixa clara sua insatisfação ao chamar a atividade da capoeira de "doença moral que prolifera em nossa civilizada cidade" (REIS, 1993, p. 222). Nem a capoeira era uma doença moral, nem a cidade era civilizada se dita nos parâmetros europeizados que se almejava. Décadas após a proibição, nas primeiras do século XX, renasce o interesse pela capoeira ao passo que a identidade brasileira tenta ser forjada. Partindo dos já citados estudos sobre indígenas, os intelectuais passam a ver a capoeira como uma luta nacional, a partir do pressuposto de ela ser extremamente difundida entre certas camadas em território nacional, e acabam incentivando sua prática por esta fazer bem à saúde. Deste modo, de "doença social" a capoeira rapidamente ascende ao posto de marco cultural brasileiro e assim o faz pelas mesmas mãos que antes decretaram sua ilegalidade, marginalizando sua arte e seus praticantes.

Possivelmente se estivesse inserido em outro contexto histórico, o personagem Firmo poderia ser mais bem-visto pelas outras classes que habitavam o lado de fora do cortiço, mas, já que não fora o caso, ele ainda era considerado sujeito dotado de grande periculosidade. Intimidar as classes superiores não era tarefa fácil no Brasil na virada para o século XX e, muito por conta disso, a capoeira representa uma grande força de resistência até os dias de hoje. Espírito que justamente é combatido com a ascensão cultural da prática a posto cultural brasileiro, já que a capoeira passa a possuir uma metodologia e ser regrada, resultando em um maior controle branco sobre o jogo africano (REIS, 1993). Com este maior controle, a capoeira passa a ser muito mais previsível, trabalhando para apaziguar os constantes medos que os praticantes evocavam nos cidadãos que habitavam a capital carioca. Ser previsível é algo muito vantajoso para o opressor quando se fala de seu subalterno, assim, ao tornar a capoeira uma arte nacional, dissociando do princípio de resistência, se pretende cortar uma das possibilidades de rebelião presente na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, os negros alforriados não possuíam apenas na capoeira uma chance de revelia, como nos prova o gaúcho João Cândido Felisberto.

Nascido dez anos antes da publicação da história de Firmo, Cândido se transfere para a então capital federal logo após ter trabalhado com o General Pinheiro Machado<sup>23</sup>, futuro senador, e assume o posto de grumete na Marinha Brasileira em 1890. Avançando rapidamente entre as patentes, Cândido, já insatisfeito com a forma com a qual os marinheiros eram castigados, embarca para o Reino Unido em 1909, onde tem conhecimento de revoltas e rebeliões de marinheiros de outros países. Herança direta da escravatura, os marinheiros brasileiros eram punidos com chibatadas como castigo por suas ações nos navios da Marinha. O ápice dessa violência se dá em 1910 com as 250 chibatadas ininterruptas aplicadas a Marcelino Rodrigues de Menezes, causando no grupo a união necessária para iniciar a Revolta da Chibata. Apelidado pela imprensa brasileira de "Almirante Negro", João Cândido é proclamado como líder da revolução assim que os motins tomam quatro dos mais potentes navios brasileiros da época. Os encouraçados miravam a capital federal e demandavam que os castigos físicos cessassem na Marinha Brasileira, o que fora prontamente atendido por Hermes da Fonseca. No entanto, o acordo entre Estado e motineiros foi "reajustado" pelo presidente assim que os marinheiros desembarcaram em terra; Hermes da Fonseca demitiu a maior parte dos participantes, os enviando de volta aos seus estados de origem, e prendeu outros tantos, Cândido entre eles. Sendo um dos poucos que sobreviveram às torturas na prisão, o Almirante Negro é internado em um hospício, julgado, absolvido, desligado permanentemente da Marinha e esquecido às margens da sociedade carioca.

O reconhecimento de Cândido só viria décadas mais tarde com seu monumento na Praça XV, zona central da cidade, e a aclamação da Revolta da Chibata em seu centenário. Apesar das demandas propostas pela rebelião não terem sido atendidas de imediato, a Marinha Brasileira se reestrutura com o passar dos tempos e se afasta dos tempos opressores da escravidão brasileira. A persona de João Cândido passa a representar uma figura imponente quando tratamos de rebeliões e revoltas contra o sistema estabelecido, principalmente quando citamos o nosso recorte histórico: virada para o século XX. Assim como os capoeiras, que levaram medo à população e certa ideia de instabilidade da manutenção de poder, o Almirante Negro foi capaz de ir além e apontar os canhões de seu navio diretamente para as cabeças que ocupavam os palácios da capital federal. Ocasionalmente certo sucesso na luta de classes instaurada em uma sociedade recém alforriada, a capoeira de Firmo, que tanto agredia o ideal

---

<sup>23</sup> José Gomes Pinheiro Machado foi um militar, advogado e político gaúcho que representou o estado por quinze anos como senador da república. Sendo uma das figuras mais importantes do país à época, acabou assassinado em 1915 no bairro do Flamengo. A família Pinheiro Machado manteve certa influência no estado do Rio Grande do Sul, sendo parte responsável pela fundação da editora L&PM.

de proteção almejado pelas camadas superiores, atinge um nível superior ao ver em um homem negro o principal elemento transformador em prol de tratamentos menos autoritários e violentos.

Dito isto da capital carioca, temos na cidade de Londres outros exemplos de claros combates à manutenção da máquina social disposta nos Abismos de Jack London. Se na obra *The people of the Abyss* (2008) temos personagens tão maltratados que se tornam apáticos, dispensáveis e frágeis, na história londrina possuímos casos que combatem diretamente essa inércia estipulada pela narrativa do autor estadunidense. Os momentos de resistência na capital britânica se expressam desde greves dos trabalhadores, companhias de teatro, artistas dos Abismos, famosos “foras da lei” e até o famoso Exército da Salvação. Primeiramente, um dos movimentos mais marcantes da história de luta do *East End* londrino sem dúvida é a Greve das Docas de 1889, anos antes da chegada de Jack London à Inglaterra.

Devido principalmente à proximidade entre Whitechapel e o Rio Thames, muitos dos homens buscavam na margem norte do rio, muito próximo à City, um emprego de estivador ou carregador de mercadorias que lhes duraria apenas para aquele dia. A cada dia, milhares de moradores do Abismo de Jack London se locomoviam até as docas para conseguir o sustento diário que teria de ser reconquistado no dia seguinte e assim sucessivamente. A busca por emprego nas docas é descrita por Jack London no trecho:

Nenhum espetáculo mais sombrio pode ser encontrado nesta terra do que todo o "terrível *East*", com Whitechapel, Hoxton, Spitalfields, Bethnal Green e Wapping nas docas das Índias Orientais. A cor da vida é cinza e monótona. Tudo é impotente, sem esperança, sem alívio e sujo. Banheiras são algo totalmente desconhecido, tão mítico quanto a ambrosia dos deuses. As próprias pessoas são sujas, enquanto qualquer tentativa de limpeza se torna uma farsa uivante, quando não é lamentável e trágica. (LONDON, 2008, p. 227).

London descreve as condições nas quais as pessoas que buscavam emprego nas docas se encontravam: sujas, impotentes e sem esperança. Esses trabalhadores, que já não eram bem remunerados, no ano de 1889 passam a receber cada vez menos libras por seu trabalho braçal devido a uma baixa no comércio do porto de Londres e uma queda nos preços para atrair novas empresas de exportação (RULE, 2010). A companhia das docas de Londres permanece insistindo para que os descarregamentos dos navios sejam feitos na máxima velocidade, mesmo que os pagamentos aos trabalhadores tenham sido reduzidos ao mínimo. Assim, em 14 de agosto de 1889, os homens empregados nas docas se recusam a continuar com o seu trabalho até que se chegue ao acordo de uma remuneração justa, fazendo com que os donos das West e

Indian Docks percebiam que não possuíam total controle sobre seus empregados. A situação se agrava para os empresários no momento em que os homens que carregavam os navios também se juntam ao protesto, em defesa daqueles que descarregavam as mercadorias. Os números indicados por Fiona Rule chegam a impressionantes 130 mil trabalhadores em greve nos últimos dias de agosto daquele ano, uma vez que grande parte dos outros trabalhadores do porto também se unem ao movimento.

Os empresários não atendem às demandas dos trabalhadores, inicialmente partindo do pressuposto de que a greve se extinguiria no momento em que os trabalhadores e suas famílias passassem a ter fome ou problemas com os *landlords*, já que não recebiam salário de nenhuma outra fonte. No entanto, com apoio da mídia e da população de Londres, os grevistas passam a receber alimentos e valores em dinheiro para que a manifestação não perca força, resultando na primeira real dor de cabeça aos proprietários das docas. Com a greve estabelecida há semanas, as empresas de logística passam a pressionar os empresários em busca de uma resolução para o caso, visto que não havia qualquer movimentação no porto de Londres e, assim, se instaura um comitê sob poder do prefeito londrino. A greve se encerra em 16 de setembro de 1889, cinco semanas após suas primeiras manifestações, e praticamente todas as demandas dos trabalhadores foram atendidas, criando um precedente impressionante que ainda não havia sido visto em terras britânicas para os acordos entre sindicatos e empregadores.

A Greve das Docas de 1889 possibilita um desenvolvimento rápido no movimento trabalhista a partir dos reforços aos recém instituídos sindicatos, ocasionando uma remodelagem de condições de trabalho aos portuários e posterior ascensão social e política dos líderes da greve. Não podemos deixar de considerá-la como um dos grandes marcos na luta de classes desenvolvida nos Abismos ingleses e também relatar como essa greve ajudou a chamar atenção da opinião pública para as precárias condições nas quais grande parte da população londrina estava inserida. Apesar dos resultados serem bem diferentes, tanto o Revolta da Chibata quanto a Greve das Docas marcam grandes enfrentamentos entre classes sociais e ambas contribuem diretamente para a percepção, por parte dos empregadores, de que a exploração excessiva pode também ser explosiva e causar danos financeiros.

Se tínhamos um grupo de grevistas como rostos do movimento, com o fora da lei Jack Sheppard temos uma única pessoa como figura capaz de desafiar o Estado e as condições inaptas de ascensão socioeconômica daqueles que vem dos Abismos. Sheppard nasceu exatos 200 anos antes de Jack London fazer sua investigação, mas seu espírito – essência e não a parte imaterial do ser ou o sobrenatural – permaneceu em Londres por centenas de anos. Sendo cria

justamente de Spitalfields, logo acima da Whitechapel Road, o fora da lei é expulso de casa aos seis anos de idade, logo após a morte de seu pai, passando a transitar de emprego a emprego até, em sua adolescência, adquirir gosto pelas cervejas e pelas mulheres dispostas nos *pubs* do *East End*. Sheppard iniciou sua carreira criminal com pequenos furtos, rapidamente saltando ao roubo de residências e ainda mais rapidamente sendo preso pela primeira vez pelos assaltos cometidos, sendo este o momento em específico em que a lenda ao redor de Jack Sheppard tem seu início.

Em 1724, Sheppard arma sua escapatória com nós nos lençóis de sua cela e salta do topo da prisão, desaparecendo por entre a multidão de civis (RULE, 2010), concluindo, com isso, a sua primeira fuga. A segunda viria dois anos depois, em que Sheppard angaria a ajuda de uma falsa esposa para transportar ferramentas para dentro de sua cela para que ambos perfurem a parede e saltem para a liberdade. O plano transcorre perfeitamente, no entanto, os falsos amantes caem em terras da prisão vizinha a de Sheppard, fazendo com que o assaltante tenha que criar em um novo plano para saltar os muros de Clerkenwell. Dada ao feito de escapar de duas prisões numa mesma fuga, a reputação do ladrão passa a crescer no submundo londrino e, com isso, a sua terceira prisão foi efetuada no seguro edifício de Newgate Gaol. Por consequência das fugas anteriores, Sheppard é condenado ao enforcamento. Como já podia ser esperado, o ladrão escapa uma vez mais da punição exemplar do Estado quando, novamente com ajuda da falsa esposa, foge trajado com roupas femininas de sua cela e, com uma pitada cômica, pela porta da frente da penitenciária.

As constantes fugas de Jack Sheppard trouxeram um ponto negativo para o fora da lei: fama. Por onde quer que transitasse na capital londrina, Sheppard era reconhecido e idolatrado nas ruas, muito por conta das suas façanhas e pela figura que este começava a representar. Assim, não tardou para que ele fosse preso pela quarta vez e, agora, as autoridades o prenderam por uma corrente ao chão da penitenciária, proporcionando mais segurança contra seus movimentos. Todavia, o assaltante passa a receber centenas de visitas em sua cela, muito por conta do anti-herói que havia se tornado, algo semelhante a um Robin Hood urbano. Assim, angaria novamente as ferramentas necessárias para sua nova fuga. Durante uma confusão ocasionada em outra ala da penitenciária, Jack Sheppard remove a corrente que o prendia ao chão, escava um buraco na parede da cela e desce ao telhado de uma residência utilizando um edredom. A quarta fuga do bandido mais famoso da cidade atraiu todos os olhares da mídia, do público e das autoridades que, conseqüentemente, levaram Sheppard ao quinto e último encarceramento. Desta vez atado a um pesado pedaço de concreto, o bandido não vê

possibilidades de escapatória a não ser no dia de seu enforcamento e traça um plano ousado: fingir a própria morte. Sheppard era um homem baixo e magro, fazendo com que fosse possível suportar a forca, feita para homens muito mais pesados, por tempo necessário até que algum aliado viesse retirá-lo para enterrá-lo. O plano funcionou até certo ponto: seus aliados alcançaram o corpo após enforcamento, mas devido à multidão presente foram incapazes de reanimá-lo em tempo.

A morte de Jack Sheppard revela uma das mais interessantes e cômicas histórias a surgir dos berços de Whitechapel, principalmente quando se leva em conta a dinâmica que levava muitos dos londrinos a não terem perspectiva de mínima ascensão para fora de seus Abismos. Por mais que Sheppard fosse um fora da lei, sua figura foi muito importante à época, chegando ao clamor popular. Ele se manteve como um ser pairando sobre as pobres almas de Whitechapel, mostrando que um de seus filhos poderia atingir o estrelato, mesmo que isso vá contra às imposições do Estado. O assaltante poucas vezes fora retratado de má forma pelos jornais ao longo dos anos, causando com que sua imagem fosse sempre bem-vista, tanto pela mídia quanto pelo seu fervoroso público. A herança de Sheppard se fez presente também nas áreas culturais nos séculos seguintes, uma vez que peças de teatro começaram a ser encenadas logo duas semanas após a morte do filho mais famoso de Spitalfields. A manutenção do legado de Sheppard se dá principalmente no meio artístico, pois inúmeras peças, óperas e performances sobre o assaltante são apresentadas até os tempos contemporâneos. Sheppard poderia ser aproximado ao personagem Firmo no que diz respeito à sua capacidade de afrontar as autoridades e desvirtuar, pelo menos um pouco, o sistema imposto. Por mais que o final de Sheppard seja o esperado – o enforcamento –, seu legado serve como um dos pontos de partida de importante e necessária representação das classes mais pobres em grandes espetáculos.

Por último, como foi recentemente dito, as peças teatrais representavam grande parte da sociedade vitoriana e eduardiana na qual Jack London se inseriu durante a sua pesquisa. O *West End* até os dias de hoje abarca dezenas de teatros em um curto espaço geográfico, fazendo com que a concentração do capital cultural se dê no mesmo local em que está o capital financeiro. Alguns desses importantes teatros datam principalmente do século XVIII em diante e a ida a esses estabelecimentos é historicamente uma atividade destinada aos mais abastados. Por conta disso, o *East End* londrino, na falta de atividades culturais "oficiais", inicia uma contrapartida no local mais representativo possível: os *pubs*. Da metade do século XIX em diante, os *music halls* passam a habitar a capital londrina juntamente com as centenas de *pubs* espalhados pela cidade, ocasionando em uma grande sensação de consumo cultural pelos menos abastados. Ao

contrário das óperas do *West End*, os *music halls* eram capazes de abarcar a maior parte da classe trabalhadora, já que seu surgimento data do início do século XIX em casas destinadas ao consumo de gim, que viriam a se transformar nos característicos *pubs*. Aliados ao gim, os empresários desejavam manter os clientes dentro de seus prédios pelo maior tempo possível em favor do consumo e, por conta disso, passaram a oferecer pequenos shows em seus bares, atraindo mais e mais cidadãos da *working class*.

Conforme os anos se passaram, as atrações se diversificavam em dias específicos para mulheres cantoras, óperas e encenações cômicas; todos os shows funcionavam como uma espécie de alternativa cultural para os moradores dos Abismos, abarrotando os *pubs* do *East End*, chegando a cinco ou seis casas de shows localizadas em uma mesma rua (RULE, 2010). A importância dos *music halls* chegou ao ponto em que a famosa ópera *Fausto*, de Charles Gounod, foi encenada pela primeira vez em terras londrinas justamente em um desses estabelecimentos. Já do lado oposto às mesas e à bebida, estavam os artistas e sua classe majoritariamente feminina. Visto que a carreira não requisitava estudos formais, muitas pessoas passaram a se aventurar como cantores, dançarinos, músicos e *performers* de *music halls*, tendo nos bairros de Whitechapel e Bethnal Green – ambos do *East End* – os grandes provedores de talentos para os musicais. Essa subversão da cultura elitizada do teatro proporcionou oportunidades, que antes seriam muito mais raras, de ascensão aos filhos das classes trabalhadoras. Duas das mais famosas estrelas dos tempos dos *music halls* são Marie Lloyd e Marie Kendall, a primeira nascida em Hoxton, ao norte de Whitechapel, e a segunda em Bethnal Green, ainda mais ao leste. Lloyd iniciou sua carreira como cantora nas performances ainda na adolescência com salário semanal de 15 *shillings*<sup>24</sup> e alcançou grande sucesso na virada do século XIX para o XX. Já Kendall foi fruto de grande investimento de sua família para que alcançasse o estrelado palco dos grandes *music halls*. Surpreendentemente, o desejo dos pais foi rapidamente atendido quando Kendall passa a apresentar-se pelas ilhas britânicas e em algumas localidades da Europa, tendo sido mencionada indiretamente até mesmo em *Ulysses*, de James Joyce.

Se os *music halls* representavam grande parte da indústria cultural existente nos Abismos de Jack London, o mundialmente reconhecido Exército da Salvação atuava, mesmo que de forma polêmica, como uma saída às condições de moradia e alimentação do *East End*.

---

<sup>24</sup> Equivalente a 97£ na cotação atual, de acordo com a calculadora de inflação do Banco da Inglaterra. Disponível em: <https://www.bankofengland.co.uk/monetary-policy/inflation/inflation-calculator>. Acesso em 12 de maio de 2020.

Citado em diversas passagens por Jack London, a congregação religiosa metodista surgiu justamente em um dos *pubs* da *Whitechapel Road* e se destina, desde a segunda metade do século XIX, a abrigar e alimentar a grande população sem teto do leste da cidade de Londres. A iniciativa surge sem dúvidas como um efeito rebote à falta de políticas públicas para abrigar trabalhadores que não possuíam condições financeiras de arcar com os custos de moradia e alimentação. O pioneirismo na iniciativa do pastor William Booth influencia diretamente a rápida ascensão da instituição e a sua globalização, por consequência. No entanto, apesar dos preceitos parecerem os mais nobres possíveis, as críticas recaem sobre o Exército da Salvação desde o século XIX até os dias de hoje. Jack London escreve:

Agora, sobre o Exército de Salvação, em geral, não sei nada sobre, e qualquer crítica que farei aqui é sobre aquela porção específica do Exército de Salvação que faz negócios na Blackfriars Road, perto do Surrey Theatre. Em primeiro lugar, essa quantidade de homens que ficaram acordados a noite toda em pé por horas é tão cruel quanto desnecessária. Estávamos fracos, famintos e exaustos das dificuldades da noite e da falta de sono, e ainda assim ficávamos ali, parávamos e parávamos, sem rima ou razão. (LONDON, 2008, p. 125).<sup>25</sup>

London questiona principalmente a longa espera que as pessoas estavam sujeitas antes de que vagas para dormir lhes fossem disponibilizadas. Além de ter de combater o frio londrino e a exaustão após um dia de trabalho, podemos perceber também que há um tom de certa humilhação ao deixar essas pessoas expostas aos transeuntes. Aliadas às críticas de London, emergem diversas outras desaprovações à associação religiosa ao longo dos anos, desde o excesso de compra de imóveis – inflacionando o mercado imobiliário e prejudicando as classes mais pobres por consequência – até normas políticas que desfavorecem a comunidade LGBTQ<sup>26</sup>. O Exército da Salvação se modificou categoricamente desde os primeiros passos de William Booth, mas não podemos deixar de trazer aqui esse movimento que foi ocasionado justamente pela ineficiência da Coroa britânica em lidar com a sua classe trabalhadora, abandonada às margens da cidade. Assim, este foi um momento de impacto considerável na vida dos necessitados.

Ao contrário do que havia parecido até este momento, os Abismos não foram meros espectadores de sua própria história. Possivelmente por conta dos dois longos capítulos sobre as histórias dos dois países, ambos do ponto de vista dominante, pode-se ficar com a impressão

---

<sup>25</sup> Tradução própria.

<sup>26</sup> "The Salvation Army says it doesn't discriminate against LGBTQ people. Critics say that's not true."

Disponível em: <https://www.vox.com/the-goods/2019/12/16/21003560/salvation-army-anti-lgbtq-controversies-donations>. Acesso em 14 de maio de 2020.

de que as pessoas menos abastadas de Londres e do Rio de Janeiro foram completamente submissas tanto ideológica quanto artisticamente, o que não condiz com a realidade. Ambas culturas possuem métodos culturais para o puro prazer do ócio ou como forma de resistência às opressões sofridas: enquanto os cariocas têm na capoeira a forma artística de lutar fisicamente para se defender, os londrinos aplicavam grande esforço cultural nas *music halls* para entreter as classes que não tinham condições de ir ao *West End*. Tendo ainda a ilustre figura de Jack Shepard como principal antagonista do Estado, as divergências entre classes também foram levadas ao âmbito jurídico, tanto com a Revolta da Chibata quanto com a Greve nas Docas do Thames, causando grandes avanços principalmente nas relações entre empresários e a classe trabalhadora e servindo de fagulha para reivindicações ainda maiores.

## CAPÍTULO III – No Abismo: ontem e hoje

*Deixai, ó vós que entráis, toda a esperança!*  
Dante Alighieri em *A divina comédia* (2003)

Esta seção tem o intuito de se aprofundar propriamente nos escritos de Jack London e Aluísio Azevedo a partir de seus excertos e passagens apresentadas nas obras e, assim, analisá-las em comparação ao material teórico aqui apresentado. Antes, na primeira parte, analisamos a história e os momentos que, na concepção deste escrito, implicaram diretamente nas condições adversas experienciadas pelas classes trabalhadoras dos dois países. Tentamos também apresentar quais grandes diferenças dividem cada uma das cidades, não apenas do ponto de vista histórico e de formação das classes, a partir da geografia e da forma como as cidades são representadas em diferentes mídias, que aspectos são evidenciados em uma e não em outra etc. Na sequência, detalhamos e delimitamos o que compreendia de fato os dois Abismos: as características e os habitantes presentes nas obras de London e Azevedo.

Isto é, na abertura pretendi mostrar a retração, as diferenças e os marcos históricos que levaram à situação descrita pelos dois autores. No segundo momento, discutimos o que de fato são esses Abismos e quais histórias eles podem nos contar. Agora, nesta seção, a intenção é dar voz aos autores e analisar suas palavras em comparação aos materiais teóricos e com o conhecimento que discutimos nos dois trechos anteriores. Primeiro, e de forma mais extensa, tentarei expor como a vida nos dois Abismos estava ajustada ao sistema imposto, farei isso com base principalmente nos excertos de *O Cortiço* e de *The people of the Abyss* retirados do fluxo narrativo. Assim, discutiremos quais trechos das obras refletem momentos distintos da vivência nos Abismos, notando as palavras dos autores e a relação com textos de apoio e contexto histórico. Encerraremos a subseção do último capítulo da dissertação discutindo principalmente por qual motivo decidimos explorar os temas presentes nas obras de Azevedo e London, debatendo principalmente sobre o papel de pesquisador e a importância de perpetuar histórias que geralmente figuram à margem do cânone histórico e literário.

### 3.1 Vida familiar e social

Tentaremos explorar diretamente os excertos das duas obras, *O Cortiço* e *The people of the Abyss*, e, a partir desses, também exemplificar a maior parte do que foi dito até aqui, principalmente sobre enfoque naturalista. Cabe não esquecer de mencionar que este trecho

histórico é um dos momentos mais lembrados artística e historicamente falando. Essa lembrança ocorre muitas vezes pelo motivo de o mundo ocidental estar vivendo uma época de relativa paz e de avanços como a eletricidade e a cultura do divertimento – os primeiros cinemas se instalavam. No entanto, a *Belle Époque* não chegou para nenhum dos dois abismos citados aqui.

Uma fração desse enfoque naturalista parte da descrição dos corpos das personagens trabalhadoras, cujo movimento já estava presente em Friedrich Engels no seu *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (2010). Tanto Azevedo quanto London trazem também esse aspecto aos seus romances. Ambos autores se valem algumas vezes da animalização, Jack London chega a utilizar a palavra “*creature*”, quando descreve os pobres-coitados que não possuem descanso do trabalho. Enquanto isso, Engels e Candido, como visto anteriormente, tratam do surgimento de uma “nova raça”. Engels traz à tona que os trabalhadores ingleses e irlandeses acabam por se misturarem e, por consequência, formam um ser híbrido. Não muito distante está Gilberto Freyre, quando descreve a mestiçagem existente nos cortiços, ou também na sociedade brasileira em geral. Esse intercâmbio entre corpos e culturas parecia não ser bem visto nem pela sociedade à época nem pelos autores que a retratavam. No caso brasileiro, Candido mostra como a xenofobia brasileira contra os portugueses e negros está presente no discurso do narrador do romance. O preconceito se condensa em um dito, a língua dos três pés: “para português, negro e burro, haveria pão pra comer, pano pra vestir e pau pra trabalhar”. Por sua vez, Engels, mesmo enquanto autor e observador antropológico, torna-se o responsável por disseminar a incapacidade de lidar com o estrangeiro, ao narrar a brutalidade, a sujeira e a falta de ambição do povo irlandês no trecho: “Em compensação, os bairros pobres de Dublin são o que de mais horrendo e repugnante existe no mundo. É verdade que, para isso, conta o caráter dos irlandeses que, em determinadas circunstâncias, sentem-se à vontade na sujeira” (ENGELS, 2010, p. 77). Há um paradoxo presente na fala do narrador de Aluísio Azevedo e do autor da *Situação da classe trabalhadora*. A partir de posições diferentes, ambos denunciam a exploração e a miséria dos pobres, mas caem em afirmações preconceituosas.

Essa forma de tratar o ser humano como algo e não como alguém está diretamente presente nos escritos de Azevedo e London, ao seguirem os preceitos naturalistas que estavam em voga durante os momentos de escrita de ambos romances, principalmente em circuitos literários fora dos Estados Unidos. Alfredo Bosi possui uma definição muito interessante de naturalismo de fato: “O Realismo se tingirá de naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das ‘leis naturais’ que a ciência da

época julgava ter codificado” (BOSI, 2015, p. 368). O naturalismo tem em Émile Zola a figura de um dos grandes precursores de seus ideais, já que as personagens em suas histórias parecem ser guiadas por forças naturais incapazes de ser reprimidas. A questão é amplamente debatida em *O romance experimental e o naturalismo no teatro* (1982), do próprio Zola, em que as teses deterministas da virada do século XIX para o XX passavam a figurar na literatura e tinham na figura do escritor/narrador um de seus grandes difusores. A narração de Zola e a de Azevedo se assemelham por ambas apresentarem características de uma espécie de observação científica daquele meio que descrevem. Isso parte principalmente dos princípios evolutivos de Darwin e dos ideais deterministas fortemente debatidos à época. Neste tipo de narrativa, os personagens são influenciados por raça, meio e instinto e são, portanto, determinados e condicionados pelo meio. Por conta da falta de subjetividade dos indivíduos ali retratados, esse tipo de pensamento parece ir contra diversos movimentos literários que justamente pregam pelas iniciativas individuais de seus protagonistas, muitas vezes capazes de enfrentar o sistema imposto para, geralmente, viver um grande amor.

A última frase é obviamente um exagero reducionista; há inúmeros exemplos para contradizê-la, mas o que desejo mostrar aqui é que o ímpeto de promover mudanças, de mover-se na narrativa para alcançar um objetivo específico, é algo que não ocorre aos personagens de Azevedo de forma tradicional. Para esse exemplo utilizo *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe, em que o personagem principal transita de um local a outro pela paisagem europeia, sempre com o seu objetivo em mente de conquistar Charlotte. Essa força para movimentar o personagem não é condicionada por qualquer força da natureza, como acontece em *O Cortiço*, mas sim pelos próprios desejos de Werther, que, nesse caso, são oriundos da paixão que sente por Charlotte. Esse tipo de narrativa seria impensável para os dois Abismos aqui retratados. Por mais que os personagens de Azevedo e aqueles narrados por London tenham, em tese, livre arbítrio, suas decisões são condicionadas por um ente superior: o meio. Como se Prometeu<sup>27</sup> não roubasse o poder do fogo e o concedesse aos seres humanos, aqui ainda estão todos sob a jurisdição de um Deus que toma as decisões pelas personagens ou, vendo de outra forma, influencia as personagens a agirem de certa forma.

Jerônimo e Firmo poderiam ter um destino menos violento se não fosse a constante opressão do meio sob o indivíduo, animalizando-os a ponto de não haver saída senão uma sangrenta briga por Rita Baiana. A luta de dois machos pela fêmea é de longe um dos preceitos

---

<sup>27</sup> Referência à tragédia grega Prometeu Acorrentado, em que Prometeu decide propiciar o poder de fazer fogo aos humanos, irritando Zeus e fazendo com que sofra com o eterno castigo.

mais animalescos daqueles presentes na obra de Azevedo, mas não só. Se o sol tropical é capaz de manipular todos os seres vivos sob seu domínio, não seria diferente com os pequenos humanos que ali habitam. Para isso, Azevedo se vale de uma linguagem que, sempre que possível, aproxima as personagens a animais, como podemos ver em:

“Miranda nunca a tivera, nem nunca a vira, assim tão violenta no prazer. Estranhou-a. [...] Descobriu-lhe no cheiro da pele e no cheiro dos cabelos perfumes que nunca lhe sentira; notou-lhe outro hálito, outro som nos gemidos e nos suspiros. E gozou-a, gozou-a loucamente, com delírio, com verdadeira satisfação de animal no cio.” (AZEVEDO, 2012, p. 74)

Neste primeiro trecho a ser analisado aqui, temos o encontro sexual do casal Miranda e Estela e podemos facilmente notar como a descrição está muito longe de ser romântica ou amorosa, mas sim algo bruto que parte dos instintos das duas personagens. Miranda se vale dos seus sentidos, quase como um felino que sente o cheiro de outro animal, para aguçar o seu apetite sexual ao sentir um diferente odor vindo da esposa. A animalização dá um passo a mais quando compara, de fato, Miranda com um "animal no cio". Se retomarmos o exemplo de Goethe, jamais poderíamos imaginar uma cena desse tipo em *Werther* ou em algum romance semelhante; aqui parece não haver a racionalidade humana que tanto nos diferiria dos animais em questão. Miranda deixa com que o meio e o momento ditem as suas atitudes no ato sexual, mesmo que ele não tivesse escolha para agir de outra forma.

Em outro trecho temos:

A primeira que se pôs a lavar foi a Leandra, por alcunha a “Machona”, portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo. Tinha duas filhas, uma casada e separada do marido, Ana das Dores, a quem só chamavam a “das Dores” e outra donzela ainda, a Nenen, e mais um filho, o Agostinho, menino levado dos diabos, que gritava tanto ou melhor que a mãe. (AZEVEDO, 2012, p. 99).

Valendo-se de um estereótipo corriqueiro na sociedade brasileira, Azevedo nos apresenta a "Machona" e escolhe descrevê-la a partir de palavras que mais se assemelham a um animal silvestre do que a um ser humano. A mulher "machona" é presença constante no entretenimento brasileiro, especialmente nas obras voltadas à representação de classes menos favorecidas, retratando geralmente uma mulher de meia idade que se veste com roupas tipicamente masculinas e possui trejeitos brutos, com atitudes que refletem na forma masculinizada com que é vista. Para construção dessa personagem, Azevedo evoca no leitor a concepção que pairava à época sobre os portugueses; passa a descrever o excesso de pelos de

Leandra e seus constantes gritos, até terminar comparando as pernas da mulher com os membros inferiores de animais do campo.

A corrente em voga à época fazia com que as descrições animaisas contribuíssem diretamente com o intuito da narrativa de apresentar personagens que estão à mercê dos acontecimentos, já que um "animal do campo" pouco pode decidir sobre seu próprio futuro. A figura de Leandra incita justamente um afastamento de qualquer traço civilizatório, parecendo um bicho acuado que berra contra qualquer infortúnio. Esses traços também estão presentes em *The people of the Abyss*, ao comparar os habitantes do Abismo londrino com bestas de pouco ímpeto.

Mas, na melhor das hipóteses, é uma felicidade animal monótona, a saciedade barriga cheia. O que domina suas vidas é o materialismo. Eles são estúpidos e pesados, sem imaginação. O Abismo parece exalar uma atmosfera estonteante de torpor, que envolve-os e os amortece. A religião passa por eles. O Invisível não lhes dá terror nem prazer. Eles não têm consciência do Invisível; e a barriga cheia e o cachimbo da noite, com suas cervejas, é tudo o que eles exigem, ou sonham exigir, da existência. (LONDON, 2008, p. 43-44).

Esse trecho em especial é capaz de representar aspectos tanto sobre a visão da narrativa de Jack London, quanto sobre as condições em que essas pessoas estavam inseridas. A animalização presente na narração de London talvez seja ainda mais cruel do que aquela de Azevedo, uma vez que London está falando de pessoas com as quais ele tentou conviver de igual para igual. A inserção de London no Abismo londrino evoca diretamente na falta de humanidade presente nessas comunidades e como o grupo mais pobre parecia agir como um ser amorfo de consciência comum. Esse grupo de pessoas de "felicidade animal" retoma justo o que foi discutido há pouco: a falta de qualquer ambição ou possibilidade de desejar algo além do que já está disposto. London é claro ao dizer que as pessoas do Abismo se contentam com pouco e são incapazes de imaginar outros cenários e até mesmo de entender alguma religião. Ao dizer isso, London reforça a proximidade daquela massa às características animais que desejam apenas se alimentar e possuem poucas exigências para seguir existindo. No entanto, apesar de nos informar deste panorama, London parece ter consciência de que viver no Abismo não é uma opção e, ao ser morador de um desses locais, os habitantes são o que são por conta do meio em que se encontram, como fica evidente em:

Vivendo como porcos, enfraquecidos pela desnutrição crônica, sendo minados mental, moral e fisicamente, que chance eles possuem para sair do Abismo em que nasceram? Enquanto escrevo isso, e por uma hora depois, o ar ficou hediondo por uma briga brutal e violenta acontecendo no quintal que fica de costas para o meu quintal. Quando os primeiros sons me alcançaram, aceitei o latido e o rosnado dos cães, e

alguns minutos foram necessários para me convencer de que seres humanos e mulheres podiam produzir um clamor tão assustador. (Ibid., p. 50, grifo meu).

Ao questionar "que condições eles possuem para sair do Abismo em que nasceram?", London parece compactuar com a ideia de que a opressão é tamanha nesses locais que acaba por inviabilizar qualquer chance de ascensão socioeconômica dos moradores. Podemos, assim, conceber que a força opressiva é tamanha a ponto de ser capaz de definir o indivíduo, suas aspirações e suas oportunidades. Se o excerto já não fosse naturalista o suficiente, London contribui com a corrente ao narrar uma "briga brutal" que ocorria nas redondezas. A narrativa dirige o interlocutor à ideia de que seja uma desavença entre animais ao empregar "latido" e "rosnado" para descrever os sons emitidos pelo atrito, mas, surpreendentemente, London subverte a nossa expectativa ao terminar o parágrafo nos mostrando que aqueles ruídos animalescos eram, na verdade, produzidos por seres humanos.

Considero esse trecho um dos mais vitais para que possamos ter uma melhor luz no que diz London sobre a sociedade que o autor escolhe retratar. Ao retirarmos o trecho de seu fluxo narrativo, conforme proposto na introdução, somos capazes de melhor reconhecer o que se passa na cena e o que Jack London tenta nos passar enquanto autor/narrador. Se, por um lado, os moradores do Abismo londrino são vítimas de toda a construção que envolve o capital britânico e, por isso, incapazes de abandonar os hábitos de pouca higiene, por outro, são justamente esses hábitos os responsáveis por transformá-los em animais a partir da visão de London. Essa ambivalência parece ser, além de uma rua sem saída, um ciclo vicioso, no qual só se deixaria de comportar-se como animal no momento em que se saísse do Abismo, o que parece ser virtualmente impossível. As engrenagens que movem o sistema aparecem novamente no trecho seguinte, em:

Na melhor das hipóteses, a vida na cidade não é natural para o ser humano; mas a vida na cidade de Londres é tão antinatural que um trabalhador ou operário comum não aguenta. A mente e o corpo são minados incessantemente pelas influências prejudiciais no trabalho. [...] Se não for algo a mais, o ar que ele respira, e do qual ele nunca escapa, é suficiente para enfraquecê-lo mentalmente e fisicamente, de modo que ele se torna incapaz de competir com as vidas que vêm do campo, que correm para a cidade de Londres para destruir e serem destruídos. (Ibid., p. 45-46).

O excerto rememora um dos trechos aqui explorados por Friedrich Engels (2010), em que o pensador alemão discorre sobre a diferença da vida nos campos ingleses, em especial

próxima aos *moors*<sup>28</sup>, para as cidades industriais em ascensão. Tanto London quanto Engels defendem que a vida na cidade é uma situação não natural tanto para a mentalidade humana quanto para o seu bem-estar físico, ocasionando eventualmente efeitos colaterais severos. Aqui, London discorre sobre os desafios constantes que são impostos aos trabalhadores por conta de suas vidas nas fábricas britânicas, desde o ar que respira, possivelmente impregnado de produtos químicos, até o ritmo incessante de carga horária imposto pelos patrões.

Como forma de apaziguar esses efeitos colaterais das condições de trabalho, tanto London quanto Azevedo retratam que seus personagens depositavam quantias consideráveis de suas economias nas bebidas alcoólicas. Vemos o primeiro excerto de Azevedo:

Um dia, Piedade levantou-se queixando-se de dores de cabeça, zoadas nos ouvidos e o estômago embrulhado; aconselharam-lhe que tomasse um trago de parati. Ela aceitou o conselho e passou melhor. No dia seguinte repetiu a dose; deu-se bem com a perturbação em que a punha o álcool, esquecia-se um pouco durante algum tempo das amofinações da sua vida; e, gole a gole, habituara-se a beber todos os dias o seu meio martelo de aguardente, para enganar os pesares. (AZEVEDO, 2012, p. 310).

Aqui, há até uma certa comicidade no relato sobre a personagem Piedade. Contra qualquer recomendação médica confiável, a personagem escolhe a cachaça Parati como forma de aliviar os sintomas físicos, o que acaba resultando gradualmente em um quadro de alcoolismo. A primeira dose da bebida alcóolica foi para aliviar os sintomas físicos de Piedade, a segunda dose serviu para fazer com que a mulher esquecesse dos aborrecimentos do cotidiano e o vício se seguiu sempre como forma de fugir dos desgostos da vida urbana. O álcool enquanto rota de fuga aparece ainda em:

Chegaram à casa às nove horas da noite. Piedade levava o coração feito em lama; não dera palavra por todo o caminho e logo que recolheu a pequena, encostou-se à cômoda, soluçando.  
Estava tudo acabado! Tudo acabado!  
Foi à garrafa de aguardente, bebeu uma boa porção; chorou ainda, tornou a beber, e depois saiu ao pátio, disposta a parasitar a alegria dos que se divertiam lá fora. (Ibid., p. 317).

Piedade retoma a cena para corroborar a ideia proposta. Através do narrador de Aluísio Azevedo, a construção da condição da personagem se dá em poucas páginas, fazendo com que o trecho selecionado aqui só tenha efeito no leitor por conta do excerto selecionado anteriormente. Só somos capazes de compreender que ir "à garrafa de aguardente", após uma

---

<sup>28</sup> Presentes em diversos romances britânicos, os *moors* são presença constante na paisagem inglesa, galesa, escocesa e irlandesa. Traduz-se geralmente por "charnecas".

mazela em sua vida, signifique para a personagem seguir no vício e nele encontrar conforto por conta do parágrafo anterior – em que Piedade passa a consumir cachaça para esquivar-se da opressão cotidiana e seus desenlaces. Assim, através do jogo da narrativa de Azevedo, o interlocutor nota que o hábito previamente narrado segue sendo algo quase como o refúgio mental de Piedade para lidar com os problemas enfrentados e entende que beber a cachaça após um conflito não é uma ação de poucas consequências para a personagem.

Do outro lado do Oceano Atlântico, a dependência alcoólica também aparece na obra de London e, por sinal, se assemelha muito com a do panorama brasileiro, em que os pobres se valem do torpor para suportar e até mesmo subverter, nem que por alguns instantes, a realidade em que estão inseridos. Em *The people of the Abyss*, podemos ver no trecho:

Aqueles que bebem compulsivamente não apenas homens e mulheres que estão sobrecarregados, exaustos, sofrendo de dores abdominais e mau saneamento, amortecidos vida monótona e feia, mas também os homens e mulheres solitários que não têm vida em casa e fogem para a vida em público em uma tentativa vã de expressar sua solidão. E quando uma família inteira está alojada em uma pequena sala, a vida em casa é impossível. (LONDON, 2008, p. 302-303).

Jack London narra que muitos daqueles que frequentam os *pubs*, fazendo do álcool um grande aliado para enfrentar as batalhas diárias, são de fato os trabalhadores braçais que buscam abrigo na apatia alcoólica. London faz questão de elencar os diversos empecilhos físicos para uma vida confortável enfrentados pelos pobres londrinos e corrompe essa ordenação ao citar que a solidão também era um dos aspectos responsáveis por levar os moradores do *East End* aos *pubs*. É muito interessante, mesmo que não surpreendente ao analisarmos com mais paciência, perceber como a solidão recaía sobre homens e mulheres que estavam constantemente expostos à presença de outros. Mesmo com fábricas abarrotadas de trabalhadores e com residências compartilhadas entre o maior número possível de pessoas, o sistema imposto era capaz de propiciar pouca ou nenhuma interação social satisfatória no cotidiano da *working class* britânica. Em um quarto repleto de outras pessoas, familiares ou não, os *pubs* parecem ser o reduto de sociabilidade da sociedade menos abastada da cidade de Londres, onde, mesmo que não diretamente, estar ao redor do gim e da cerveja propicia alívio à solidão da multidão.

Finalmente, o próximo trecho me parece ser derradeiro e vital para a discussão em torno do uso excessivo de bebidas alcoólicas pelos habitantes do Abismo. Em *The people of the Abyss* vemos:

O hábito de beber pode ser a causa de muitas misérias; mas este é, por sua vez, efeito de outras e anteriores misérias. Os defensores da temperança podem pregar seus corações sobre os males da bebida, mas até que os males que levam as pessoas à bebida sejam abolidos, a bebida e seus males irão permanecer, (Ibid., p. 305)

O trecho escrito por Jack London é curto quando comparamos com a quantidade de material que ele nos propicia. O autor deixa claro que a bebida pode, sim, ocasionar muitas situações desagradáveis para aqueles que fazem dela seu vício a ponto de podermos pensar em gastos exacerbantes, doenças ou violência doméstica, mas London diz que o ato de beber é, por sua vez, consequência de outros males. O escritor não diz quais seriam os males causadores do alcoolismo, mas deixa claro que a dependência é a última ponta numa cadeia de processos impostos aos moradores do *East End* londrino. A solução proposta pelo escrito de London é sanar-se os males que levam aos abusos do alcoolismo para que, assim, se possa tratar a bebida como ponto inicial e não como ponto final nesta engrenagem. Podemos obviamente supor que de fato o alcoolismo seja a última ponta da série de eventos que assolam a vida dos mais empobrecidos da capital inglesa, mas, para isso, teríamos que discorrer sobre quais seriam os fatores que levam a população menos abastada a tornar-se dependente da bebida. Para isso, podemos voltar ao último excerto em que London nos mostra que, além das pessoas solitárias, os *pubs* também se abarrotavam de homens e mulheres "sobrecarregados" e "exaustos".

Não causa espanto algum que as conjunturas nas quais estavam inseridos os trabalhadores eram as principais responsáveis pelos problemas mentais e físicos enfrentados pelas pessoas do Abismo. Esse tipo de resposta – o alcoolismo – às condições precárias de trabalho e moradia ainda persiste na sociedade, principalmente em países em desenvolvimento, como vemos no artigo de Oliveira *et al.* (2010). O estudo defende que o trabalho informal, mal remunerado e sem espaço para momentos de lazer contribui diretamente para sintomas de depressão e posteriormente contribui para com o alcoolismo. A bebida surge como forma de apaziguar os sentimentos desagradáveis impostos tanto pelo emprego quanto pela falta de perspectiva a partir do baixo salário e da baixa mobilidade social, ocorrendo o mesmo para outras drogas ilícitas ou não, como a nicotina. Podemos concluir, a partir dos excertos de *The people of the Abyss*, que, caso a situação se mantenha imóvel, o vício no álcool não seria extinguido de uma hora para outra, visto que é consequência de situações que impactam diretamente na saúde mental dos habitantes do Abismo de London. Assim, para London, ao combater-se a causa do estresse e da ansiedade que se abate sobre os trabalhadores, estar-se-ia

também contribuindo diretamente para a diminuição nos casos de alcoolismo e de outros excessos que visam o desprendimento da feroz realidade.

Se a bebida, então, representava uma forma de escapar momentaneamente das preocupações e das privações de vida das classes mais baixas das duas sociedades, o romance de Azevedo encara o casamento como uma forma de escapar das mazelas de forma quase definitiva. A saída do Abismo através do matrimônio está apresentada principalmente para três personagens: João Romão<sup>29</sup>, Bertoleza e Pombinha. Casar-se, para Bertoleza, implicava necessariamente em certa ascensão social, uma vez que seria esposa de um branco – algo como aparece representado na pintura “A Redenção de Cam” (1895). Exposta no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, a obra do espanhol Modesto Brocos e retrata justamente as políticas de embranquecimento da sociedade brasileira. Na obra, temos quatro personagens – duas negras e dois brancos –, ficando-nos subentendido que a avó negra agradece aos céus por seu neto ter nascido de pele clara, fruto da união da filha negra com o genro branco de bigodes e cabelos pretos. Podemos observar a pintura abaixo:

---

<sup>29</sup> No caso específico de João Romão, a ascensão social ocorre por um processo mais complexo. Primeiro, há o enriquecimento através da venda do cortiço e da pedreira, que se dá pelo trabalho excessivo aliado à falta de escrúpulos. Depois, há a busca de inserção na nova classe social pelas mudanças da aparência, dos hábitos e da relação com o trabalho: adota nova vestimenta, faz a barba, passa a se comportar melhor à mesa, aprende a dançar, deixa de atender no balcão. Para concluir o processo, era preciso apagar o vínculo com Bertoleza e se casar com uma herdeira, Zulmira, a filha de Miranda. Essa trajetória não estava aberta para Bertoleza.



A Redenção de Cam, por Brocos (1895).

Fonte: Museu Nacional de Belas Artes - Rio de Janeiro

A análise da obra pode parecer um tanto simples em uma primeira vista: o artista expõe a segregação racial na sociedade brasileira pós-abolição, mostrando como mesmo a própria população negra no Brasil prefere ver seus descendentes com menos chances de eventuais discriminações por conta de sua pele. Essa seria uma análise possível e provavelmente correta caso não soubéssemos a posição ideológica do autor Modesto Brocos. O espanhol, que faleceu no Rio de Janeiro, foi uma importante figura para disseminação dos conceitos eugenistas e para o fortalecimento da política do embranquecimento que assolou o país desde o final do século XIX até meados do século XX. A partir dessa informação, não podemos manter a mesma visão sobre a intenção do autor, mas de forma alguma isso altera a importância da obra para a discussão presente neste escrito. Desde seu título, trecho bíblico tão criticado por Castro Alves em *Vozes d'África*<sup>30</sup>, passando pela construção de um cenário tipicamente brasileiro até

---

<sup>30</sup> O poeta Castro Alves refuta o trecho contido no livro do Gênesis (9, 18-27) que por muito tempo serviu como base cristã para a prática do trabalho escravo.

culminar nas graças da avó pela cor da pele do neto, a pintura demonstra, mesmo que de um viés antiquado, como a segregação racial estava presente na sociedade brasileira e como a união com descendentes de europeus poderia favorecer a ascensão de negros ou pardos.

Por consequência, a obra passou a ser um dos grandes símbolos eugenistas, já que a redenção de Cam aqui é alcançar o embranquecimento através da miscigenação, da avó negra, à filha de pele menos escura e ao neto de pele clara como a de seu pai. Os defensores se valiam da pintura para defender a imigração europeia para o Brasil, vislumbrando que, com o passar das gerações, a população brasileira seria formada majoritariamente por brancos. As premonições eugenistas não aconteceram de fato, mas o racismo estrutural da época fica evidenciado através da pintura que, apesar dos preceitos por trás da produção da obra, é um ótimo exemplo para ilustrar como o casamento com João Romão, e eventual descendência, faria com que Bertoleza escalasse a estrutura sociorracial imposta. O mesmo obviamente não aconteceria para Romão se ele de fato viesse a oficializar a união com a escrava não-liberta, já que, para o jogo de engrenagens naturalistas e eugenistas, o dono do cortiço estaria se colocando em posição inferior ao casar-se com a fiel aliada. Portanto, Romão, que espera ascender às camadas mais nobres da sociedade carioca, opta por livrar-se do cheiro animalesco e impregnado que Bertoleza exala ao abrir as tripas dos peixes, estabelece uma inusitada sociedade com o vizinho Miranda e sua filha. Bertoleza deseja sair da condição de ser vista apenas como negra alforriada e, por isso, busca em Romão o homem branco para ter como parceiro. Já Romão, que deseja desfazer-se da imagem que a sujeira do cortiço lhe associa, busca títulos de nobreza através de um casamento dotado de intenções políticas.

Por mais que as intenções que movem os personagens não sejam as mesmas, Romão e Bertoleza estão inseridos nesse contexto social em que o casamento cumpre grande papel para a tão almejada mobilidade social. O mesmo acontece com Pombinha e sua mãe Dona Isabel, que por longos anos idealizaram o casamento da menina com um jovem capaz de dar-lhe uma vida mais confortável do que aquela que as duas viviam no cortiço. O trecho em que D. Isabel exala sentimentos de alegria pelo futuro que lhe batia a porta pode ser visto em:

D. Isabel acendeu velas de cera à frente do seu oratório, e nesse dia não pegou mais no trabalho, ficou estonteada, sem saber o que fazia, a entrar e a sair de casa, radiante de ventura. De cada vez que passava junto da filha dava-lhe um beijo na cabeça e em segredo recomendava-lhe todo o cuidado. “Que não apanhasse umidade! que não bebesse coisas frias! Que se agasalhasse o melhor possível e, no caso de sentir o corpo mole, que se metesse logo na cama! Qualquer imprudência poderia ser fatal!...” O seu empenho era pôr o João da Costa, no mesmo instante, ao corrente da grande novidade e pedir-lhe que marcasse logo o dia do casamento; a menina entendia que não, que era feio, mas a mãe arranjou um portador e mandou chamar o rapaz com urgência. Ele apareceu à tarde. [...] E a partir desse dia D. Isabel mudou completamente. As suas

rugas alegraram-se; ouviam-na cantarolar pela manhã, enquanto varria a casa e espanava os móveis. (AZEVEDO, 2012, p. 230-231).

O excerto mostra exatamente o momento após Pombinha ter menstruado pela primeira vez, assim sendo possível arranjar os preparativos para o tão esperado casamento entre a menina e o comerciante João da Costa. O casamento representa, para Dona Isabel, uma das poucas oportunidades de mobilidade social, senão a única, para ela e para a filha e, por isso, a mãe da menina aparece radiante em cena. Como já tratamos aqui, o naturalismo não perdoa os indivíduos que estão sob a jurisdição do meio e, portanto, o leitor já poderia esperar que Pombinha não seria capaz de ascender socialmente conforme sua mãe desejava. O casamento da filha com o comerciante também significa quase um ponto final nas preocupações de Isabel; afinal, ela teria sucedido na criação da pequena em meio tão precário e repleto de tentações para qualquer que fosse a idade. A união, assim como a felicidade de Dona Isabel, durou pouco, já que Pombinha acaba sendo corrompida justamente pelo meio e pelos seus prazeres infundáveis, como a cena da menstruação já prenunciava. Os métodos de criação aplicados por Dona Isabel obviamente poderiam ser discutidos, bem como uma promessa tão precoce de casamento e todos os outros fatores, mas é essencial para a narrativa de Azevedo notar que nem mesmo uma relação próxima entre mãe e filha foi capaz de vencer o meio na qual estavam ambas inseridas. Pombinha termina prostituta, rodeada por toda a aura que a ocupação representa, enquanto sua mãe preferiu fingir-se de criada da filha do que cumprir o papel de mãe da prostituta, sem que levasse muito tempo para recair e morrer em uma casa de saúde.

A questão central do último excerto selecionado, porém, para esse momento da discussão, é justamente como alguns dos personagens no contexto brasileiro tentavam alcançar classe social superior através do matrimônio. O mesmo não parece acontecer nas observações de Jack London, como podemos ver no trecho:

Para o jovem trabalhador, para a mulher trabalhadora ou para o casal, não há garantia de uma meia-idade feliz ou saudável, nem de uma velhice segura. Por mais que trabalhem, não podem garantir seu futuro. É tudo uma questão de sorte. Tudo depende do que está acontecendo, coisa com a qual eles não têm nada com que ver. A precaução não é capaz de amenizar, nem os truques podem evitar o destino. Se permanecerem no campo de batalha industrial, devem enfrentá-lo e arriscar-se contra grandes probabilidades. (LONDON, 2008, p. 261).

Sendo direto, em *The people of the Abyss*, ao contrário do que acontece no romance de Azevedo, o casamento não aparece representado como uma solução de mobilidade social, parecendo ser capaz de estratificar ainda mais aqueles que oficializam a união. O trecho de

London é extremamente conformista, mas, ao mesmo tempo, reflexo de uma realidade de poucas esperanças. Não encontrei, durante a pesquisa, material histórico suficiente para corroborar a teoria de que em Londres haveria menos mobilidade social através de casamentos, mas, se partirmos do ponto de vista ficcional, é muito presente a relação matrimonial apenas entre classes semelhantes. Por mais que, por exemplo, Elizabeth Bennet tenha no casamento com Mr. Darcy uma segurança financeira diferente da sua própria condição, ela não está nem um pouco próxima dos Abismos ingleses ou das personagens narradas por Jack London. Por outro lado, London nos apresenta o casamento como fonte de pobreza, se opondo totalmente ao apresentado por Azevedo. Vemos a fala de um dos habitantes do Abismo em:

"[...] Olhe para mim! Eu posso tomar minha cerveja quando eu quiser, e nenhuma senhora ou crianças chorando por pão. Estou feliz com a minha cerveja e companheiros como você, como um bom navio chegando para outra viagem ao mar. Então eu digo, vamos tomar outra cerveja. As bebidas são boas o suficiente para mim." (Ibid., p. 37).<sup>31</sup>

London conversa com um dos representantes da *working class* inglesa a fim de tentar compreender as motivações e os desejos do cidadão que, ao contrário do que o intrínseco *american way of life* de London orienta, não almeja constituir família ou casar-se. Se nos Estados Unidos do início do século XX a ideia de constituir família e comprar a casa própria já começava a difundir-se, atingindo o ápice no período pós Segunda Guerra, para este exemplo de trabalhador do *East End* a situação não parecia assim tão vantajosa. Dotado de pensamento quase que puramente matemático, o entrevistado de London deixa claro que o orçamento não comportava constituir uma família e ser capaz de viver sem maiores incomodações, visto que os filhos e a esposa estariam sob sua responsabilidade financeira. Assim, entre vir a ter preocupações com outros seres humanos ou preocupar-se apenas com a sua bebida e seus amigos de *pub*, o *EastEnder*<sup>32</sup> opta por gastar suas economias com suas cervejas.

London mais adiante diz, de forma um tanto quanto conformista: "E dia após dia fiquei convencido de que não apenas é imprudente, como também é criminoso o povo do abismo se casar" (LONDON, 2008, p. 40). O pensamento de London parte dos trechos apresentados logo no segundo capítulo de *The people of the Abyss*, em que os empecilhos a qualquer forma de

---

<sup>31</sup> Tradução própria. Cabe trazer aqui o trecho original de London, por conta da forma como o escritor altera a grafia das palavras, sendo capaz de nos dar ritmo e variação presente na fala do trabalhador inglês: "[...] Look at me! I can 'ave my beer w'en I like, an' no blessed missus an' kids a-crying for bread. I'm 'appy, I am, with my beer an' mates like you, an' a good ship comin', an' another trip to sea. So I say, let's 'ave another pint. Arf an' arf's good enough for me."

<sup>32</sup> *EastEnder* se refere a quem é morador do *East End* londrino.

vida confortável são apresentados ao interlocutor. O casamento de forma alguma representava a mesma capacidade de ascensão social como consta n'*O Cortiço*, visto que em Londres o casal teria de dividir a habitação com outras pessoas para poder arcar com o gasto de moradia, mesmo com os dois salários dos cônjuges. Caso a família crescesse, os filhos provavelmente viriam a habitar o mesmo quarto do casal, implicando primeiramente na falta de privacidade e, a longo prazo, em dificuldades financeiras com poucas perspectivas de mudança, mesmo com os filhos empregados. A vida no Abismo londrino impõe restrições tão ferrenhas que até o mais simples da vida conjugal parece ser um sonho distante para os moradores do *East End*. Se Pombinha e D. Isabel sonham com o dia do casamento como forma de ter acesso a uma vida mais confortável, para os casais de Londres não havia cortiço de aluguel minimamente acessível. A vida em Londres concentrava riquezas para que, por consequência, os menos favorecidos fossem obrigados a dividir quartos.

### **3.2 Implicações para o presente**

Uma das seções finais deste escrito é justamente um olhar sobre o passado recente e o presente das duas sociedades, partindo a explorar quais consequências os Abismos deixaram para as futuras gerações. Por mais que não veja tais implicações como diretas e concretas, acredito que cabe a discussão e as suposições que serão feitas a seguir como forma de entender com as duas sociedades se desenvolveram após mais de um século. É inegável que tanto Rio de Janeiro quanto Londres passaram por transformações profundas, assim como seus países, no entanto, é relativo e irresponsável delimitar se apresentaram melhorias evidentes ou apenas um reflexo das tendências de novas ideologias políticas. Enquanto auxílios e reparações aos menos favorecidos são muito recentes em território brasileiro, as políticas públicas e sociais britânicas, sem qualquer ingenuidade, representam uma melhoria sem precedentes quando comparamos com a situação desumana presenciada na *East End* de Londres. No entanto, há um ponto que pouco mudou desde a visita de Jack London ao Reino Unido: a questão da moradia.

Como já vimos em algumas passagens do texto de Jack London, grande parte da classe trabalhadora de Londres se empilhava em apartamentos de Whitechapel; famílias dividiam quartos entre si e até mesmo com outras pessoas. A falta de privacidade acarretava principalmente no desenvolvimento de distúrbios psicológicos e, conseqüentemente, no exagero do consumo de substâncias que contornavam o estresse urbano. Quase 120 anos depois do relatado por London, a situação melhorou consideravelmente, mas Reino Unido e Irlanda ainda apresentam os maiores problemas de moradia na Europa Ocidental. O *ranking* produzido

e divulgado pelo Deutsche Bank<sup>33</sup>, que tem por objetivo traçar os preços de produtos e serviços em diversas localidades, apontou que Londres e Dublin figuram entre as 8 cidades com aluguéis mais caros e são, respectivamente, primeiro e segundo lugares quanto ao preço do transporte público. Em contrapartida, as duas cidades se encontram mal colocadas no cálculo sobre o quanto de renda resta a um casal após as despesas com o aluguel, significando, portanto, que Londres e Dublin são caras tanto para se morar quanto para se locomover, sem que o salário seja compatível quando comparamos com outros grandes centros.

Em outras palavras: os salários das capitais irlandesa e britânica não oferecem as mesmas condições de relação entre salário, moradia e transporte do que outras cidades de grande porte. O estudo em si apenas nos mostra que há uma falta de equilíbrio nos dois contextos, mas é a partir de algumas reportagens que somos capazes de entender que a situação descrita por London ainda produz heranças no mercado imobiliário atual. Em 2019, a BBC da Irlanda do Norte divulgou uma matéria retratando justamente a imensa dificuldade encontrada por aqueles que almejam viver na capital da República da Irlanda. Abaixo um trecho:

Mallaghan viveu em Dublin por seis meses em 2014, antes de voltar para o norte, de onde é originária.

"Agora tenho amigos que pagam 1.500 euros por um quarto - então não é inteligente", disse ela.

Para muitos na cidade, alugar significa garantir um quarto ou, em alguns casos, apenas uma cama - e isso ainda está longe de ser a opção mais barata.

Alugar um quarto individual no centro da cidade de Dublin pode ter um custo médio mensal de € 713 (£ 610). (McNAMEE, 2019).

Apenas para contextualizar antes da análise: o salário mínimo vigente na Irlanda é de 10,10 euros por hora<sup>34</sup>. Assim, um trabalhador que dispuser de 8 horas diárias e cinco dias por semana, ao fim de 28 dias terá arrecadado 1.616 euros. Ou seja, a opção mais viável para esse trabalhador de renda mínima seria alugar um quarto pelos 700 euros, tendo de morar com outras pessoas e tendo de dedicar quase metade de seu salário somente com as despesas de aluguel. Essa realidade faz com que várias das situações descritas por London em 1902 sejam retomadas nos dias atuais. Mesmo que saibamos que as condições sociais tenham se elevado

---

<sup>33</sup> Disponível em: [https://www.dbresearch.com/PROD/RPS\\_EN-PROD/PROD000000000494405/Mapping\\_the\\_world%27s\\_prices\\_2019.pdf](https://www.dbresearch.com/PROD/RPS_EN-PROD/PROD000000000494405/Mapping_the_world%27s_prices_2019.pdf). Acesso em 30 de junho de 2020.

<sup>34</sup> Disponível em: [https://www.citizensinformation.ie/en/employment/employment\\_rights\\_and\\_conditions/pay\\_and\\_employment/pay\\_inc\\_min\\_wage.html](https://www.citizensinformation.ie/en/employment/employment_rights_and_conditions/pay_and_employment/pay_inc_min_wage.html). Acesso em 30 de junho de 2020.

consideravelmente, não podemos deixar de inferir como essa falta de privacidade eventualmente pode causar algum dano psicológico, tal qual nos relatava Jack London. Devemos materializar a figura de um trabalhador assalariado com o mínimo, muitas vezes imigrante, que deve escolher entre ter um quarto para si ou apenas uma cama para si, podendo economizar mais ou menos dinheiro. Não seria surpresa, então, notar que a maior parte dos prédios centrais de Dublin, justamente por não ser necessário gastar com o caro transporte público, esteja abarrotada de estudantes, imigrantes e trabalhadores de baixo salário que dividem quartos muitas vezes até em quatro pessoas. A dinâmica imposta na capital irlandesa faz com que ou se pague um aluguel mais barato nos subúrbios e, com isso, se acabe gastando tempo e dinheiro com o transporte ou se habite apartamentos superlotados para poder economizar na locomoção pela cidade.

A situação foi pesquisada em outros cinco artigos que corroboram a impossibilidade de dublinenses e londrinos de alugarem um apartamento somente para si tendo um salário mínimo como renda mensal. Com a maior parte dos imóveis tomando quase a totalidade dos rendimentos do dublinenses, muitos jovens irlandeses efetuam o movimento de ocupar os subúrbios<sup>35</sup>, fazendo com que o centro urbano de Dublin acabe sendo ocupado por imigrantes e estudantes que dividem pequenos apartamentos e até pequenos quartos. Uma das personagens a fazer essa migração é uma jovem fisioterapeuta que nos conta:

Emma é fisioterapeuta com sede em Dublin. Ela paga 1000 € todos os meses para dividir uma casa com outros dois profissionais. Mas, dois anos depois da faculdade, ela diz que basta. "Apenas me sinto espremida. Acho uma loucura gastar tanto em uma casa sem atrativos e em uma área mediana. Não vale a pena o que estou pagando. Estou farta" (CASSIDY, 2020).

Ao contrário do que esperaríamos, esse abandono da principal região de Dublin não impacta na lei de oferta e demanda, uma vez que a cidade é constantemente procurada por forasteiros nacionais e internacionais por conta de sua alta oferta de empregos. No entanto, o mercado imobiliário centrado unicamente na iniciativa privada não foi capaz de lidar com o rápido crescimento populacional quando comparamos com a baixa disponibilidade de residências, assemelhando-se muito com os problemas enfrentados por Jack London na sua missão nos primeiros anos do século XX. Assim como em Dublin, a cidade de Londres também apresenta a mesma relação entre três aspectos: i. salários baixos, ii. aluguéis inflacionados e iii. a impossibilidade de se ter um espaço somente para si. Um estudo feito pelo jornal The

---

<sup>35</sup> Como vemos em: <https://www.image.ie/life/officially-been-squeezed-dublin-rent-rat-race-moving-hour-half-away-dublin-rent-crisis-154373>. Acesso em 30 de junho de 2020.

Guardian<sup>36</sup> mostra que, se seguirmos com o crescimento dos preços de aluguel, muitos dos jovens estarão dispendo de mais de 40% de seus salários somente para garantir um teto para morar. Esse número representa também que mais de meio milhão de londrinos *millennials*<sup>37</sup> estarão sem condições de pagar pelo aluguel nas próximas décadas. A matéria sinaliza ainda que o setor privado tem grande responsabilidade, por concentrar a maior parte dos imóveis disponíveis para aluguel, enquanto a gestão pública peca por investir menos do que se acredita ser necessário para conter o problema.

Esses fatores fazem com que os valores de aluguel e transporte praticados nos locais que um dia foram Reino Unido acabem por se diferenciar consideravelmente de outros centros europeus, onde, historicamente, os governos investiram mais em políticas públicas de moradia. É muito semelhante como o *East End* abrigava a maior parte dos trabalhadores braçais, e com menores salários por consequência, que buscavam empregos no centro da cidade. Empoleirados em pequenos apartamentos, os habitantes do Abismo de London lutavam para pagar o aluguel e entregavam grande parte de seus rendimentos diretamente nas mãos dos seus *landlords*. Podemos dizer que a situação vivida por London é incomparável com a dos dias atuais, principalmente por conta dos inúmeros avanços nas liberdades individuais, na capacidade de migração e no respeito aos direitos humanos. No entanto, é muito interessante notar como as duas principais capitais das ilhas britânicas ainda lidem com algo descrito há mais de 100 anos, sendo herança direta do Abismo desenvolvido durante a Revolução Industrial.

Essa mesma questão se apresenta de forma muito diferente no Rio de Janeiro e, por mais que as favelas continuem a existir e a abrigar as classes menos favorecidas da capital carioca, vamos chamar a atenção para um caso oposto: o bairro da Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro. Durante 6 anos, de 2002 a 2008, o Professor Dr. Ricardo Ferreira Freitas, titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), estudou a representação, a importância, o lazer e a violência em relação à Barra da Tijuca em dois grupos de pesquisa. Os estudos resultaram em dois artigos que nos servem aqui como bibliografia. Eles, por sua vez, explicitam como bairro veio a ser densamente povoado somente a partir da década de 1970 e como ele funciona enquanto estudo socioantropológico na resposta à crescente violência na capital carioca.

---

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2019/jul/17/renting-millennials-homelessness-crisis-retain>. Acesso em 30 de junho de 2020.

<sup>37</sup> Termo que designa, geralmente, pessoas nascidas entre 1980 e o final da década de 1990.

O bairro se localiza a oeste do morro Dois Irmãos, limite geográfico da zona sul carioca – onde se situam Leblon e Ipanema, respectivamente, em linha reta – e podemos dizer que foi planejado, ao contrário do resto da cidade, para abrigar a ascendente classe média-alta carioca que pretendia ter uma Miami para chamar de sua. A cidade do estado estadunidense da Flórida é conhecida por abrigar muitos brasileiros, assim como Orlando, e por ser um dos destinos de férias preferidos das famílias mais abastadas do Brasil. Tendo em vista a popularidade da cidade entre os grandes detentores de riquezas, a Barra da Tijuca foi esculpida para lembrar a arquitetura deste específico local dos Estados Unidos, onde se privilegia largas avenidas, diversas opções de compras, um mercado imobiliário aquecido e condomínios fechados. Com suas estradas que servem exclusivamente para locomoção, ignorando qualquer ideia de espaço de convivência, a Barra da Tijuca cresceu a ponto de sediar grande parte dos Jogos Olímpicos de 2016 e ser casa para a maior parte dos shows internacionais que a capital carioca recebe, até mesmo tentando emancipar-se, ainda que sem sucesso.

A partir de altos impostos e moradias muito além do valor de mercado em outras áreas, o bairro tenta segregar principalmente pelas condições financeiras, buscando evitar com que aconteça o mesmo que ocorre atualmente na zona sul. Copacabana, Botafogo, Ipanema e Leblon, que representam justamente a elegância cinematográfica carioca, são bairros em que diversas comunidades de baixa renda dividem espaço com as exclusivas coberturas a beira mar. Na literatura, temos o exemplo do recente e aclamado livro *O sol na cabeça*<sup>38</sup>, de Geovani Martins, em que se narra diversos embates entre os moradores das favelas e moradores dos apartamentos da zona sul. Esse encontro entre classes parece ser o que a Barra da Tijuca tenta evitar, a fim de diminuir a sensação de insegurança que o outro acaba causando. Sobre o bairro, o professor Ricardo Ferreira Freitas e sua bolsista Roberta Lessa nos dizem:

A Barra da Tijuca é o bairro que mais cresce no Rio de Janeiro. No Censo do IBGE de 2000, constatou-se que os 98 mil habitantes de 1991 transformaram -se em 174 mil em 2000. Durante essa década, uma importante parcela dos anúncios de imóveis nos grandes jornais do Rio foi ocupada por propagandas de vendas de casas ou apartamentos em condomínios fechados do bairro. Ao mesmo tempo, o número de shopping centers e centros empresariais aumentou exponencialmente. (FREITAS e LESSA, 2005, p. 2).

O artigo argumenta também que a mídia tem grande contribuição na formação de um bairro descolado da própria cidade, uma vez que tanto publicidade quanto jornalismo pregam

---

<sup>38</sup> No primeiro conto da obra, intitulado "Rolezin", nos são apresentadas as dificuldades encontradas pelos moradores de favela da zona sul - Vidigal ou Cantagalo, por exemplo - em coabitar o mesmo ambiente que os bairros do Leblon e de Ipanema.

constante e incessantemente a falta de efetividade da segurança pública da cidade. Por mais que sejamos capazes de compreender que a atitude por parte da classe média alta carioca seja segregatória, temos de compreender também que essa ação é uma resposta direta a um dos maiores problemas do Rio de Janeiro: a violência urbana. No artigo, Freitas e Lessa (2005) empregam as palavras "pânico", "medo" e "emergência" para descrever as condições nas quais muitos dos habitantes da cidade se encontram, ainda discorrendo sobre como os moradores preferem esconder-se no privado e fugir do local público. Assim, se analisarmos que a resposta à violência aparece muito claramente nos condomínios fechados da Barra, devemos fazer o caminho oposto e mostrar rapidamente como o sistema impõe medo aos ricos e morte aos moradores das favelas.

Do outro lado, literalmente, temos as favelas cariocas, que, ao contrário dos inflacionados valores de aluguel no Reino Unido, onde casas são construídas em perigosos declives por falta de condições de pagar qualquer forma de aluguel. A dinâmica ao sul dos trópicos se diferencia muito no século XXI do que as que *The people of the Abyss* e *O cortiço* apresentavam 120 anos antes. A comparação hoje em dia faz pouco sentido, uma vez que, além de oprimir a partir de casas em condições desumanas, o jogo político-social ainda cobra a vida desses habitantes a troco de pacificar áreas sem qualquer auxílio do Estado. Diversos fatores hoje diferenciam massivamente as classes mais pobres do Brasil e do Reino Unido. Dentre eles estão as políticas públicas, o acesso à água encanada, esgoto tratado e moradias regulamentadas, mas principalmente o acesso a armas de fogo e a repressão policial. Enquanto a polícia britânica faz uso exclusivo de armas não-letais no patrulhamento cotidiano, a Polícia Militar brasileira, que por sua vez é herança de tempos antidemocráticos, usa, e usa em excesso, os mais diversos tipos de arma de fogo.

Para fazer essa comparação, trago aqui o estudo levantado pelo portal de notícias G1<sup>39</sup>. A matéria analisa as mortes causadas pela polícia brasileira e os policiais mortos ao longo do ano de 2019. Aqui temos os seguintes números: ao menos 5.804 pessoas foram mortas por policiais em território brasileiro, enquanto 159 policiais foram assassinados ao longo de 2019. Enquanto isso, de acordo com o portal<sup>40</sup> que presta homenagem aos policiais que faleceram em serviço no Reino Unido, o país enfrentou 5 mortes de oficiais ao longo do ano de 2019 e 152

---

<sup>39</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/04/16/numero-de-pessoas-mortas-pela-policia-cresce-no-brasil-em-2019-assassinatos-de-policiais-caem-pela-metade.ghtml>. Acesso em 15 de julho de 2020.

<sup>40</sup> Disponível em: [http://www.policerollofhonour.org.uk/national\\_roll/annual\\_roll/2019.htm](http://www.policerollofhonour.org.uk/national_roll/annual_roll/2019.htm). Acesso em 15 de julho de 2020.

mortes de civis<sup>41</sup> por ações nas quais policiais estavam envolvidos no período de 1 de abril de 2018 a 31 de março de 2019. Podemos ainda reduzir o espectro do Brasil apenas para o estado do Rio de Janeiro e, então, teremos os seguintes números: ao menos 1.546 mortes<sup>42</sup> por policiais e ao menos 36 policiais mortos<sup>43</sup> no estado em 2019.

Para deixar mais claro, apresento a seguinte tabela com dados do ano de 2019:

	Brasil	Estado do Rio de Janeiro	Reino Unido
Mortes por policiais	5.804	1.546	152
Mortes de policiais	159	36	5

A fácil visualização desta tabela nos faz refletir principalmente sobre as diferenças gritantes entre os dois países e até mesmo entre o estado do Rio de Janeiro e o país inteiro do Reino Unido. Mesmo se levarmos em conta a diferença entre o número das duas populações, a violência carioca ainda representa grande impacto ao ser analisada. Felizmente, há um crescente movimento de não apenas transformar as vítimas da violência em meros números, mas sim fazer com que essas pessoas tenham nomes e rostos e, com isso, sejam lembradas a fim de que não se cometa os mesmos erros. O atual *Black Lives Matter*<sup>44</sup> eclodiu nos Estados Unidos, mas teve efeitos diretos no Brasil, onde mídia e ativistas trataram de enumerar as vítimas recentes da violência policial, criticando também a enorme diferença entre operar dentro de uma favela e operar em algum local da zona sul carioca, por exemplo. Evaldo Rosa, Luciano Macedo, Ágatha Felix e João Pedro são nomes que nos acostumamos a ouvir nos noticiários ao longo do último ano, mas que voltam a circular na grande mídia a partir da crescente insatisfação contra os métodos empregados pela polícia.

Essas quatro pessoas deixaram de ser apenas números nas estatísticas para passarem a representar um grande problema social que, ao que tudo indica, nunca deixou de existir. As

<sup>41</sup> Disponível em:

[https://www.policeconduct.gov.uk/sites/default/files/Documents/statistics/deaths\\_during\\_following\\_police\\_act\\_201819.pdf#page=43](https://www.policeconduct.gov.uk/sites/default/files/Documents/statistics/deaths_during_following_police_act_201819.pdf#page=43). Acesso em 15 de julho de 2020.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/11/25/em-2019-rj-tem-maior-numero-de-mortos-por-policiais-desde-o-inicio-da-serie-historica.ghtml>. Acesso em 15 de julho de 2020.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/numero-de-pms-mortos-no-rio-cai-estatistica-caminha-para-ser-menor-em-25-anos-23935638.html>. Acesso em 15 de julho de 2020.

<sup>44</sup> Após a violenta morte de George Floyd, sufocado por um policial enquanto já estava rendido, uma série de protestos passou a não mais tolerar o racismo institucionalizado no tratamento da polícia com suspeitos de pele preta. O alcance foi global, causando, inicialmente, uma série de reajustes no sistema estadunidense.

quatro mortes têm em comum o local – todos estavam inseridos próximos a comunidades –, a confusão entre "culpados" e "inocentes" e o uso máximo da força policial. Evaldo, músico, e Luciano, catador, foram mortos por engano em uma ação que disparou mais de oitenta tiros no carro do primeiro e atingiu, por consequência, Luciano, que tentava socorrer o motorista baleado. Ágatha e João Pedro foram mortos dentro das comunidades do Complexo do Alemão e Complexo do Salgueiro, respectivamente, enquanto os policiais cariocas almejavam acertar suspeitos. Ambas histórias possuem requintes cruéis quando analisadas individualmente, mas o mais chamativo são suas idades: Ágatha tinha 8 anos e João havia 14. A estrutura iniciada antes mesmo da obra de Aluísio Azevedo continua a mover uma grande engrenagem hoje em dia, onde os maiores afetados são aqueles que estão na linha de frente da batalha: moradores de comunidades e policiais. Se os habitantes da Barra da Tijuca se escondem por trás das altas grades de seus condomínios, sabemos minimamente agora o motivo, que é a ineficiência estatal em lidar com a segurança pública, sendo este um de seus princípios mais básicos.

O documentário *Um lugar ao sol* (2009), de direção do recifense Gabriel Mascaro, faz lembrar um tanto quanto a cena em que Miranda olha para o cortiço a partir de seu belo sobrado, de uma posição elevada fisicamente e socialmente. Na obra de Mascaro, a equipe de filmagem entrevista moradores de apartamentos de coberturas nas cidades de Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, questionando primordialmente sobre suas impressões ao ver as cidades sempre de um ponto de vista mais alto. O casal entrevistado escolhido para representar a capital carioca é morador da zona sul do Rio de Janeiro, entre os bairros da Lagoa e de Botafogo, uma das zonas mais exclusivas da cidade. Assim como o imóvel de Miranda, o apartamento está logo ao lado da favela no morro Dona Marta e esse conflito de classes é justamente o que o diretor Mascaro parece querer destacar ao deixar com que o casal explique essas diferenças. As palavras deles, a partir dos 10min e 44 segundos, são:

O Rio de Janeiro é um privilégio e eu sou muito mais privilegiada ainda porque eu sempre morei olhando por cima e olhando por cima eu vejo as coisas, assim, como se eu estivesse pertinho do céu. [...] A gente consegue ver as coisas bonitas do Rio de Janeiro, apesar de ter muita coisa, o próprio Dona Marta aqui do lado, ele mudou de cor, ele parece uma caixinha de brinquedo. Você vê toda a evolução do Rio de Janeiro. A vista mudou. [...] Você não tinha antigamente as balas tracejantes. É lindo. A gente tem fogos quase que diariamente do Dona Marta ali para o cemitério, é muito bonito. É meio trágico, mas muito bonito. Eu não sei que tipo de relacionamentos têm as duas gangues, mas as balas são coloridas. Como se fosse um foguete. (MASCARO, 2009).

E mais adiante no documentário, o mesmo casal expõe as seguintes frases a partir de 37 minutos e 40 segundos:

Eu não sei se vocês vão conseguir ver o Dona Marta aqui. Você tem uma comunidade que adentra o morro, que desmata montanha, que não preserva, que faz uma coisa fechada nessa comunidade que cria regras próprias e que tão perto tão longe fazem um banguê-banguê. A gente assiste a essa guerra sem participar dessa guerra, muitas vezes sentindo a consequência de estar tão perto dessa guerra, mas o Rio de Janeiro realmente é lindo (MASCARO, 2009).

O que impressiona na fala do casal é principalmente o contraste entre as belezas naturais do Rio de Janeiro e suas dificuldades sociais, como foi amplamente apresentado nos parágrafos anteriores. O primeiro excerto começa justamente exaltando os atributos da capital carioca para, imediatamente, levar o foco da discussão para a existência da favela próxima a sua residência. Curiosamente, a filmagem do documentário faz o mesmo movimento ao focar o Cristo Redentor e, ao retirar o zoom, mover-se para a direita e mostrar o Dona Marta. Há ainda uma certa frieza misturada com a fascinação pelo estranho ao comentar-se sobre os tiros ouvidos na comunidade vizinha e como o rastro das balas formava uma bela cena, ignorando completamente que as trocas de tiros com os projéteis "tracejantes" são os principais instrumentos para as causas das mortes de muitos cidadãos dessas favelas. A classe mais abastada afasta sua responsabilidade e prefere ver o lado bonito em estar presenciando uma chacina de brasileiros pobres. Esse fascínio pelo outro não está presente no segundo excerto, mas o afastamento se mantém, como se a responsabilidade da literal luta de classes nas ruas cariocas fossem exclusividade dos moradores da favela. O trecho por si só revela muitos detalhes, nos dando um ponto de vista capaz de ser estudado por longas linhas, no entanto chamo a atenção especificamente para a conjunção adversativa "mas" aplicada na última linha do trecho. Após falar sobre os conflitos na favela ao lado e da falta de consciência ecológica de seus moradores ao invadirem e desmatarem uma encosta, a moradora da cobertura diz que os mais abastados também acabam por sofrer consequências dessa "guerra" e emprega "mas" para dizer que, apesar de todos esses fatores, o Rio de Janeiro ainda é lindo. Essa última frase evoca justamente o que será trazido no apêndice deste escrito, desde de Tom Jobim, passando pela banda Planet Hemp e sua frase "De frente para o mar, mas de costas para a favela" para retratar a burguesia carioca que ressalta as belezas naturais da cidade, tratando de se desvencilhar de qualquer responsabilidade pelos problemas sociais do Rio.

Num estado em que 78% dos mortos pela polícia são pardos ou negros<sup>45</sup>, não vejo como podemos comparar essa situação com a existente no Reino Unido. Por mais que possamos tentar

---

<sup>45</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/06/pretos-e-pardos-sao-78percent-dos-mortos-em-aco-es-policiais-no-rj-em-2019-e-o-negro-que-sofre-essa-inseguranca-diz-mae-de-agatha.ghtml>. Acesso em 15 de julho de 2020.

discorrer e relativizar as diferentes opressões sofridas entre os marginalizados daqui e de lá, é no Rio de Janeiro que as pessoas perdem as suas vidas pela bala de um revólver que frequentemente nem estava endereçada à vítima de fato. Atualmente, o Reino Unido como um todo enfrenta percalços diferentes da violência da Cidade Maravilhosa ou dos preços imobiliários inflacionados de Londres. Em 31 de janeiro de 2020, o país saiu da União Europeia e começou a caminhada solitária do Brexit<sup>46</sup>. Tendo sido votado em 23 de junho de 2016 pelos britânicos, que decidiram sair da coalisão de países, o resultado do referendo culminou na resignação do Primeiro Ministro David Cameron e também no de sua sucessora, Theresa May, por conta das dificuldades em manejar todas as atribuições políticas, econômicas e sociais que envolviam pôr o Brexit em prática. Com uma votação apertada, 51.9% contra 48.1%<sup>47</sup>, a saída só se efetuou sob as rigorosas ordens do Primeiro Ministro Boris Johnson, seguindo até o momento sem grandes tribulações.

À época da votação, diversos fatores levaram ao resultado surpreendente, desde propagandas dos partidos de extrema-direita e independentes, passando pelo reavivamento de sentimentos do passado britânico, até a tão batida questão dos imigrantes (que, por sinal, continuam e continuarão no Reino Unido mesmo após o Brexit). No entanto, uma importante pesquisa da Universidade de Warwick levantou a questão sobre o importante papel da austeridade no momento de efervescência dos sentimentos britânicos de independência do conselho europeu, uma vez que ao votar "Leave"<sup>48</sup>, o Reino Unido encerra mais de meio século de políticas europeias de integração entre seus países. A pesquisa foi desenvolvida pelo economista Thiemo Fetzner (2018) e concluiu que a austeridade econômica, praticada principalmente pelo partido conservador (*Conservative Party*) nos anos 2010, pode ser considerada uma das ações responsáveis pelo crescimento dos ideais independentes e pelos partidos populistas. Podemos tentar definir “austeridade”, de acordo com informações do jornal *The Economist*<sup>49</sup>, como o máximo possível de economia em um orçamento muito limitado que, quando aplicado a um país inteiro, significa reduzir o déficit estrutural a partir do aumento de impostos, diminuição de gastos públicos e também de políticas de bem-estar social.

---

<sup>46</sup> A palavra Brexit vem da união de *British* (Britânico) e *exit* (saída). Significando o processo de saída do Reino Unido da União Europeia.

<sup>47</sup> Disponível em: [https://www.bbc.com/news/politics/eu\\_referendum/results](https://www.bbc.com/news/politics/eu_referendum/results). Acesso em 20 de julho de 2020.

<sup>48</sup> O voto para sair da União Europeia.

<sup>49</sup> Disponível em: <https://www.economist.com/buttonwoods-notebook/2015/05/20/what-is-austerity>. Acesso em 20 de julho de 2020.

A austeridade britânica se iniciou como resposta à famosa crise de 2008, que teve como estopim o mercado imobiliário estadunidense e suas hipotecas infundáveis, e visava a fazer com que o Estado gastasse menos para que a economia britânica estivesse mais segura nos anos seguintes à recessão. No entanto, as consequências após 10 anos de políticas do tipo não foram tão favoráveis quanto os otimistas esperavam. Em 2019, o jornal *New York Times* publicou a declaração da então Primeira Ministra Theresa May dizendo que a época de austeridade estava findada<sup>50</sup>, mas a mesma reportagem segue a matéria enumerando os malefícios causados pela década de austeridade: número massivo de crianças voltam à linha de pobreza, curva ascendente de desemprego, de crimes violentos e de famílias que precisam de auxílio governamental. Aliado a essas situações, a disseminação de *fake news* durante a campanha do Brexit<sup>51</sup> – que puseram seus esforços no "roubo" dos empregos britânicos por estrangeiros – e a insatisfação geral fizeram com que ele fosse possível, votado, aprovado e efetivado. Assim, podemos concordar com a pesquisa da Universidade de Warwick, que conclui que a austeridade foi um dos principais fatores que levaram à saída da União Europeia pelo Reino Unido, mesmo que essa saída seja, por enquanto, com o perdão do trocadilho, apenas para inglês ver.

Assim, mostramos não apenas nesta seção, como também em outras passagens, como a vida nos Abismos na virada para o século XX influenciou cultura, sociedade, política e economia das gerações seguintes tanto do Brasil quanto do Reino Unido e Irlanda. Se lembrarmos do início deste escrito, notamos como o movimento do BritPop funcionava como uma forma de resposta dos descendentes daqueles que viviam nos Abismos britânicos, funcionando de forma semelhante se pensarmos na música de Tom Jobim, onde o morro não detinha a capacidade de vocalizar sua própria arte. A tomada da arte por integrantes destes Abismos é sempre um marco. Por mais que possamos traçar uma linha direta desde os Abismos até algumas de suas consequências – como a violência urbana ou a falta de moradia adequada –, não vejo como estabelecer um elo absoluto entre outros fatos que podem vir a ser consequência das épocas narradas por Aluísio Azevedo e Jack London. Tentei apresentar o Brexit como o ponto final, e também ponto de mudança, de uma corrente de acontecimentos e políticas públicas impostas pelos governantes britânicos, mas estabelecer uma ligação direta entre a exploração presente nos Abismos e a votação pró-Brexit parece um tanto quanto aventuroso. Deste modo, optei por expor a saída de união europeia e estudos que debatem quais

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/02/24/world/europe/britain-austerity-may-budget.html>. Acesso em 07 de julho de 2020.

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/news/blogs-trending-48356351>. Acesso em 07 de julho de 2020.

supostos acontecimentos levaram ao resultado do referendo. Poderia ter feito o mesmo se escolhesse debater a crescente falta de laicidade na política brasileira atual<sup>52</sup> a partir da ascensão de bancadas parlamentares que privilegiam os ideais religiosos e, com isso, resgatar os textos de Sérgio Buarque de Holanda sobre o catolicismo brasileiro, ou até mesmo o espanto de Charles Darwin ao chegar ao Brasil, para debater momentos no presente com base em acontecimentos do passado. Reforço a dificuldade em delimitar quais episódios são, ou podem vir a ser, diretamente influenciados pela condição opressora na qual se encontravam os Abismos, mas, acima de tudo, acredito que seja válida a apresentação de aspectos das duas sociedades para que possamos debater, supor e, por consequência, perpetuar a história dos trabalhadores da virada do século XX.

---

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/liderancas-religiosas-lancam-bancada-evangelica-popular-para-lancar-candidaturas.shtml>. Acesso em 07 de julho de 2020.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu escrito "Adequação nacional e originalidade crítica" (1999) sobre o ensaio de Candido "De cortiço a cortiço", Roberto Schwarz discorre criticamente sobre diversos conceitos de mimese, função da literatura e representação da realidade neste contexto naturalista. É perigoso de uma forma quase inimaginável delimitar de modo definitivo se o romance tem seu ponto de partida unicamente a partir da realidade ou não. No entanto, a realidade social acaba saltando aos olhos do leitor mais atento durante a progressão da trama d'*O Cortiço* do que a própria literatura por si só. Esse ponto de partida naturalista em transcrever a realidade sem interferência é impossível, uma vez que a literatura é escrita por uma pessoa dotada de suas próprias crenças, experiências de vida e percepções do mundo que nos rodeia. Por conta disto, essa transcrição não parece viável, fazendo com que o autor e seu narrador sejam responsáveis por selecionar conscientemente e arbitrariamente o que será ali narrado. Ainda assim, Schwarz chama a atenção como os estudos sobre literatura ou narrativa, por exemplo, acabam em segundo plano quando discutimos o livro de Azevedo.

O cortiço, de que portanto é um elemento dinâmico interior: a consequência social passou a causa literária, com consequências, por sua vez, que se desdobram na ficção. Repetindo, a sociedade não aparece como modalidade envolvente, mas como elemento interno ativo, sob a forma de um dinamismo especificamente seu, resultado consistente dela e potência interior ao romance, onde atritará com outras forças e revelará algo de si. (SCHWARZ, 1999, p. 35).

Refletir sobre a narração naturalista e sua inclinação em mostrar seus personagens como "documentos vivos" (SANSEVERINO, 2019, p. 99), uma vez que o ali exposto seria de fato a realidade, faz com pensemos ingenuamente em um exemplo irreal de narrativa onisciente e imparcial, excluindo o ponto de vista do autor ou do autor-implícito. Parece-me que este movimento privilegia ainda mais a ideia de impessoalidade trazida pelo narrador naturalista, já que, como acontece aqui neste escrito, nos atentamos mais ao contexto que a obra traz do que à forma na qual suas ideias estão dispostas. Por mais que eu tenha conhecimento de que Aluísio Azevedo fale sim desta posição de elite intelectualizada e isto influencie diretamente a forma como personagens e dilemas são apresentados, ainda assim, neste trabalho, optei por discorrer sobre as questões sociais presentes no Rio de Janeiro. Repetindo Schwarz, "A consequência social passou a causa literária" por muito nesta dissertação, quase ofuscando, de forma arriscada, a condição privilegiada do autor e os ideais naturalistas de índole cada dia mais suspeita.

Para finalizar, este trabalho pretendeu ainda, antes de tudo, ser empático. Empático principalmente com o leitor e com as pessoas nele retratadas. Desejei sempre que a escrita fosse fluida, clara e, até mesmo, poética em certos momentos. Por conta disto, assumo este lado ensaístico em sua conclusão. Em nenhum momento quis mostrar o que sabia, mas, pelo contrário, contar ao leitor, com entusiasmo, aquilo que descobri nos meus mais de dois anos de pesquisa. Recentemente li o texto escrito por Susan Sontag, *Regarding the pain of others* (2003), e nele a autora detalha o processo de sofrimento de algumas culturas (inseridas em uma guerra, por exemplo) e as representações artísticas feitas destes momentos vividos. De longe o conceito que mais me chamou atenção aparece na passagem:

Esses homens e mulheres cambojanos de todas as idades, incluindo crianças, fotografados a poucos metros de distância, geralmente como bustos ou estátuas, estão eternamente em vias de sucumbir à morte, para sempre prestes a serem assassinados, para sempre injustiçados (SONTAG, 2003, p.75).<sup>53</sup>

Valer-se da arte – seja ela literatura, fotografia ou um filme – para retratar o sofrimento do outro parece, em uma primeira vista, algo muito nobre a ser feito. No entanto, com um pouco mais de reflexão, notamos como pode ser egoísta eternizar, como diz Sontag, um dos piores momentos, senão o pior, da vida de uma pessoa em prol deste ímpeto artístico. Após a leitura deste texto, cada vez mais penso o quão dilacerante é uma exposição em um museu físico com fotos de guerras ou de povos em condições subumanas. Ainda, dentro deste escopo, há a menção às fotografias de pessoas portadoras do vírus HIV em seus últimos momentos de vida, a animalização do outro por meio de fotografias acaba por fazer com que nossa empatia seja momentânea e pouco reflexiva. Recordo até mesmo as fotografias cinematográficas de Sebastião Salgado que retratam nada mais nada menos do que povos muito sofridos e muito distantes da nossa realidade, como se pudéssemos olhá-los e, naquele instante, estivéssemos apreciando a beleza de suas dores.

O sofrimento é espetacular, é bonito, é poético e, assim sendo, a nossa compaixão não poderia ser de outra forma senão abstrata. Digo isto porque parece haver algo de prazeroso, até mesmo sádico, em vermos fotografias desta natureza e pensarmos, primeiro, na beleza delas ao invés do horror que são as condições impostas para que estes personagens-modelos existam. Há ainda um nicho mais específico que podemos delimitar como alguns fotógrafos de grandes centros urbanos que parecem almejar fotografar a cidade, abarcar o todo, capturar a essência

---

<sup>53</sup> Tradução própria.

que nela habita. Por isto, não são raras, pelo contrário, as fotografias geralmente em preto e branco de moradores de rua posando com um sorriso no rosto para as lentes do fotógrafo. Como estas fotos não vão para os museus, elas acabam indo para as redes sociais onde encontram muitos likes, muitos comentários exaltando a benevolência do artista em propiciar espaço a essas figuras sempre marginalizadas, comentários mencionando a beleza da foto, a poética que ali transparece, a arte em si. Penso que isto de fato parece ser mais da mesma falta de senso crítico apontada nos escritos de Sontag.

Globalizar o sofrimento através deste tipo de arte não me parece o mais adequado. Sontag diz que Salgado não nomeia essas pessoas "powerless"<sup>54</sup> e isto deixa tudo ainda mais criticável quando questionamos quais as reais intenções por trás daquela arte. Penso ser ainda mais curioso quando vemos estas fotografias, dos fotógrafos das redes sociais, com a legenda com o nome do morador de rua logo abaixo, como se isto oferecesse uma humanidade a mais à fotografia. A mim, ainda parece ser o mesmo caso: oferecer o sofrimento do outro, o sofrimento que o fotógrafo não entende, que não viveu, que não acompanhou, como forma de arte aos seus interlocutores que, por sua vez, receberão estas fotos em seu *feed* para que tenham este minúsculo momento de compaixão pelo outro. Sontag aponta justamente sobre a dinâmica perigosa de eternizar um momento de sofrimento alheio. Fotografar é tornar eterno um milissegundo. Há de se ter uma responsabilidade mínima para analisar se realmente é necessário fotografar o outro neste momento, se é necessário pedir para que se faça uma pose feliz, se é necessário deixar a foto em preto e branco, se é necessário oferecer isto como arte, se é necessário postar em redes sociais.

Se o que consegues oferecer é um frame da realidade brutal vivida pelo outro como forma de evocar compaixão no público, então penso que raciocinar criticamente sobre este tipo de arte realmente não esteja nos planos. Eternizar uma pessoa em situação difícil, jogando com a ideia de que "ainda assim essa pessoa é feliz", acaba por construir este tipo de arte baseado majoritariamente no senso comum de que o sofrimento choca e faz obrigatoriamente pensar de forma empática. Sim ele choca, mas ele faz refletir? Ocorre mudança? Há discussão? Penso que não necessariamente, e por isso o texto de Sontag me preocupa tanto. Estaria eu oferecendo o mesmo tipo de conteúdo? Temi estar fotografando e tornando eterno o sofrimento das classes mais baixas das cidades do Rio de Janeiro e Londres.

---

<sup>54</sup> Pessoas em situação muito semelhante àsquelas dos abismos cariocas ou londrinos, de pouquíssimas chances de ascender socialmente e financeiramente.

Pensei muito sobre e por isso apresentei essa discussão aqui. Refleti acerca de meu trabalho como um todo nos últimos meses e, assim, retomo as primeiras palavras aqui: ser empático. Nunca almejei que o interlocutor lesse essa dissertação de mestrado e sentisse compaixão momentânea, não sei nem se almejei que o leitor sentisse compaixão, pelo contrário, penso que a cólera seria um sentimento mais adequado. Tentei mostrar como a situação chegou neste ponto dilacerante, como as respostas públicas foram parcas, como se encontrou soluções apenas para as classes mais abastadas e como isto tudo ainda seja parte do panorama chamado Brasil. Espero não ter fotografado pessoas sofrendo e apenas isto. Espero ter filmado seus dias e dias, mostrando que a arte neste Abismo era uma das formas mais genuínas de combate contra a opressão imposta há centenas de anos. Sem deixar, obviamente, de criticar e tentar entender essa dinâmica. Cuidei muito para que a discussão não caísse no óbvio, que não fosse rasa, que sempre estivesse acompanhada por um bom lastro teórico e, de certa forma, rancoroso e impiedoso contra os que ditam as regras até os dias de hoje. Assim, fico mais calmo. Meu convite ao interlocutor é: veja isto que ocorreu e ainda ocorre e vamos tentar raciocinar sobre todo este bloco histórico e literário. Tentei, da minha poltrona confortável, dar voz e propiciar um espaço na memória a essas pessoas de mais de cem anos atrás. E sempre com este senso crítico que dilacera, mas se faz necessário.

Trago ainda este trecho da entrevista do autor Valter Hugo Mãe para o jornal O Globo:

Denunciar incansavelmente a exclusão. Quem cala vira cúmplice. Tenho muita pena que tanta gente com uma visibilidade incrível fique quieta quando dizem que negro é gado, mulher é pessoa menor, artista é tudo vadio. Se não quer usar sua voz contra algo tão ostensivamente errado, você não está desempenhando cidadania nenhuma. [...] Nunca se deixem convencer de que o Brasil deu errado. Esse é o primeiro passo que o usurpador do poder dá em direção ao domínio, ele precisa que o povo se motive ao abandono. Um povo convencido de que é um erro é um povo predisposto a desistir. Não caiam nessa armadilha. (MÃE, 2020).

Por mais que Mãe esteja falando de um ponto de vista que abarca principalmente o contexto político atual no qual o Brasil se insere, penso que suas palavras sejam tão zelosas quanto denunciantes. Em palavras muito menos sabiamente escolhidas do que as palavras de Valter Hugo Mãe, pretendi aqui "usar a voz contra algo tão ostensivamente errado" com aquilo que pude oferecer. Em última análise, revisito as ideias de Ricoeur (2004) e Sontag (2003) sobre memória e como é importante para uma nação preservar sua identidade por meio de seu próprio passado e dos fatos que levaram um povo ao momento em que se encontram agora. Embora

cada um tenha uma memória própria e individual sobre a vida, seus acontecimentos e suas sensações, ainda existe uma memória coletiva que é estipulada por esta entidade acima de nós. Com a memória coletiva, sabemos que algumas coisas são historicamente mais importantes do que outras, que existem fatos históricos que realmente importam para a nossa constituição como parte de um grupo ou não. É por isso que insisto na importância de pensar que este trabalho foi capaz de vocalizar os atos desumanos sofridos por cariocas e londrinos, partindo dos textos literários de London e Azevedo. Seria mais simples pensar que as classes menos favorecidas de Londres e do Rio de Janeiro agora fazem parte dessa memória coletiva, embora não fossem elas a deter o poder e, por consequência, selecionar o recorte histórico a ser perpetuado. Retomando Le Goff, que esta dissertação possa ser um dos documentos sobre o monumento que foi a virada do século XIX para o XX.

Ao longo dos três capítulos desta dissertação – e também no apêndice – tentei justamente debater o contexto e tudo aquilo que pude angariar sobre o que rodeava *O Cortiço*, *The people of the Abyss* e seus autores. Discorremos sobre os diferentes panoramas históricos das duas cidades, Rio de Janeiro e Londres, das geografias únicas, a cultura existente nestes abismos sociais, os bairros e zonas das duas cidades e quais excertos dos livros dialogavam para o tema aqui proposto. Tentei justamente romper com este vínculo de empatia e mostrar como as obras funcionam e dialogam com seus contextos. Conforme dito na introdução, a proposta inicial era justamente a de extrapolar as obras literárias e trazer toda a carga sócio-histórica que os enredos trabalham, também como aparece no supracitado Schwarz. Ao longo de seus escritos, Jack London e Aluísio Azevedo problematizam, mas não humanizam o outro. Há algumas passagens em que Jack London deixa claro de que não há força própria dos londrinos para sair do inferno em que se encontram, obstruindo de certa forma a voz destes que contam suas histórias a ele. Como por exemplo no episódio em que Jack London mostra uma moeda valiosa aos seus companheiros de trabalho braçal, o narrador ouve as lamúrias dos personagens, mas, logo após, deixa claro que estão condenados por toda a eternidade a permanecerem neste Abismo semi-bíblico.

Ao contrário do que Azevedo indicava em seus escritos, tentei mostrar que a situação dos trabalhadores menos assalariados no Brasil não é uma doença biológica, mas um problema social. No naturalismo, o curar é extirpar, mas o problema permanece vivo até hoje apesar das inúmeras tentativas de aniquilação. Azevedo diagnostica uma doença social para ser curada, eu tento apresentar as causas, os sintomas e as consequências desta doença. Já Jack London vive a história que conta, oferecendo palco para seus entrevistados, apesar de rechaçar ascensões

sociais, uma vez que estão neste tipo de condenação quase religiosa. Assim, optei por não condenar ninguém em definitivo, pelo contrário, almejo de coração que este escrito sirva ainda para muitas pesquisas históricas, literárias ou culturais sobre esta classe que geralmente aparece esquecida nos estudos tradicionais. Meu maior desejo é ter sido capaz de romper este ciclo das narrativas já estabelecidas ao mostrar, propriamente, o outro lado dos narradores de Jack London e Aluísio Azevedo. Ao abordar a cultura destas classes menos favorecidas em uma dissertação de mestrado de uma das melhores universidades brasileiras, penso estar cumprindo com que Foucault dialogava lá em seu *Microfísica do poder*, e isto me basta.

## Referências

- ACKROYD, Peter. *London: the biography*. London: Vintage, 2000.
- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Domínio Público, 2003. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00002a.pdf> Acesso em: 31 de dezembro de 2020.
- ANTUNES, Laura. "A arquitetura hostil das cidades: grades, pedras ou divisórias, o que importa é afastar as pessoas". Rio de Janeiro: Colabora, 2016. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods11/a-arquitetura-hostil-das-cidades/> Acesso em: 01 de maio de 2020.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.
- ASSIS, Machado de. *Obra Completa. vol. I*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- AUSTEN, Jane. *Persuasão*. São Paulo: Martin Claret, 2018.
- AUSTEN, Jane. *Pride and prejudice*. New York: Bantam Books, 2003.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- BATTAUS, Danila M. de Alencar e OLIVEIRA, Emerson Ademir B. "O direito à cidade: urbanização excludente e a política urbana brasileira". In: *Revista Lua Nova*. São Paulo: CEDEC, 2016.
- BBC "Housing crisis affects estimated 8.4 million in England - research". London: BBC, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-49787913> Acesso em: 07 de junho de 2020.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada: o Novo Testamento*. Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2016. Disponível em: <https://media.ldscdn.org/pdf/lds-scriptures/new-testament/new-testament-83291-por.pdf?lang=eng> Acesso em: 03 de maio de 2020.

BLUR. *Modern Life Is Rubbish*. London: Food, 1993. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/23mDNB6otna4M0e8MORCsZ?si=7o9nCR8eTwCOUux9aww0Yg> Acesso em: 24 de abr. de 2020.

BOOTH, Charles. *Life and labour of the people of London*. London: Macmillan, 1902.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BROCOS, Modesto. *A Redenção de Cam*. 1895. Pintura. Óleo s/tela - 199 x 166cm. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d3/Reden%C3%A7%C3%A3o.jpg>. Acesso em: 15 junho de 2020.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*. São Paulo. Ática. 2003. p. 19

CANDIDO, Antonio. "De cortiço a cortiço". In: *Novos Estudos N° 30*. São Paulo: CEBRAP, p.111-129. 1991.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.

CARVALHO, Marieta Pinheiro de. *Uma ideia de cidade ilustrada: as transformações urbanas da nova corte portuguesa*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CASINO ROYALE. Direção: Martin Campbell. Roteiro: Neal Purvis, Robert Wade e Paul Haggis. Produção: Michael G. Wilson e Barbara Broccoli. United Kingdom: Sony, 2006.

CASSEL, Vincent. Entrevista a TRIP TV: a TV brasileira é tipo uma máfia. 2016. (3m21s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SjxTgc6r0W4> Acesso em: 24 abril 2020.

CASSEL, Vincent. Entrevista a TRIP TV: o carnaval de Vincent Cassel. 2016. (4m46s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f7yFBQSiVds> Acesso em: 24 abril 2020.

CASSIDY, Amanda. I've officially been squeezed out of the Dublin rent rat race. I'm moving an hour and a half away. Dublin: *IMAGE*, 2020. Disponível em:

<https://www.image.ie/life/officially-been-squeezed-dublin-rent-rat-race-moving-hour-half-away-dublin-rent-crisis-154373>. Acesso em: 07 de junho de 2020.

CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CEZIMBRA, Marcia e ORSINI, Elisabeth. *Os emergentes da Barra*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1996.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade, uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

CHURCHILL, Winston. *The Age of Revolution: A History of English-Speaking Peoples, Vol. III*. Barnes & Noble: New York, 2005.

CHURCHILL, Winston. *The Birth of Britain: A History of English-Speaking Peoples, Vol. I*. Barnes & Noble: New York, 2005.

CHURCHILL, Winston. *The Great Democracies: A History of English-Speaking Peoples, Vol. IV*. Barnes & Noble: New York, 2005.

CHURCHILL, Winston. *The New World: A History of English-Speaking Peoples, Vol. II*. Barnes & Noble: New York, 2005.

CIDADE DE DEUS. Direção: Fernando Meirelles. Roteiro: Bráulio Mantovani. Produção: Andrea Ribeiro, Maurício Ramos. Brasil: O2 e Globo, 2002.

COARACY, Vivaldo. *Memória da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965

COLOR PSYCHOLOGY. 2016. (03m41s). Disponível em: Acesso em: <https://vimeo.com/169046276> 26 de abril de 2020.

COMO SER SOLTEIRO. Direção: Rosane Svartman. Roteiro: Rosane Svartman. Produção: Clélia Bessa. Brasil: Raccord, 1998.

CONLIN, Jonathan. *Histórias de duas cidades: Paris, Londres e o nascimento da cidade moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

COSTA, Fernando e PEDREIRA, Jorge. *D. João VI: um príncipe entre dois continentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. São Paulo: Graal, 1979.

DARWIN, Charles. *Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo - Vol. 1*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

DAVIS, Angela. *Women, Race and Class*. New York: Vintage Books, 1983.

DICKENS, Charles. *As Aventuras do sr. Pickwick*. São Paulo: Globo, 2004.

DICKENS, Charles. *David Copperfield*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Hedra, 2002.

DICKENS, Charles. *Sketches by Boz: illustrative of everyday life and every-day people*. 2009. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/882/882-h/882-h.htm> Acesso em: 26 de abril de 2020.

EDIFÍCIO Master. Direção: Eduardo Coutinho. Roteiro: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Vídeo Filmes, 2002.

ENDERS, Armelle. *A história do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2015.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.

ESTÁCIO, Denise de Quintana. *Mapeamento literário no romance machadiano: pressupostos para leitura de Quincas Borba*. Dissertação de mestrado. Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FETZNER, Thiemo. *Did austerity cause Brexit?* Coventry: University of Warwick, 2018. Disponível em: <http://wrap.warwick.ac.uk/106313/7/WRAP-did-austerity-cause-Brexit-Fetzer-2018.pdf> Acesso em: 21 de junho de 2020.

FLEABAG. Direção: Harry Bradbeer. Roteiro: Phoebe Waller-Bridge. Produção: Lydia Hampson, Hsinyi Liu, Phoebe Waller-Bridge, Harry Williams e Jack Williams. United Kingdom: BBC, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREITAS, Ismael Cunha. *A interrupção do fluxo narrativo do romance de Jorge Amado: um estudo sobre a representação da mulher negra e pobre nas obras Gabriela, Cravo e Canela e Jubiabá*. Trabalho de conclusão de curso. Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FREITAS, Ricardo Ferreira; LESSA, Roberta. "Para além das grades: a mídia e a violência nas fortalezas da Barra da Tijuca". In: *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Rio de Janeiro: Catálogo de Resumos do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.

FREITAS, Ricardo Ferreira; LESSA, Roberta. "Da cidade aos meios: as narrativas da violência e o bairro da Barra da Tijuca". In: *LOGOS 22 - Comunicação e Cultura Metropolitana*. Rio de Janeiro: LOGOS, v. 22, p. 59-74, 2005.

FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos (1900) - Coleção Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Vol. 4*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Global editora, 2013.

FUNCK, E. A. *Breve história da Inglaterra*. Porto Alegre: Movimento/EDUNISC, 2012.

GAGLIARDO, Vinicius Cranek. *Uma Paris dos trópicos?* Perspectivas da europeização do Rio de Janeiro oitocentista. São Paulo: Alameda, 2014.

GASKELL, Peter. *The Manufacturing Population of England: its moral social and physical conditions, and the changes which have arisen from the use of steam machinery*. London:

Baldwin and Cradock, 1883. Disponível em:  
<https://archive.org/details/manufacturingpop00gaskuoft/page/2/mode/2up>

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GILBERTO e GETZ. *Getz/Gilberto*. New York: Verve, 1964. Disponível em:  
<https://open.spotify.com/album/3JvFfIPix7bB6lJ4qId2Er?si=xpLPtO2vRViGTksFXpgNF>

Acesso em: 24 abril de 2020.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. João Pessoa: Projeto Do Autor ao Leitor, 2013.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*. 2. ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2012.

HILL, Amelia. "UK's renting millennials face homelessness crisis when they retire". London: *The Guardian*, 2019. Disponível em:  
<https://www.theguardian.com/society/2019/jul/17/renting-millennials-homelessness-crisis-retire> Acesso em 07 de junho de 2020.

HOBSON, John. *The Eastern Origins of Western Civilization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O homem cordial*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HUTCHEON, Linda. *A Theory of Adaptation*. New York: Routledge, 2006.

JOÃO GILBERTO. *O Amor, o sorriso e a flor*. Brasil: Odeon, 1960.

JODAS, Amanda Servidoni. *Nas entrelinhas do "Cortiço": moralidade e (des)ordem pública em Alúcio Azevedo*. Dissertação de mestrado. Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

JONES, Gareth Stedman. *Outcast London: A Study in the Relationship Between Classes in Victorian Society*. London: Penguin Books, 1984.

JORDAN, John. *The Cambridge Companion to Charles Dickens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

KNOW YOUR ENEMY. Direção: Frank Capra e Joris Ivens. Roteiro: Frank Capra, Carl Foreman, John Huston e Edgar Peterson. United States, 1945.

LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento". In: História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. pp. 462-473.

LONDON, Jack. *Caninos Brancos*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

LONDON, Jack. *O chamado selvagem*. São Paulo: Hedra, 2015a.

LONDON, Jack. *O lobo do mar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015b.

LONDON, Jack. *The people of the Abyss*. North Charleston: CreateSpace, 2008.

LORDE, Audre. *Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference*. California: Sister Outsider Crossing Press, 1984. Disponível em:

[https://www.colorado.edu/odece/sites/default/files/attached-files/rba09-sb4converted\\_8.pdf](https://www.colorado.edu/odece/sites/default/files/attached-files/rba09-sb4converted_8.pdf)

Acesso em: 28 de abril de 2020.

MÃE, Valter Hugo. 'Não se deixem convencer de que o Brasil deu errado' [Entrevista concedida a] Ruan de Sousa Gabriel. *O Globo*, Rio de Janeiro. 2020. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/valter-hugo-mae-nao-se-deixem-convencer-de-que-brasil-deu-errado-24391675> Acesso em: 28 de abril de 2020.

MANTOVANI, Marcos. *Jack London: uma precoce prática etnográfica em O povo do abismo e O cruzeiro do Snark*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. *Democracia e ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006

McNAMEE, Michael. "Dublin: Cost of living forces people to abandon city". Northern Ireland:

*BBC*, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-50420548#:~:text=The%20Republic%20of%20Ireland's%20capital,reached%20more%20than%20E2%82%AC1%2C500> Acesso em: 07 de junho de 2020.

McWILLIAMS, David e TAYLOR, Cliff. "Ireland's housing crisis in five revealing graphs".

Dublin: *The Irish Times*, 2020. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/life-and->

[style/homes-and-property/ireland-s-housing-crisis-in-five-revealing-graphs-1.4150332](https://www.nytimes.com/2019/08/08/world/europe/housing-crisis-ireland.html) >

Acesso em: 07 de junho de 2020.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.

MORETTI, Franco. *O Burguês: entre a história e a literatura*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

NO TIME TO DIE. Direção: Cary Joji Fukunaga. Roteiro: Neal Purvis, Robert Wade, Cary Joji Fukunaga e Phoebe Waller-Bridge. Produção: Michael G. Wilson e Barbara Broccoli. United Kingdom: Sony, 2020.

NOTORIOUS. Direção: Alfred Hitchcock. Roteiro: Ben Hecht. Produção: Alfred Hitchcock. United States: RKO Pictures, 1946.

O'LOUGHLIN, Ed. "Housing Crisis Grips Ireland a Decade After Property Bubble Burst". New York: *The New York Times*, 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/08/08/world/europe/housing-crisis-ireland.html> Acesso em: 07 de junho de 2020.

OLIVEIRA, G. F. DE; CARREIRO, G. S. P.; FERREIRA FILHA, M. DE O.; LAZARTE, R.; VIANNA, R. P. DE T. "Risco para depressão, ansiedade e alcoolismo entre trabalhadores informais". In: *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 12, n. 2, p. 272-7, 2010. <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/10354/6909> Acesso em: 28 de maio de 2020.

ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PADDINGTON. Direção: Paul King. Roteiro: Paul King. Produção: David Heyman. United Kingdom: StudioCanal, 2014.

PANAYI, Panikos. *An Immigration History of Britain: Multicultural Racism since 1800*. London: Routledge, 2010.

PET SHOP BOYS. *Please*. London: Parlophone, 1986. Disponível em: [https://open.spotify.com/album/0AwBxVtsvLVwmaVwwe5beS?si=fbgHdZ\\_jQduo2Vd1PJ1txQ](https://open.spotify.com/album/0AwBxVtsvLVwmaVwwe5beS?si=fbgHdZ_jQduo2Vd1PJ1txQ) Acesso em: 24 de abril de 2020.

PLANET HEMP. *Os Cães Ladram mas a Caravana Não Pára*. Rio de Janeiro: Sony, 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/4HeTmf2mFKrOC4Gw50lTM?si=NmOzk14rTgaNoXI6cwFlfg> Acesso em: 24 de abril de 2020.

QUANTUM OF SOLACE. Direção: Marc Forster. Roteiro: Paul Haggis, Neal Purvis e Robert Wade. Produção: Michael G. Wilson e Barbara Broccoli. United Kingdom: Sony, 2008.

QUEIROZ, Eça de. ORTIGÃO, Ramalho. *Os Brasileiros*. Rio de Janeiro: Instituto Português do Livro e Ministério da Cultura/Língua Geral, 2007.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. "A capoeira: de "doença moral" à "gymnástica nacional". In: *Revista de História*, Universidade de São Paulo: São Paulo, 1993. n. 129-131, p. 221-235.

RICOEUR, Paul. *Memory, history, forgetting*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

ROBINSONS, Bertram Fletcher. "The people of the abyss". In: *Daily Express*, 1904.

Disponível em:

[https://paperspast.natlib.govt.nz/newspapers/AG19040109.2.36.8?end\\_date=31-12-1904&items\\_per\\_page=10&query=people+of+the+abyss&snippet=true&start\\_date=01-01-1903](https://paperspast.natlib.govt.nz/newspapers/AG19040109.2.36.8?end_date=31-12-1904&items_per_page=10&query=people+of+the+abyss&snippet=true&start_date=01-01-1903) Acesso em: 03 de maio de 2020.

RULE, Fiona. *The worst street in London*. Hersham: Ian Allan Publishing, 2010.

SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. "Entre o narrador e matéria narrativa: notas de leitura de *O cortiço*". In: *Nau Literária*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2019. v. 16 n. 2.

SCHULTZ, Kirsten. *Versalhes tropical: império, monarquia e a Corte real portuguesa no Rio de Janeiro*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências Brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SHERLOCK. Direção: vários. Roteiro: Stephen Thompson, Steven Moffat e Mark Gatiss. Produção: Mark Gatiss, Steven Moffat, Beryl Vertue e Sue Vertue. United Kingdom: BBC, 2010.

SKYFALL. Direção: Sam Mendes. Roteiro: Neal Purvis, Robert Wade e John Logan. Produção: Michael G. Wilson e Barbara Broccoli. United Kingdom: Sony, 2012.

SONTAG, Susan. *Regarding the pain of others*. New York: Farrar, 2003.

SOUZA, Carlos Augusto Hentges. *London em Londres: Jornalismo, Literatura, O Abismo em 1900*. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SPECTRE. Direção: Sam Mendes. Roteiro: John Logan, Neal Purvis, Robert Wade e Jez Butterworth. Produção: Michael G. Wilson e Barbara Broccoli. United Kingdom: Sony, 2015.

THE CLASH. *London Calling*. London: CBS Records, 1979. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/6FCzvataOZh68j8OKzOt9a?si=YWLL02p7SAqRiXSPeYECFA> Acesso em: 24 de abril de 2020.

THE KINKS. *Something Else*. London: Pye, 1967. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/5ktMgVAJtsv4HagfFliWpR?si=8gpoyVOgSry4wtaZacF6ww> Acesso em: 24 de abril de 2020.

TOM JOBIM. *The Composer of Desafinado Plays*. New York: Verve, 1963. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/4mzp7IQ7LAh9TAuKrw9PE?si=dXWJPv7JRUS5tdc9zpVENQ> Acesso em: 24 de abril de 2020.

TOM JOBIM. *The Wonderful World of Antonio Carlos Jobim*. Warner Bros, 1965. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/5TGwdCOJzrpqTEFu7Uojkn?si=7lp1jMiwQxSbTxrGbMfKyA> Acesso em: 24 de abril de 2020.

TROPA DE ELITE. Direção: José Padilha. Roteiro: Bráulio Mantovani, José Padilha e Rodrigo Pimentel. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Brasil: Universal, 2007.

UM LUGAR AO SOL. Direção: Gabriel Mascaro. Roteiro: Gabriel Mascaro. Recife: Plano 9, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pOH5SWK6Mcc&feature=youtu.be> Acesso em: 14 de maio de 2020.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

ZOLA, Émile. *L'Assommoir*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ZOLA, Émile. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

## Apêndice – Rio de Janeiro

Depois de estudarmos e analisar *O cortiço* e *The people of the Abyss*, cabe ressaltar que tanto Rio de Janeiro quanto Londres são temas recorrentes nas mídias artísticas em geral: documentários, filmes, músicas, performances, pinturas, etc. Um dos pontos que chama a atenção sem dúvidas é a diferença na forma de representar as duas cidades e, também, o modo de representar a mesma cidade em momentos distintos, seja exaltando as belezas naturais, a vida corrida, o clima, a violência urbana ou um dia cotidiano em uma das duas megalópoles. Aluísio Azevedo e Jack London foram aqui escolhidos por retratarem as duas cidades do ponto de vista literário e, a partir disso, iniciarmos a análise, mas cabe também mostrar como as cidades são apresentadas em outras vozes e mídias.

A forma de representar as cidades mudou conforme as décadas avançavam no século XX, especialmente quando falamos do Rio de Janeiro em que os encantos naturais acabavam por ser o principal tema de composições artísticas. O panorama só viria a mudar com a introdução dos conflitos urbanos presentes na capital carioca, mas isso, em momento algum, significou deixar o Pão de Açúcar ou o Corcovado para trás, mas sim um reajuste nas artes que se utilizou dos monumentos naturais como plano de fundo para uma cidade que parecia estar sempre em conflito consigo mesma. Aparentemente tudo era válido para poder utilizar as belezas naturais cariocas como *background* em histórias na primeira metade do século XX, como podemos ver no filme *Notorious* (1948), de Sir Alfred Hitchcock. O diretor inglês já estava na sua "fase americana"<sup>55</sup> quando dirigiu o filme em que os personagens de Cary Grant e Ingrid Bergman desembarcam na capital carioca para investigarem o refúgio de cientistas nazistas que tramam contra o futuro da humanidade. Por mais simples que o *plot* possa ser, as qualidades de Hitchcock sempre se observaram por ser capaz de produzir filmes dotados de grande qualidade artística mesmo quando oriundos de roteiros medianos.

O diretor britânico fez questão de nos mostrar que o plano de fundo do apartamento dos protagonistas é o Rio de Janeiro. Ao fazer isso, Hitchcock não poupa esforços em mostrar que, partindo da mesma janela, Cary Grant e Ingrid Bergman são capazes de observar as praias e, ao mesmo tempo, um farol muito semelhante ao corcovado e seu Cristo Redentor iluminado. O apartamento é visivelmente localizado à beira-mar, com a filmagem de fundo possivelmente mostrar os prédios de Copacabana por conta da curvatura da costa. É interessante notar que não

---

<sup>55</sup> As fases de Sir Alfred Hitchcock são geralmente divididas entre o seu cinema inglês, que se iniciou ainda com filmes mudos, até que o diretor se mudasse para o estado da Califórnia e iniciasse a "fase americana", trabalhando principalmente com Cary Grant, James Stewart e Grace Kelly.

há indícios da existência de um farol em tal localidade e, também não poderia ser o Cristo Redentor, uma vez que isso implicaria em fazer com que o Corcovado estivesse inserido no mar de Copacabana. O único endereço possível para existir água e o Cristo na mesma imagem seria nos arredores do bairro da Lagoa, na zona sul carioca, mas, como o nome já diz, não há praia, apenas a Lagoa Rodrigo de Freitas. Apesar disso, Cary Grant e Ingrid Bergman trocam beijos em um apartamento incrustado nas areias cariocas enquanto admiram o misterioso farol, ou Cristo, que ilumina as águas do oceano.

Quase duas décadas após o filme de Hitchcock, é possível que tenhamos a mais reconhecida manifestação sobre a cidade do Rio de Janeiro e, novamente, seu plano de fundo esculpido nas encostas dos seus diversos morros. Tom Jobim produz o famoso embalo presente em "The Girl from Ipanema", em que é justamente um dos responsáveis pelos primeiros passos da Bossa Nova. O arranjo viria a ser gravado utilizando a poesia de Vinícius de Moraes, presente no álbum *Getz/Gilberto* (1964), e seria galardoado como "Produção do Ano" na sétima edição do prêmio Grammy. Por mais que essa canção verse primordialmente sobre a garota de Ipanema e suas constantes caminhadas até à praia de Ipanema, assim como acontece em "She's a Carioca", Tom Jobim e Vinícius de Moraes se notabilizam por trazerem o Rio de Janeiro como plano de fundo de suas composições sempre que possível.

No primeiro álbum de estúdio de Tom Jobim, *The composer of Desafinado plays* (1963), o músico nascido no bairro da Tijuca apresenta composições instrumentais que já eram ou viriam a ser gravadas por João Gilberto ou Astrud, como "Corcovado", "Chega de Saudade" e "Desafinado". A letra de "Corcovado", escrita pelo próprio Tom Jobim, traz em palavras toda a melancolia das notas da Bossa Nova e sua inserção no contexto da capital carioca, como acontece em: "Muita calma pra pensar/ E ter tempo pra sonhar/ Da janela vê-se o Corcovado/ O Redentor que lindo/ Quero a vida sempre assim com você perto de mim/ Até o apagar da velha chama". A canção viria a ser gravada em inglês, curiosamente, sem qualquer menção às atrações cariocas, como acontece com Tony Bennett, onde a composição em língua inglesa envolve apenas laços amorosos.

Tom Jobim retorna dois anos mais tarde, com o álbum *The wonderful world of Tom Jobim* (1965) de forma muito mais enfática para mostrar o Rio de Janeiro em um álbum não mais apenas instrumental, mas com letras escritas em português em conjunto com Moraes. Jobim apresenta neste álbum: "She's a Carioca", "Useless Landscape", "Favela" e "Samba do Avião". Na primeira música mencionada, as letras são cantadas em inglês por Ray Gilbert, seguido imediatamente pela voz de Jobim, produzindo o trecho icônico: "And you know what

else she's a carioca/ Ela é carioca/ Here she comes". Em outro trecho, Jobim usa o mar como plano de fundo, acontecendo o mesmo em "Useless Landscape", onde o eu-lírico está rodeado de belezas naturais, mas que, sem sua amada, não tem a mesma beleza: "What's the use of the waves that will break/ In the cool of the evening/ What is the evening/ Without you/ It's nothing" (Para que servem as ondas quebrando/ No frio da noite/ O que é a noite/ Sem você/ Não é nada<sup>56</sup>). Ainda assim, talvez seja em "Samba do Avião", composta e escrita por Jobim, que o músico alcance uma expressão ainda melhor sobre sua visão da capital carioca, como pode ser visto nos trechos: "Rio, você foi feito prá mim/ Cristo Redentor/ Braços abertos sobre a Guanabara/ Este samba é só porque/ Rio, eu gosto de você/ A morena vai sambar/ Seu corpo todo balançar/ Rio de sol, de céu, de mar/ Dentro de mais um minuto estaremos no Galeão/ Copacabana, Copacabana".

Passando por diversos cartões postais, Jobim reforça a leve melancolia, típica da Bossa Nova, em uma quase carta de amor à cidade. O compositor dessa vez escreve sem uma musa inspiradora de carne e osso em mente, como fora com a garota de Ipanema, mas com a cidade do Rio de Janeiro vista pela janela do avião enquanto pousa, ou decola, no aeroporto em que, curiosamente, foi rebatizado posteriormente para "RIOGaleão – Aeroporto Internacional Tom Jobim". Sendo "Samba do Avião" uma expressão máxima sobre as belezas presentes na cidade, a canção "Favela" nos apresenta questões que viriam a ser fortemente debatidas algumas décadas mais tarde. Jobim, recém passado da metade do século XX, aponta para as discrepâncias sociais em um país que havia abolido a escravidão a menos de 80 anos. Jobim escreve: "O morro não tem vez/ E o que ele fez já foi demais/ Mas olhem bem vocês/ Quando derem vez ao morro/ Toda a cidade vai cantar".

Nos seus versos podemos visualizar a divisão entre o "morro" e aqueles que não são do morro, onde integrantes da classe média carioca possivelmente não permitiam a participação de moradores das favelas tanto nas produções musicais quanto em qualquer outro aspecto cotidiano. Essa inabilidade de adequar num mesmo panorama os descendentes de escravos, os trabalhadores livres e os burgueses acabaria por tornar do Rio de Janeiro uma das megalópoles mais violentas do mundo contemporâneo, fazendo com que as disputas sociais passem a ser temas de produções artísticas do final do século XIX em diante.

Não se pode deixar de citar os filmes *Cidade de Deus* (2002) e *Tropa de Elite* (2007) seja por conta de suas interpretações muitas vezes errôneas, ou seja por conta de seus sucessos

---

<sup>56</sup> Tradução própria

comerciais ao retratar a violência urbana carioca do ponto de vista dos moradores da favela da Cidade de Deus e pelo ponto de um policial de elite do Rio de Janeiro. A narração do personagem interpretado por Wagner Moura, por exemplo, é utilizada para atenuar a violência mostrada ao telespectador. Há toda uma outra discussão possível sobre o filme de Padilha e suas intenções artísticas.

A música sobre as favelas continuaria sua caminhada depois da música de Tom Jobim até chegar no bem recebido e bem sucedido álbum *Os Cães Ladram mas a Caravana Não Para* (1997), da banda carioca de rap Planet Hemp. Liderados por Marcelo D2 e BNegão, os integrantes lançaram seu segundo álbum onde a faixa de estreia é nomeada por "Zerovinteum", clara referência ao código de área da cidade: 021. A canção se inicia com o seguinte trecho: "Rio, cidade-desespero/ A vida é boa mas só vive quem não tem medo/ Olho aberto malandragem não tem dó/ Rio de Janeiro, cidade hardcore/ Arrastão na praia não tem problema algum/ Chacina de menores é aqui 021/ Polícia, cocaína, Comando Vermelho/ Sarajevo é brincadeira, aqui é o Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro, demorô, é agora/ Pra se virar tem que aprender na rua/ O que não se aprende na escola".

O longo trecho revela que *a cidade* havia mudado um tanto quanto desde as letras de Tom Jobim ou o filme de Sir Alfred Hitchcock. Sem ser ingênuo, as vozes do morro finalmente haviam tido a oportunidade de se expressar, conforme cantava Jobim. Planet Hemp revela grande perícia ao tratar da antiga capital federal do ponto de vista dos jovens rappers moradores de comunidades menos favorecidas que, quando aliado às batidas da música, se faz uma experiência brutal. Em poucos trechos, a letra escrita por Black Alien, BNegão, Formigão e Marcelo D2 trata de diversos acontecimentos no dia a dia da cidade maravilhosa, desde os arrastões, praticado geralmente por menores de idade oriundos das favelas e comuns em praias da zona sul carioca, até a incapacidade e crueldade policial ao lidar com a desigualdade herdada desde antes da assinatura da Lei Áurea.

Já no insólito filme *Como ser solteiro* (algumas vezes referenciado como "Como ser solteiro no Rio de Janeiro"), a música do talentoso Toni Garrido, feita especialmente para o filme, parece não dialogar com os ideais trazidos por D2 e sua trupe, mas sim apenas exaltando as belezas naturais tanto da cidade quanto dos habitantes, acima de tudo. Alguns dos infames trechos que representam tal ponto de vista podem ser vistos em: "Tira a camisa, esse clima tá de abafar/ Liberem suas delícias, parado não dá pra ficar/ Movimentos circulares, zona sul de bar em bar/ [...] Corpos malhados, sorrisos talhados/ Só flerte, só affair". Essa música não poderia deixar de ser trazida pois, no mesmo filme em questão, a trilha sonora insere também

"Zerovinteum", fazendo com que o filme adquira, apesar da premissa curiosa, um certo autoconhecimento sobre a cidade narrada.

Por fim há dois documentários brasileiros, um deles é uma das obras mais importantes e viscerais para representar a cidade carioca, dirigido por Eduardo Coutinho, o documentário *Edifício Master* (2002) nos apresenta a cidade vista em perspectiva micro. O edifício em questão é um prédio residencial localizado a uma quadra da praia de Copacabana onde cidadãos das mais diversas classes sociais e etnias habitam alguns dos 502 apartamentos disponíveis. Coutinho foi capaz de reproduzir boa parte da capital carioca a partir de um grande edifício, já que ali temos antigos habitantes da burguesia, cidadão de classe média e algumas ascensões sociais recentes. O microcosmo proposto por Coutinho funciona no momento em que partimos de um morador a outros completamente diferentes que estão todos sob coordenação do síndico Sérgio, gestão duradoura desde o início dos anos 2000, cujo tema é definido por ele mesmo como: "eu uso muito Piaget, quando não dá certo, eu parto para Pinochet".

Por mais que a intenção aqui seja muito mais apresentar como as duas cidades são retratadas em diferentes mídias, é muito difícil passar pelas falas do documentário de Mascaro, *Um lugar ao sol* (2009), sem tecer comentários que sejam favoráveis à ideia apresentada aqui nesta dissertação. O foco principal do material audiovisual produzido por Mascaro parece ser deixar com que os moradores das coberturas brasileiras apresentem seus modos de ver a vida livremente, quase sem interrupção da equipe de filmagem. Ao fazer isso, o diretor parece também sempre direcionar a conversa para os conflitos de classes existentes e quais são as vantagens de se viver no ponto mais alto do prédio, a sensação de segurança, a paisagem e a privacidade.

Caberia ainda um ou mais parágrafos sobre a representação do Rio de Janeiro naquelas que são os produtos audiovisuais mais consumidos pelos brasileiros: as novelas. Ao invés disso, me permitirei dar voz ao multipremiado ator francês Vincent Cassel onde, em entrevista à Trip TV, o ator, que reside no Rio de Janeiro, expressa sua opinião sobre a forma de atuar da televisão brasileira da seguinte forma:

“Eu acho que estraga a atuação [trabalhar em novelas], não todos, mas muitas vezes, porque você tem que rodar muito rápido, você não tem tempo, você tem que colocar uma emoção super, sabe?! Nas novelas, sempre as pessoas brigam, choram e tal, então tem seu jeito de atuar que na verdade, depois de um pouco, não tem mais uma sensibilidade precisa das pequenas coisas” (CASSEL, 2016).

## Apêndice - Londres

Atravessando o oceano, chegamos à forma de representar Londres nas diferentes mídias, especialmente sonoras e audiovisuais, onde as questões sociais não são tão profundas e exploradas, como ocorre nas representações tupiniquins. Em 1967, a banda oriunda de Londres The Kinks disponibilizava o seu quinto álbum de estúdio intitulado *Something else* (1967), em que a faixa "Waterloo Sunset" se iniciava com uma das maiores referências à vida londrina logo em seus primeiros trechos, como pode ser visto em: "Dirty old river, must you keep rolling/ Flowing into the night/ People so busy, make me feel dizzy/ Taxi light shines so bright" (Velho rio sujo, você precisa continuar fluindo pela noite / As pessoas tão ocupadas, fazem-me sentir tonto/ A luz do táxi brilha tão clara<sup>57</sup>). O velho rio sujo não poderia ser outro senão o Rio Thames, que no século XIX já chegou a ser chamado de "O Grande Fedor". O processo fez com que fosse insuportável permanecer nas casas do parlamento, em Westminster, por conta do cheiro, principalmente, de dejetos humanos no fundo do Thames. A situação só melhorou por conta das inovações de engenharia promovidas por Sir Joseph Bazalgette (ACKROYD, 2000), que promoveu uma melhora tecnológica na forma de tratar e escoar a água dos londrinos. O Thames, como vimos ao longo de todo esse escrito, cumpre sua função quase como um personagem na história de todo o Reino Unido.

Outro trecho de "Waterloo Sunset" retrata a enorme quantidade de pessoas que frequentavam as estações de trem, nesse caso, em especial, a Waterloo Station, como podemos ver em: "Millions of people swarming like flies/ Round Waterloo underground/ But Terry and Julie cross over the river/ Where they feel safe and sound"(Milhões de pessoas voando como moscas/ ao redor do metrô de Waterloo/ Mas Terry e Julie atravessam o rio/ Onde eles se sentem seguros). A Waterloo Station, hoje conhecida como London Waterloo Station, recebe, junto da King's Cross – St. Pancras Station, a maior parte dos trens destinados à cidade de Londres. Assim, não é surpresa que o eu-lírico da banda The Kinks veja "milhões de pessoas" na estação e que, talvez por conta dessa multidão, Terry e Julie fujam para, provavelmente, a ponte de Waterloo, olhando em direção às casas do parlamento enquanto admiram o pôr do sol.

Avançando para o final dos anos 1970, quando o punk-rock dominava a música inglesa, temos a banda The Clash e o seu terceiro disco de estúdio intitulado *London Calling* (1979) que, além de muito bem sucedido nas vendas, foi aclamado pela crítica, recebendo nota máxima pela maioria dos jornais e revistas. A frase "This is London calling..." foi utilizada pelo

---

<sup>57</sup> Tradução própria

conglomerado britânico BBC para identificar-se em transmissões durante a Segunda Guerra e é, a partir disso, que a banda inicia seu álbum com a música homônima. Em uma Londres chuvosa e cinzenta, a banda filma seu videoclipe daquela que seria uma das mais famosas "homenagens" à capital inglesa. Com refrão aos gritos de "I live by the River", a música é repleta de mensagens políticas, como, por exemplo, uma espécie de antecipação à chegada de Margaret Thatcher ao poder ao avisar que a "era glacial estava chegando". A Guerra Fria levou à chegada de uma das figuras mais controversas da política britânica, mergulhando o Reino Unido em constantes combates da *working class* com os representantes do governo de Thatcher. The Clash ainda produziria outros elementos claramente enviesados a favor do *Labour Party*<sup>58</sup>.

Em 1986, a dupla eletrônica Pet Shop Boys lança um álbum bem característico às tendências dos anos 1980: *Please* (1986). Nele, há a faixa "West End Girls" que somente pelo título já antecipa uma diferença de classes sociais existentes em Londres. Nos anos 80, Londres era, e ainda é, dividida entre o oeste (West) rico e o leste (East) menos favorecido, indo completamente de encontro à aventura de Jack London na miséria do *East End* londrino. Toda a questão Oeste x Leste londrino foi abordada ao longo deste escrito, mas se pode dizer ainda que o bairro intitulado *City of London*, centro financeiro de Londres, seja o marco central da cidade desde a chegada de Guilherme, o Conquistador, em 1066. Hoje em dia, o Oeste abriga as casas do parlamento e grande parte das moradias mais privilegiadas da cidade e próximas ao Hyde Park, como os bairros de Westminster, Chelsea, Kensington e Knightsbridge. O eu-lírico da canção parece ser um garoto do lado Leste da cidade, terra dos menos favorecidos, e seus amigos costumam frequentar a parte mais central da cidade em busca de namorar garotas em melhores condições financeiras, como fica evidente no refrão da música: "In a West End town, a dead end world/ The East End boys and West End girls" (Na parte de West End, um mundo sem saída/ Os garotos do leste e as garotas do oeste).

Mais do que a barreira social imposta entre oeste e leste, a música implica uma sensação de pouca esperança para ascensão social, muito marcada especialmente nos anos 1980. A situação muda um tanto quanto com a chegada do BritPop, onde bandas como Oasis e Blur rivalizavam pelo topo das paradas, mas concordavam em dar voz às classes trabalhadoras inglesas, tão reprimidas durante o governo Thatcher. Os irmãos Gallagher, filhos da *working class* de Manchester, formam a banda Oasis e sempre deixam claro a contrariedade aos métodos do *Thatcherism*. A popularidade do BritPop acaba por promover também o candidato Tony

---

<sup>58</sup> A política britânica é tradicionalmente dividida entre o *Conservative Party*, associado à direita, e o *Labour Party*, que faz associação com a esquerda britânica geralmente representada pela classe trabalhadora.

Blair à vitória no ano de 1997. Damon Albarn, vocalista do Blur, também fez parte da *Cool Britannia*<sup>59</sup>, assim como os integrantes da banda Oasis e, talvez por conta disso, suas letras deixem claro a insatisfação e o pessimismo com o legado do governo do *Conservative Party*. Isto pode ser visto na música "For Tomorrow", do álbum *Modern life is rubbish* (1993), que descreve um jovem trabalhador londrino em um dia de neve no inverno, em que o personagem tenta não ficar doente para, implicitamente, poder aguentar mais alguns dias e assim melhorar sua condição: "He's a twentieth century boy/ With his hands on the rails/ Trying not to be sick again/ And holding on for tomorrow/ London ice cracks on a seamless line/ He's hanging on for dear life/ And so we hold each other tightly/ And hold on for tomorrow, singing" (Ele é um garoto do século XX / Com as mãos nos corrimãos / Tentando não ficar doente de novo / E esperando pelo amanhã / O gelo de Londres racha em uma linha contínua / Ele está esperando por uma boa vida / E assim nos abraçamos com força / E espera pelo amanhã, cantando).

O período de recessão pós *thatcherism* fez com que um forte pessimismo se abatesse sobre as ilhas britânicas, assim, "esperar pelo amanhã" vale para aqueles jovens que não são capazes de visualizar um futuro próximo tão promissor quanto fora possível outrora. A canção segue e o pessimismo dá lugar a pontos londrinos como Emperor's Gate, Westway e finalmente, ao fim da música, Primrose Hill em: "Let's take a drive to Primrose Hill"/ It's windy there and the view's so nice/ London ice can freeze your toes/ Like anyone, I suppose you're/ Holding on for tomorrow" (Vamos dirigir até Primrose Hill/ Lá é ventoso e a vista é boa/ O gelo de Londres pode congelar seus dedos/ Como todo mundo, eu imagino que você esteja/ Esperando pelo amanhã). Primrose Hill é um local elevado no qual se pode ver a parte central da City of London, o previamente citado centro financeiro da cidade. É interessante a narrativa partir de um momento de falsas esperanças, para uma localidade de bela vista onde se pode justamente visualizar o local em que a maior parte dos empregos está, mas sem esquecer de afirmar que "modern life is rubbish" (vida moderna é um lixo), sentença que também viria a ser o nome do álbum.

Damon Albarn e o Blur alcançaram o estrelato logo nos anos seguintes ao lançamento de *Modern Life is Rubbish*, chegando ao ponto de Blur e Oasis lançarem singles no mesmo dia, 14 de agosto de 1995, fazendo com que a banda londrina ficasse em primeiro lugar enquanto

---

<sup>59</sup> Inspirado pela cultura dos anos 1960, esse momento histórico perpetuou-se por toda década de 90 no Reino Unido e foi denominado como *Cool Britannia*. Assim como a *Swinging London* das minissaias e dos cabelos emplastados de gel, a *Cool Britannia* também foi um movimento popular iniciado pelos jovens ingleses a partir da moda, da música e da arte. A explosão midiática de bandas como *Oasis*, *Blur* e *Spice Girls* contribuiu de forma direta para a disseminação dos ideais do estilo musical chamado *Britpop*, levando assim a uma renovada era de otimismo no Reino Unido, muito contrário aos sentimentos vividos nos anos 1970 e 1980

relegassem o segundo posto para o Oasis. Assim, o BritPop era capaz de caminhar a passos largos para ser um dos maiores representantes da cultura oriunda das classes trabalhadoras, coincidindo com a derrota do *Conservative Party*, e sendo capaz de rejuvenescer as esperanças no futuro britânico. O dia a dia dos jovens britânicos continuaria a ser representado pelas duas bandas e outras mais, com especial atenção ao indie rock do início dos anos 2000, até a chegada de uma peça de teatro capaz de seguir de forma ácida a representação da juventude britânica e especialmente londrina. Idealizada por Phoebe Waller-Bridge, a peça foi encenada pela primeira vez em 2013 e três anos mais tarde *Fleabag* (2016) se torna uma minissérie na poderosa BBC.

Ao longo de suas duas temporadas, a série foi premiada com 2 Globos de Ouro e 6 prêmios Emmy, sendo aclamada pela crítica, principalmente britânica, por retratar uma jovem inglesa moradora da cidade de Londres em suas desventuras amorosas e familiares. A importância de *Fleabag* aqui, para essa discussão, se dá pelo roteiro de Waller-Bridge em usar Londres como plano de fundo para uma narrativa ambientada em uma megalópole. Londres, em nenhum momento, é a protagonista da história. A personagem de Waller-Bridge se move por entre diversas camadas sociais, comuns em grandes cidades, tendo que lidar desde com o mau gerenciamento do próprio restaurante até frequentar grandes exposições de arte em prédios à beira do rio Thames. A solidão de *Fleabag* é universal, todos naquela grande cidade podem passar pelos problemas de insegurança da personagem, e ser universal é uma das principais características da Londres atual. Grande parte da porcentagem dos habitantes da capital britânica não tem origem londrina ou inglesa, fazendo dela uma das cidades mais cosmopolitas do mundo moderno.

O fluxo de imigração presente desde os tempos da narrativa de London faz com que não apenas irlandeses, mal vistos desde a *Great Famine*<sup>60</sup> (RULE, 2010), adentrem as terras da Grã-Bretanha. Asiáticos e europeus (muitos dos quais judeus) buscaram historicamente em Londres uma melhor condição de vida (PANAYI, 2010), fazendo com que o panorama encontrado por *Fleabag* seja de uma cidade gigantesca e formada pelas mais diferentes culturas do mundo. A Londres de Phoebe Waller-Bridge é muito diferente de alguma eventual idealização em tempos de Brexit<sup>61</sup>: a cidade é apenas o plano de fundo, mas a história de *Fleabag* não poderia ser

---

<sup>60</sup> Great Famine é o período compreendido a partir dos anos 1840 em que uma praga atinge quase a totalidade da produção de batatas da Europa, no entanto, na Irlanda muitas famílias dependiam apenas de batatas para sobreviver e, por conta disso, o país perdeu quase 30% de sua população.

<sup>61</sup> A votação para o Brexit foi delimitada pelo antigo primeiro ministro David Cameron, onde, por uma porcentagem mínima, se decidiu retirar o Reino Unido da União Europeia. Muitos dos argumentos acabaram por ser pautados em pensamentos anti-imigratórios.

ambientada em qualquer cidade. Era necessário que Londres fosse seu palco e, por menos utilizada que fosse, poucas cidades teriam a capacidade de atuar dessa forma para contribuir com a narrativa. O clima não é chuvoso, os casacos não são pesados (como acontece em *Sherlock* (2010), da mesma BBC), as tradições quase não estão presentes e as características físicas da cidade não aparecem muito por conta dos *takes* sempre em ambientes fechados. No entanto, a forma de ambientar relações humanas no meio de tantas culturas sem fazer disso um ponto de discussão é o que faz com que *Fleabag* possa entregar uma narrativa cosmopolita em uma das únicas cidades possíveis para isso. Situação muito semelhante, e que corrobora o defendido aqui, aparece na última cena do filme *Paddington* (2014), onde o protagonista, que é literalmente um urso falante, acaba de assentar sua moradia em Londres e diz que, mesmo que ele seja tão diferente dos demais, se sente em casa na cidade, já que há pessoas de todas as origens vivendo ali. Por mais que seja importante termos em mente de que o urso Paddington, de autoria do escritor Michael Bond, seja uma importante figura que atua para propagar os ideais britânicos, não podemos deixar de notar que o pequeno animal reforça essa identidade de cidade cosmopolita que respira as mais diversas culturas do mundo, sendo capaz até mesmo de fazer com que um urso se sinta acolhido em meio a tanta diversidade.

Partindo justamente rumo ao oposto disso, temos a longa franquia de filmes do agente James Bond, criado por Ian Fleming, intitulada aqui no Brasil como 007. Alguns aspectos dos filmes do espião da MI6 se transformaram ao longo dos anos: o agente passou a ter menos atitudes machistas, vilões remeteram menos à xenofobia e as cenas de clímax agora acontecem em território britânico. Em *Casino Royale* (2006) e *Quantum of Solace* (2008) os climaxes das narrativas acontecem na Itália e América do Sul, respectivamente, já, deste momento em diante, sob a direção de Sam Mendes, se escolhe levar as batalhas finais de Bond para dentro de sua própria ilha, por mais metafórico que isso possa parecer. Em *Skyfall* (2012) e *Spectre* (2015), as cenas finais se desenvolvem em grande parte em Londres, ocorrendo a destruição da MI6 e da Westminster Bridge, e na Escócia, terra dos pais do agente secreto. Tudo isso dito, voltamos ao ponto de discordância entre 007 e *Fleabag*: a Londres de Bond é física, ela existe e faz com que a história se mova sob a capital britânica. Na maioria das cenas em que Bond (Daniel Craig) telefona para M (Dame Judith Dench) há o contraste de paleta de cores e de climas. Bond geralmente está em algum local tropical ou desértico, representado pelos tons exageradamente amarelados e pelo sol escaldante, no entanto, no *take* seguinte, quando aparece a personagem M, temos uma Londres escura, cinzenta e sempre dotada de chuvas torrenciais.

A chuva de Londres nos últimos quatro filmes da franquia chama a atenção por ser intensa e contínua, o que é comum a países tropicais e não em climas oceânicos, fazendo com que a Londres de Bond sempre esteja marcando seu espaço durante a narrativa, nem que seja por uma pequena janela ao fundo na cena. Esse contraste é sempre, como dito, marcado à exaustão pelo amarelado de países da África, oriente médio ou América do sul. Além de dar a impressão de ser mais quente, da sensação de calor e do abafamento do que realmente deveria ser, a cor amarela no cinema também é utilizada em aglomerações (Color Psychology, 2016), como acontece na cena de abertura de *Spectre* (2015). Em contraste a isso, temos a Londres sempre chuvosa e de tonalidades em azul, fazendo com que o telespectador tenha a impressão de que todos os dias são nublados e sem sol. O azulado de Londres representa uma espécie de calma, afastamento e solidão, mesmo estando em meio a uma das maiores cidades do mundo.